



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA- UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS- CAMPUS IV

ELIENE UEJI MARINHO DA CRUZ

**RELIGIÃO E POLÍTICA: A TRAJETÓRIA DE PADRE JOSÉ
HEHENBERGE NUMA PERSPECTIVA LIBERTADORA**
(1980-1990)

Jacobina – BA
2015

ELIENE UEJI MARINHO DA CRUZ

**RELIGIÃO E POLÍTICA: A TRAJETÓRIA DE PADRE JOSÉ
HEHENBERGE NUMA PERSPECTIVA LIBERTADORA**

(1980-1990)

Trabalho de conclusão de curso apresentada à Banca examinadora do curso de Licenciatura em História do Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia – Campus IV, como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em História.

Orientador: Prof. Dr. José Carlos Araújo

Jacobina – BA

2015

Eliene Ueji Marinho da Cruz

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Jackson André da Silva Ferreira

Prof. Ms. Jedean Gomes Leite

Prof. Dr. José Carlos de Araújo Silva

AGRADECIMENTOS

Nessa longa estrada que é a vida muitas as pessoas nos estendem as mãos. Pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para que essa trajetória fosse possível. Agradeço a Deus pela sua infinita bondade em ter me concebido o dom de persistir. A minha família pela existência de pleno aprendizado. Aos meus irmãos de alma Carla Côrte Araújo e Cassiano Ferreira Nascimento pelos suportes imensuráveis que permeiam todo o processo de construção deste trabalho.

Agradeço imensamente a minha grande amiga Caroline Mesquita pelo apoio emocional tão importante quanto qualquer outro elemento aqui presente. Meus agradecimentos a minha querida amiga Elaine Moreira pela parceria na troca das experiências docente, por ouvir e compartilhar as inquietações da nossa profissão. Agradeço também por ter colaborado na tradução do resumo (abstrac) e por ter sido minha ouvinte das várias histórias sobre Pe. José.

Mirlana Lopes, obrigada pela amizade que o curso de História nos proporcionou construir. E, por ter se dedicado na transcrição da entrevista de Pe. José.

Agradeço o meu querido companheiro Alex Sandro Ribeiro Félix pela dedicação, paciência e cuidados. Ao seu lado a vida faz todo sentido.

Rui Marcos, obrigada pela amizade, as conversas descontraídas e muito prazerosas sobre nossa jornada pelo universo da pesquisa. Obrigada por ter me feito rir.

Meu obrigada a Martins Santos, pela presteza em me ajudar disponibilizando seu Trabalho de Conclusão de Curso e a grandiosa contribuição que seu trabalho representou na construção do meu.

Agradeço a Carlos Cardos pela amizade e discussões que possibilitaram pensar sobre os caminhos dessa pesquisa. Obrigada por ter tornado possível o meu encontro com Pe. José.

Um agradecimento também especial a Edson Silva, amigo que o curso de História me apresentou. Obrigada pela força na organização deste trabalho.

Agradeço ao meu orientador José Carlos de Araújo pelas contribuições que me levaram a pensar a trajetória de Pe. José na interface com as ações pastorais de Pe. Alfredo Haasler. Meu muito obrigada por chegar até aqui.

Roberto Ribeiro, agradeço pelas discussões e empréstimos das biografias sobre Pe. Alfredo Haasler. Elas foram muito importantes na construção deste trabalho.

DEDICATÓRIA

À Padre José- aquele que se encorajou, sensibilizou-se e resistiu bravamente na luta por uma sociedade mais justa. Luta que persiste até os dias de hoje, basta andarmos pelas periferias da cidade e não será difícil entender do que estou falando. “Guerreiro do além mar” que me contando sua história de vida me fez compreender que nas lutas cotidianas somos sujeitos capazes de escrever e entrar para a História.

À Minha Família- na presença e amor incondicional do meu companheiro Alex Sandro Ribeiro Félix, pessoa responsável por todos os caminhos que decidi trilhar. Seu apoio e compressão foram e são imensuráveis na minha vida. À minha filha Arianne Ueji, amor igualmente incondicional, sua existência delicada e singela nesses dias que foram tão difíceis foram bálsamo para meu espírito.

Irmã e Irmão de alma- Carla Côrte e Cassiano Nascimento que me deram força e motivação para sempre buscar o “impossível”. Pessoas que me ensinaram através de suas experiências que gente “miúda” é capaz de ganhar o mundo. Enquanto o mundo diz não, a gente persiste, dá a volta e se revigora. Com vocês aprendi: enquanto escrevemos histórias tecemos a nossa.

RESUMO

O ano 1979 foi marco de significativas mudanças para o cenário político, social e religioso da cidade de Jacobina. A chegada do Padre austríaco José Hehenberge nos possibilitou compreender diferentes formas de tecer política naquela sociedade, inaugurada por sujeitos sem vozes e vez. O processo movido na Vara Crime do Poder Judicial a partir de um Inquérito Policial contendo queixas-crime e pedidos de habeas corpus na Comarca de Jacobina possibilitou identificar uma rede de conflitos envolvendo o religioso e trabalhadores rurais. O Inquérito Policial anexo ao processo quando da investigação do atentado a bomba sofrido pelas residências de religiosos, nos possibilitou realizar algumas leituras sobre os discursos em que se ancoravam os depoimentos de membros das elites políticas locais nas acusações de que Padre José estaria utilizando o altar da Igreja para fazer política, promover a desordem colocando assim a paz citadina deixada pelo pároco que o antecedeu em risco. Todo esse processo representou para as elites dirigentes fossem elas representantes políticos, comerciais, fazendeiros, madames da alta sociedade e até mesmo para o clero conservador um risco para a ordem vigente. Nesse cenário, os recuos e avanços no tempo nos permitiram compreender que as configurações desse movimento inaugurado por Padre José também se encontram dentro de uma perspectiva macro, a saber, o processo de mudanças da Igreja Católica empreendida a partir dos Concílios do Vaticano II (1962), Medellín (1968) e Puebla (1979).

Palavras-chave: Política; Religião; Teologia da Libertação, Sociedade, Justiça.

ABSTRACT

The year 1979 was significant landmark changes to the political, social and religious landscape of the city of Jacobina. The arrival of Father José Austrian Hehenberge enabled us to understand different forms of political to spin that society inaugurated by subjects without voices and opportunity. The lawsuits filed in the Court of the Judiciary Crime from a police inquiry containing criminal complaints and requests for habeas corpus in the Judiciary District of Jacobina indicated us in a trap of conflicts involving religious and rural workers. At the same time, these processes awakened us to some readings of speeches in which anchored the testimony of members of the local elite in accusations that Father Joseph would be using the sanctuary of the church for do politics, promote disorder thus bringing little city, left the priest who preceded at danger . This process, accounted for director elites, be they politicians, salesmen, farmers, housewives, high society and even to conservative clerics a risk to the existing order. In this scenario, the return and advances in time allowed us to understand that the settings of the movement inaugurated by Father Joseph also with in a macro perspective, namely, the change process of the Catholic Church taken from the councils of Vatican II (1962), Medellín (1968) and Puebla (1979).

Keywords: Politics; religion; Liberation Theology, Law, Justice.

LISTA DE IMAGENS

Imagem I - Missa celebrada ao ar livre em frente à secular Igreja da Missão. Sem data e sem registro do autor da foto. Jacobina, Bahia.....p.27

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
 CAPÍTULO 1	
JACOBINA: CONTEXTO, TRAJETÓRIAS E DIFERENTES SUJEITOS	15
1.1 A cidade do “ouro” e a dinâmica econômica-social de outrora.....	15
1.2 “Guerreiros do <i>além mar</i> ” e a política jacobinense.....	18
1.3 O encontro entre os cistercienses: duas Igrejas?.....	28
 CAPÍTULO 2	
DENÚNCIA E CONFLITOS: O CASO DO SANTO BOM JESUS DA GLÓRIA E OUTRAS HISTÓRIAS.....	35
2.1 Entre O Santo E O POVO: “O DIA DO DESAGRAVO”.....	35
2.2 “Daí a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”.....	41
2.3 Padre José: Santo ou Demônio	45
2.4 Tecendo a Política: uma perspectiva libertadora.....	51
 CAPÍTULO 3	
OS CAMINHOS E DESCAMINHOS NA JUSTIÇA NA LUTA PELA TERRA.....	60
3.1 Um breve histórico da questão agrária.....	60
3.2 Padre José, “Animador do meio rural”.....	63
3.3 Os Direitos Humanos: a busca pelo conhecimento das estruturas de uma sociedade desigual e excludente.....	67
3.4 Entre queixas-crimes e habeas corpus: a mídia e o governo do Estado contra a violência no campo.....	76
CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
FONTES.....	89
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	90

INTRODUÇÃO

Existe um vasto campo de temas em pesquisa histórica que nos despertam interesses. Ouvi atenta a muitas sugestões. Acreditava até que já tinha feito a escolha do tema. Mas, o tempo foi passando e eu não me encontrava naquela perspectiva histórica. Interessava-me pela política, mas me saltava uma pergunta. Mas sobre qual política? Até que, lendo um artigo num blog com o tema: “*Padre Teve Título de Cidadão Cassado*” fui despertada pela curiosidade. Ao ler o conteúdo do artigo me encontrei pela primeira vez com meu objeto de pesquisa. Mas, era sobre política ou religião que eu queria pesquisar?

Essa foi uma resposta que as leituras e discussões realizadas durante o curso de graduação em história me ofereceram. Sim, religião e política se discutem. Relacionam-se intimamente.

A discussão proposta no artigo tratava-se de uma carta aberta à sociedade jacobinense impetrada pelo Frei carmelita Petrônio de Miranda. Nesse documento, o autor fez um breve comentário sobre o rompimento do contrato entre da Igreja Católica de Jacobina e a ordem religiosa dos Carmelitas. Afirmando que, o motivo da quebra do contrato era por causa do teor político e subversivo dos trabalhos desenvolvidos pela ordem Carmelita na cidade, mas que esses trabalhos eram “café pequeno” se comparado às ações pastorais de padre José Hehenberge, vejamos:

Se alguns consideram o trabalho dos carmelitas político e subversivo, em comparação à ação do Pe. José, ao longo de mais de 30 anos, é um “café”, pequeno. Aliás, a missão da vida religiosa na história da igreja sempre foi em defesa dos pobres de Javé, que o diga São Francisco de Assis e Frei Caneca, Frade Carmelita, fuzilado por ordem do imperador Dom Pedro I, no dia 13 de janeiro de 1825, ao lado do Forte das Cinco Pontas, em Recife-Pe, um dos principais líderes e combatentes de um movimento muito importante na história do Brasil: a Confederação do Equador.¹

Mas, o que fez o Pe. José em sua missão em Jacobina que tanto incomodou e ainda hoje incomoda algumas famílias jacobinenses? Para responder a esta pergunta, temos que voltar à história da igreja. A Ordem dos Cistercienses chegou a Jacobina no ano de 1938, assumindo a Paróquia de Santo Antônio que era então dirigida por

¹ MIRANDA, Frei. Petrônio de. Disponível em: www.paroquiadesantoantonio.com.br. 08 out. 2009. Acesso em 20/07/2014. Às 00h20min.

Padre Justiniano. Em 11 setembro de 1938, toma posse como vigário, Padre Alfredo Haasler. Entretanto, qual o papel do outro religioso da mesma ordem dos cistercienses, o Pe. José? Para responder a esta pergunta é interessante relatar alguns dados: O Pe. José chega ao Brasil, no ano de 1966, como estudante. É ordenado padre em 1968. Neste mesmo ano, acontecia em Medellín, a Conferência Geral do Episcopado Latino- Americano, fazendo a famosa opção pelos pobres, já contemplado pelo Concílio Vaticano-II. (1962-1965), ou seja, os padres passavam a evangelizar a partir da realidade concreta de todos os países.²

A partir da leitura desse artigo passei a me perguntar, quem era esse padre José? Questionamento que a princípio me direcionou a visitar as memórias dos moradores mais antigos na busca por elementos que pudessem me direcionar ao tema que eu pretendia pesquisar. Nessa incursão, as conversas sobre esse religioso iam revelando nas narrativas dos moradores pontos de vista de divergentes, e convergentes: *“Padre José? Ah, menina, era o padre que não sabia rezar missas”, “esse padre era corajoso, enfrentava os fazendeiros e ajudava os pobres”*. Era ouvindo essas pessoas que me sentia ainda mais curiosa e interessada sobre a trajetória desse religioso.

Sendo assim, o conhecimento sobre as inúmeras produções acadêmicas acerca da cidade de Jacobina me norteou a buscar por literaturas que pudessem contribuir para alguns entendimentos sobre o tempo em que padre José Hehenberge foi pároco no município. Nessa empreitada, o único trabalho que encontrei foi o da professora Valdecy Costa do Nascimento.³ E, durante a leitura do trabalho de Nascimento fui entendendo como a as narrativas dos seus depoentes e as notícias que foram páginas dos Jornais da capital e do interior baiano sobre os conflitos envolvendo padre José eram reelaboradas. Por isso, o trabalho da professora citada foi tão importante neste trabalho.

Todavia, creio que o desenvolvimento desta pesquisa avança em dois momentos do que foi proposto por Nascimento. A princípio por acreditar que todo o contexto estudado nas linhas que se seguem passou a ser compreendidos pela história de vida de padre José Hehenberge, ou seja, a sua trajetória está intimamente relacionada pelas escolhas e opções que ele fez, nos revelando várias dimensões para pensar a micro-macro história. Segundo, porque Nascimento afirma na introdução de seu trabalho que a

² MIRANDA, Idem.

³ NASCIMENTO, Valdecy Costa do. “A ação Pastoral de Padre José Hehenberge em Jacobina a partir do viés dos movimentos sociais no Brasil na década de 80”. Monografia de especialização apresentada ao Curso de Pós-graduação em História Cultural, Urbana e Memória. Universidade do Estado da Bahia-UNEB, campus IV. 2006

opção pelo estudo das fontes orais deveu-se ao fato de não existir documentos oficiais sobre a história de luta das camadas menos favorecidas. Enquanto as narrativas de seus depoentes revelavam a todo tempo a existência dessa documentação através da explosão das bombas nas residências dos religiosos (na abertura de um inquérito para apurar o caso), o atentado a vida do trabalhador rural Juvêncio de Souza envolvendo a questão agrária (abertura de um inquérito que resultou no processo queixa-crime e habeas corpus). Enfim, são todos documentos que possibilitaram a partir das falas das testemunhas a compreensão da história das pessoas simples, sejam elas, os valores, cultura, relações sociais, pensamento político, religioso etc.

Portanto, ao mencionar um atentado a bombas que foram lançadas na residência dos religiosos, a saber, a Casa Paroquial e o Convento das Irmãs Missionárias do Divino Espírito Santo, Nascimento deixou pistas de que o caso havia sido registrado e esteve em processo de apuração na Delegacia Regional da cidade. Com isso, no decorrer das discussões promovidas pela autora citada foram identificados outros conflitos envolvendo o religioso, trabalhadores rurais, posseiros e grileiros no município de Jacobina e localidades adjacentes na disputa pela terra.

Após esse processo de identificação da dimensão e repercussão dos casos citados acima, percebi que era possível que essa documentação estivesse em posse do Poder Judiciário da Comarca de Jacobina. Sendo assim, visitei o Arquivo do Judiciário-Fórum Jorge Calmon na tentativa de mapear essa documentação. Diferente do que se propõe para a conservação e organização de documentos dessa natureza, o Arquivo não dispunha na época de nenhum tipo criterioso de cuidados com os inúmeros documentos sob a sua guarda. Eram caixas e mais caixas de arquivos abarrocadas, empoeiradas, sujeitas a umidade do local e muito desses documentos agrupados sem critérios de classificação. O que tornou a procura por esses documentos num verdadeiro garimpo.

Em posse dessa documentação, pude analisar a origem dos documentos, as motivações da sua abertura, os tipos de denúncias e os depoimentos das testemunhas dos casos. O que me possibilitou realizar algumas reflexões acerca das ações pastorais de padre José, o contexto, seus desdobramentos e os sujeitos envolvidos. Desse modo, este trabalho se organizou da seguinte maneira:

No primeiro capítulo, busco apresentar a cidade de onde estou falando, para isso apresento algumas literaturas que existe sobre ela. Apresento essas literaturas

como referências e as diferentes compreensões impressas sobre a cidade de Jacobina, desse modo, possibilitar entendimentos ao leitor sobre qual cidade a minha pesquisa se assenta.

Sendo assim, tento contextualizar o período propondo destaque para alguns aspectos mais gerais, a saber: sociais, políticos e econômicos. Em seguida, indico como o caminho dos dois sujeitos deste capítulo (Padre Alfredo e Padre José) se encontram com a cidade. Faço ainda, um levantamento, mesmo sucinto, da biografia (problematizada) desses dois personagens indicando, por exemplo, como eles constroem essa relação com a sociedade local. Evidenciando, na escrita, qual era o contexto local, regional e nacional do país para situar a inserção desses sujeitos na cidade. Procuro também, realizar links com a Igreja católica e as orientações que partiam do centro de decisão. Havia convergências? Divergências? Em que medida afetava o cotidiano da cidade e de seus moradores?

Padre Alfredo Haasler surge neste trabalho pelas compreensões que se fizeram pertinentes sobre a trajetória do pároco que o sucedeu, padre José Hehenberge. Nesse percurso, proponho diálogos com alguns autores que contribuíram para pensarmos alguns aspectos que apresentaram as ações pastorais, e, as trajetórias desses dois religiosos na cidade sob, diferentes perspectivas. Ou seja, em muitos momentos das discussões promovidas precisei recuar no tempo para entender algumas permanências e rupturas que permearam aquele “tecido” social.

Deste modo, para essa e outras compreensões, os depoimentos das testemunhas que constam no Inquérito Policial citado trouxeram, em várias passagens deste documento declarações que iam costurando o elemento político das ações de padre José Hehenberge, principalmente quando problematizados pela “possível” relação que esse religioso estabeleceu com o Partido dos Trabalhadores (PT). Indicando assim, caminhos para entendermos como a dimensão político partidário se construiu e o que a mesma podia nos revelar.

Não obstante, muitos casos foram relatados sobre o descontentamento da sociedade com a participação do religioso em os movimentos sociais que emergiram das periferias e da zona rural da cidade. Então surgiram mais perguntas: A qual setor da sociedade aquelas pessoas pertencia? Quais eram os motivos que levavam as

testemunhas a declarar abertamente os inúmeros motivos de descontentamento com os trabalhos de padre José na Paróquia de Jacobina?

Como o Inquérito se tratava de uma investigação para tentar apurar o atentado a bomba nas residências dos religiosos, todas as testemunhas chamadas para depor tiveram informações pessoais registradas (endereço, profissão, local de trabalho, cônjuge e religião). Através dessas informações foi possível mapear em certa medida os lugares que essas pessoas ocupavam na sociedade. Entre essas testemunhas estavam professoras, comerciantes, comerciários, advogados, líderes sindicais e religiosos (as).

Para pesquisar as ações de padre José Hehenberge foi preciso entender o lócus da sua formação teológica e como ela se assentava na prática. Como podemos acompanhar na declaração de Frei Petrônio de Miranda citada anteriormente, padre José Hehenberge chega ao Brasil, no ano de 1966, como estudante e foi ordenado padre em 1968. Neste contexto, acontecia em Medellín, a Conferência Episcopal Latino Americana (CELAM), movimento que proporcionou a reafirmação da opção pelos menos favorecidos, que já havia sido contemplada pelo Concílio Vaticano II (1962-1965), ou seja, “os padres passavam a evangelizar a partir da realidade concreta”. Essa opção declarada pelos pobres como podemos observar segundo Scott Mainwaring “passa a assumir com mais rigor sua missão crítica e profética de denúncia das injustiças e de promoção da solidariedade e das legítimas aspirações dos homens”.⁴ Dentre esse e outros aspectos entende-se que esse mecanismo de libertação da prática evangelizadora e também de libertação da própria Igreja, pois, passou a ser menos comprometida com certas estruturas. Sendo assim, o Conselho Episcopal Latino Americano passou a ser considerado como a mola propulsora da Teologia da Libertação, promovendo uma intensa participação de religiosos nos movimentos sociais. A Teologia da Libertação nasce no contexto de mudanças de uma Igreja progressista que estende a mensagem bíblica a uma atuação que se preocupa e quer dar conta das questões sociais e políticas.

No segundo capítulo, procuro investigar as ações pastorais de padre José Hehenberge na cidade de Jacobina tentando estabelecer contextualizações com o cenário deixado e solidificado pelo seu antecessor (Padre Alfredo Haasler). O ponto de

⁴ MAINWARING, Scott. Igreja Católica e Política no Brasil- (1916-1985). Tradução: Heloisa Braz de Oliveira Prieto. São Paulo: Brasiliense, 2014. p. 174-180.

partida nessa incursão foi realizado a partir de um estudo de caso (com base no Inquérito Policial aberto para investigação do atentado a bomba a casa de religiosos). Com isso, proponho explorar a compreensão do religioso sobre as relações de poder existentes na cidade. O que ele encontra? O que propõe? Quais os desdobramentos? Há um deslocamento de questões eminentemente religiosas para assumir posições mais amplas? Como os contemporâneos dele interpretaram seus trabalhos?

Essa documentação possibilitou analisar as motivações da sua abertura, os tipos de denúncias e o que as testemunhas vão revelando em seus depoimentos sobre o caso. Tornando acessível à reconstrução das características dos personagens envolvidos, o local, as relações sociais, o pensamento de uma época e os lugares de onde os sujeitos falam. Segundo, Boris Fausto, os registros criminais podem expressar aspectos muito próximos da realidade social: “Apreendida em nível mais profundo, a criminalidade expressa a um tempo uma relação individual e uma relação social indicativa de padrões de comportamento, de representações e valores sociais”.⁵

No terceiro capítulo, a temática e discussão foi sendo construída ao longo das várias leituras que fiz sobre a trajetória de Pe. José Hehenberge na luta pela terra junto aos trabalhadores rurais e posseiros na interface com a Justiça. Nessa incursão, o jornal de *O Grito da Terra* trouxe compreensões sobre os vários casos concernentes a luta pela Reforma Agrária no interior da Bahia, dando destaque inclusive para os conflitos agrários no município de Jacobina e localidades, encabeçados por Pe. José Hehenberge, posseiros e trabalhadores rurais. O processo crime movido na Vara crime do Poder Judicial da Comarca de Jacobina concernente a um atentado de homicídio contra a vida do lavrador Juvêncio Alves de Souza foi pano de fundo para entendermos a dimensão da questão agrária nos seus caminhos e descaminhos na justiça. O atentado a vida do lavrador teve como “motivação” os conflitos envolvendo a posse das terras da Fazenda Piedade e Salinas no município de Várzea Nova. Na leitura de alguns jornais da época, dentre eles: *A Tarde*, *Jornal da Bahia*, *Jornal Tribuna da Bahia* identificamos muitas denúncias sobre a morosidade da Justiça em dar um parecer sobre os conflitos agrários. Essa compreensão também aparece quando na leitura do processo, em que, diante do atentado de morte contra a vida do lavrador Juvêncio várias testemunhas identificaram o acusado, e mesmo assim, o caso não foi a julgamento. Como numa pista de mão

⁵ FAUSTO, Boris. Crime e cotidiano. São Paulo: Edusp, 2001. p. 27.

dupla, foi realizada uma discussão sobre a utilização da imprensa por Pe. José Hehenberge e o Bispo da Diocese de Bomfim Dom Jairo Matos da Silva como mecanismo de denúncias contra o poder público, mediante as impunidades, mandos e desmandos das elites agrárias. Interessou aqui, sobretudo, entender o movimento das relações de poder no cotidiano da sociedade local.

1. JACOBINA: CONTEXTO, TRAJETÓRIAS E DIFERENTES SUJEITOS.

1.1 A cidade do “ouro” e a dinâmica econômica-social de outrora

Historicamente a cidade de Jacobina ganhou projeção como sendo a “cidade do ouro”, e, ao debruçarmos sobre essa temática teremos informações que nos remontam ao início dessa atividade desde o período colonial, bem como, essa denominação é reforçada pela simbólica estátua de um garimpeiro segurando uma bateia situada na entrada da cidade. A referida estatua, inclusive, recentemente foi pintada na cor dourada reforçando o título de “cidade do ouro”, minério que é atualmente explorado pela empresa canadense Yamana Gold.⁶

As informações apresentadas à cima foram se conectando enquanto compreendia a íntima relação entre a história da cidade e a atividade mineradora. Dentre as literaturas analisadas na tentativa de mapear dados sobre como a história da cidade foi sendo construída ao longo dos anos não pude deixar de considerar a muitas informações contidas e organizadas pela professora Doracy Araújo Lemos em seu livro intitulado “*Jacobina sua História e Sua Gente*”. Embora a obra da professora represente um trabalho de cunho memorialista, construído a partir de dados factuais, tributária de datas sob aspecto de uma visão Positivista dos acontecimentos, privilegiando a história dos vencedores, sufocando assim, os sujeitos simples e marginalizado da sociedade, seus livro é notadamente riquíssimo em informações que contribuem de forma significativa para a construção da história da cidade.⁷

Segundo Lemos, Jacobina foi elevada à categoria de Vila de Santo Antônio de Jacobina em 1722. Em 05 de janeiro de 1727, foi criada nesta Vila uma casa de

⁶ A Yamana Gold empresa canadense fundada na cidade de Jacobina no ano de 2003, com sede em Toronto – Canadá e tem Unidades em vários países. No Brasil tem unidades em vários estados e na Bahia nas seguintes cidades: Jacobina, Teofilândia, Santa Luz e Pindobaçu. Disponível em: http://almacks.blogspot.com.br/2011/09/mineracao-yamana-gold-expulsa-familias_28.html acesso em: 14/06/2014. Às 16:56 hs.

⁷ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. História: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da História. 2007. Bauru, Edusc. p. 85-97. Para Muniz a preocupação da história pós-moderna fez emergir discussões sobre os sujeitos simples das camadas populares enquanto agentes históricos. Sujeitos que imersos pela multiplicidade de experiências contribuem para construção do conhecimento histórico. Uma crítica a história positivistas que sempre privilegiou os grandes homens e seus feitos. LEMOS, Doracy Araújo. Jacobina sua história, sua gente. Feira de Santana: Grafimort, 1995.p. 23-24. A professora Doracy Lemos é famosa pelo seu acervo de periódicos entre outras documentações sobre a cidade.

Fundição, a fim de melhor garantir à arrecadação do quinto do ouro exigido pela Coroa portuguesa. Nesse aspecto a atividade aurífera garantiu à cidade certo desenvolvimento econômico e social, proporcionando a Vila de Santo Antônio a sua elevação a categoria de cidade no ano de 1880.⁸

Meio século depois da sua elevação de Vila à cidade, o cenário das minas auríferas da cidade de Jacobina apresentaram novas configurações. Conforme elementos apresentados pela professora Zeneide Rios de Jesus, em seu trabalho intitulado *Eldorado Sertanejo: Garimpos e Garimpeiros nas Serras de Jacobina (1930-1940)*, as condições de sobrevidas de milhares de garimpeiros que vivenciaram o período citado apresentou profundas contradições mediante aos anseios de enriquecimento rápido. Os sonhos, as aspirações que levaram homens, mulheres e famílias as terras do *Eldorado* converteram-se na precariedade da existência humana, garimpeiros vindos de diferentes lugares, principalmente do sertão castigados pela seca alimentavam-se principalmente pela esperança de uma vida mais digna.⁹

Nesse contexto, a atividade aurífera estava atrelada as convicções de desenvolvimento e progresso. Progresso este que seria representante de uma sociedade que caminhava rumo à modernidade. Em contrapartida, a imagem dos garimpeiros era construída de forma contraditória, ora eram vistos como figuras que estavam ligadas ao ideal modernizador, pois, seriam esses homens responsáveis por movimentarem a economia e desenvolvimento local. No entanto, sob as regras que se referiam ao comportamento, esses sujeitos reversavam a esse ideal civilizador estabelecido pela sociedade moderna. Para Rios a construção paradoxal da imagem desses sujeitos representava uma pista de mão dupla, a vida desregrada pela jogatina, bebidas alcoólicas e prostituição era vistos como “males da civilização”.¹⁰

A partir dos anos 1980, o ouro encontrado nas serras de Jacobina já não alimentava o sonho de enriquecimento rápido de outrora, mas ainda era uma das principais atividades a movimentar a economia local e circunvizinha, inclusive como campo de trabalho que empregou trabalhadores de diferentes cidades nas minas. A

⁸ LEMOS, p. 25- 27.

⁹ JESUS, Zeneide Rios de. *Eldorado Sertanejo: Garimpos e Garimpeiros nas serras de Jacobina (1930-1940)*. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em História. UFBA 2005. Salvador- BA. Neste trabalho, a autora propõe uma discussão sobre a cidade do ouro remontando a busca pelo enriquecimento rápido durante os anos 30 e 40, promovendo uma discussão sobre as minas a partir da história dos sujeitos que se deparavam com situações adversas ao sonho de enriquecimento rápido. P. 13.

¹⁰ JESUS. p. 17-16.

empresa em Mineração Morro Velho S/A assumia a exploração das minas e foi responsável por reorganizar a dinâmica econômica e social citadina:¹¹

Começou a funcionar a Mineração Morro Velho é evidente que esse foi um impacto que houve na cidade já em 83 em diante é claro que já existiam vários técnicos aqui vindos de outros estados trazendo culturas diferentes, houve uma melhoria em alugueis de imóveis para quem era dono de casas para alugar, então houve digamos assim melhoria pra emprego na mineração parece que chegou a haver 4 mil trabalhadores nessa mineração”.¹²

A citação faz parte do depoimento do médico e ex-prefeito de Jacobina Dr. Flávio Antônio de Mesquita Marques. Como podemos perceber na fala do depoente, a inserção dessa empresa na cidade esteve voltada à geração de empregos, bem como, dinamizava a cultura local. No entanto, o desenvolvimento da atividade mineradora nos aponta não só a sua dinâmica, mas também suas contradições.

Para analisarmos essas contradições tomamos como referência o trabalho de Sara Oliveira Farias intitulado *Enredos e Tramas nas Minas de Ouro de Jacobina (1980-1998)*. A partir de relatos de memórias e o cruzamento com outras fontes como (jornais, processos crimes e cíveis, relatórios médicos etc.) possibilitou a autora realizar análise sobre os aspectos relacionados aos discursos de progressos e desenvolvimento que foram construídos e estiveram presente no imaginário da população com a instalação da empresa mineradora Morro Velho S/A e “as relações de força entre a empresa/moradores/órgãos públicos/sociedade civil e as redes de interesse que começavam a ser desenhadas nesse período”.¹³ O encontro com as narrativas de trabalhadores e viúvas evidenciavam o outro lado da mesma moeda, ou seja, esses relatos também eram vozes que ecoavam experiências sofridas através de *Enredos e Tramas* da sub condição humana do trabalhador vítima da silicose e das viúvas que passaram a chefiar suas famílias. Como observamos, a construção discursiva sobre a “cidade do ouro” durante a década de 80 e 90 também revelou as relações de poder reforçava as contradições de uma sociedade desigual e marginalizada, ou seja, a

¹¹ LEMOS. p. 174-175. A empresa UNIGEO reiniciou a exploração das minas em Jacobina no ano de 1970. Essa empresa era associada aos grupos ICOMI e ANGLON AMERICAN, das quais a Morro Velho adquiriu direitos de exploração em 1973, com o nome de “Mineração Morro Velho”.

¹² Apud. ARAÚJO, Carla Côrte de. Os Carcarás e a sua Trajetória Política: uma construção discursiva. Monografia (pós-graduação) Universidade do Estado da Bahia, Jacobina, 2008. Entrevista concedida por Flávio Antônio de Mesquita Marques, no dia 18 de Maio de 2007, na cidade de Jacobina-Ba. p. 70.

¹³ FARIAS, Sara Oliveira. Enredos e tramas nas minas de ouro de Jacobina. Tese de Doutorado, Recife: UFP, 2008. Programa de Pós-graduação em História, Memória, Cultura e Modernidade. p. 34-35.

prosperidade discursiva desenhada sobre a empresa mineradora não apresentou alterações na vida dos seus trabalhadores, tornando esse terreno um campo fértil para o desenvolvimento da luta a partir da fé e dos Direitos Humanos por uma sociedade mais justa.

1.2 “Guerreiros do além-mar” e a política jacobinense

A escolha para esse subtítulo deve-se sob a perspectiva de análise da trajetória dos dois sujeitos deste capítulo, padre José Hehenberge e padre Alfredo Haasler. Austríacos e pertencentes à ordem monástica dos cistercienses esses dois religiosos atravessaram o Atlântico em diferentes momentos histórico, mas com o mesmo objetivo, levar a mensagem de Deus às terras de missão. O termo “Guerreiros do além-mar” foi utilizado pelo renomado historiador Antônio Torres Montenegro para descrever a trajetória de padres estrangeiros a partir de relatos de memórias em terras nordestinas entre as décadas de 1950 e 1960. Como podemos observar a trajetória dos religiosos austríacos na cidade de Jacobina estão contextualmente ligada a um movimento de imigração de padre estrangeiros para atender principalmente a carência de párocos em áreas do nordeste.

Região marcada pela extrema desigualdade esses religiosos deixaram seus países de origem para estabelecerem-se em terras de missão, nesse percurso enfrentaram muitos desafios, alguns desses padres conseguiram adaptar-se a nova realidade reelaborando suas práticas de modo que as mesmas pudessem contribuir para amenizar a dor, o sofrimento e a fome de uma sociedade desassistida pelo poder público. Como o contexto, época e formação religiosa também contribuem para o desenvolvimento de práticas distintas, alguns padres enxergaram as desigualdades como males de uma estrutura que precisava ser modificada, pensamento que alicerçou as ações pastorais não só pelo choque de realidade de seus países de origem, mas principalmente pela formação religiosa que receberam.¹⁴

¹⁴ Citado por: SANTOS, Martins dos. Agricultores em Movimentos: Experiência de sindicalismo rural em Várzea Nova-BA (1980-1990). p. 61-62. Projeto de Pesquisa Guerreiros do Além-Mar realizado com apoio da CNPq pelo historiador Antônio Torres Montenegro da UFPE entre 1997 e 1999. O pesquisador entrevistou padres estrangeiros que emigraram para alguns Estados do Nordeste Brasil durante o século XX.

Nessa perspectiva, se insere a trajetória de vida e as ações pastorais do padre José Hehenberge. Todavia, não seria possível tentar remontar o enredo dessa história sem nos reportarmos ao fio condutor das relações políticas e religiosas tecidas no município de Jacobina no período em que padre José foi pároco na cidade e o tempo que antecede a sua chegada. Tempos que revelaram diferentes trajetórias e jeito de ser padre.¹⁵

Além da atividade aurífera que conferiu destaque para a construção histórica da “cidade do ouro” em meio as suas contradições, as relações e os conflitos que foram tecidos entre a política e a religião revelaram-se enquanto campos de tensões para cenário social, religioso, econômico e político do município. As elites dirigentes representadas pelos comerciantes, doutores, advogados, representantes sindicais e fazendeiros durante anos foram as mesmas que estiveram à frente dos centros de atuação e decisões dos ritos e rituais do sagrado, evidenciando um acomodado cenário que seria ameaçado durante as décadas de 1980 e 1990.

Para entendermos essa discussão tomei como ponto de partida uma breve análise sobre o cenário político jacobinense que antecede e foi contemporânea ao recorte destacado logo acima. Sendo assim, para início de conversa aponto aspectos referentes à velha e conhecida política coronelista estabelecida na cidade pelo Deputado Estadual Francisco Rocha Pires, homem que administrou o município de forma centralizadora por aproximadamente 50 anos, contexto que pode nos auxiliar na compreensão dos diferentes sujeitos, lugares e forma de tecer política na cidade. Nesse percurso, de quase meio século de administração, Rocha Pires tentou estabelecer estratégias que pudessem, de alguma forma, promover a condução ou mesmo a continuidade do seu modelo político na cidade. Deste modo, o coronel Francisco Rocha Pires fomentou alianças com o poder estadual, na figura de Juracy Magalhães e do deputado Manoel Novais, nomes de reconhecido prestígio no cenário político. Além disso, atuou como liderança local, cercando-se de homens como Fernando Daltro, que, por razões de natureza política e pessoal, romperia como Chico Rocha em meados da década de 60 do século passado, inaugurando um movimento político que significou, na

¹⁵ BOOF, Leonardo. *Eclesiogêne: A Reinvenção da Igreja*. Rio de Janeiro: Record, 2008. A descrição em destaque está presente em várias passagens do livro do Teólogo Boff para descrever a novo jeito de ser padre na perspectiva da teologia da Libertação, pelo o novo compromisso que a Igreja Católica e seus religiosos assume perante as classes menos favorecidas.

prática, uma continuidade nas formas de *se fazer política* no interior do Estado, considerando, principalmente, que naquele contexto o país vivenciava uma ditadura militar. Nesse contexto, o cenário político experimentava o fechamento para as democracias, seguida dos mecanismos de repressão aos partidos com a promulgação do AI-2 que implementou o bipartidarismo, abrindo fissura para atuação de dois partidos, a Aliança Nacional Libertadora (Arena) favorável ao governo militar e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), legenda de oposição tolerada pelo governo, fator que provocou pouco espaço para o surgimento de novas lideranças políticas.¹⁶ No contexto da cidade de Jacobina as desavenças entre dois grupos políticos seriam representantes dessa configuração bipartidária, Francisco Rocha Pires representante do *Jacus* e os irmãos Fernando Daltro e Carlos Daltro *Carcarás*, resultando na rivalidade e início de uma acirrada disputa política entre os dois grupos.

Anos mais tarde, essa aguerrida disputa política entre esses dois grupos persistiria, agora com um elemento novo: o processo de abertura política iniciado em 1979 e o surgimento de cinco novos partidos. A Aliança Nacional Libertadora (ARENA) estabeleceu-se pelas formações de alianças políticas dando origem ao Partido Social Democrático (PSD), enquanto a oposição se constituiu a partir das dissidências do Movimento Democrático Brasileiro (MDB), formando partidos como: Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), Partido Progressista (PP), Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), Partido Democrático Trabalhista (PDT) e o Partido dos Trabalhadores (PT).¹⁷

¹⁶ O título de coronel utilizado pelo Deputado Francisco Rocha Pires, é denominação da sua prática e influência política desenvolvida, o mesmo não possui nenhuma patente. O período do início do mandato do Deputado Estadual Francisco Rocha Pires é datado aproximadamente do ano de 1920. Elementos para entender a trajetória desses dois grupos políticos na cidade de Jacobina podem ser encontrados na Monografia de Especialização de Carla Côrte de Araújo apresentada ao Curso de Pós-graduação em História, Cultura Urbana e Memória, desenvolvido pela Universidade do Estado da Bahia-Campus IV. *Jacus* era denominação utilizada para todos aqueles políticos e simpatizantes da política de Cel. Francisco Rocha Pires. O termo *Jacu*, ou *Penelope ochrogaster*, seu nome científico é uma espécie grande, de topete pardo-avermelhado e faixa superciliar esbranquiçada contrastante com a sobrancelha negra, a qual se alonga em uma listra ao redor da região auricular e da garganta, o seu abdômen é castanho-vivo e tem pescoço e peito estriados de branco e bico preto. Ave arbícola, menor que o mutum uma espécie de populações de baixa densidade e pouco estudada, vivem nas matas em bandos e, na época do acasalamento, andam em casais. Disponível em: <http://inema.com.br/mat/idmat066515.htm> essas informações constam no trabalho e foram acessados pela autora citada em 18 de set de 2007.

¹⁷ PRIORE. Mary, Del. VENACIO, Renato. Uma Breve História do Brasil- São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010. p.286-287. Nomes e siglas dos partidos: PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro), PDS (Partido Democrático Social), PDT (Partido Democrático Trabalhista), PP (Partido Popular), o PT (Partido dos Trabalhadores).

No entanto, essas novas configurações pouco abalaram as estruturas do acomodado cenário político jacobinense, ou pelo menos, até a chegada de padre José Hehenberge no ano de 1979. Pois, com sua chegada e os desdobramentos de suas ações pastorais a discussão política e religiosa na cidade experimentou ingrediente novo, o altar e as periferias da cidade tornaram-se palco de contestações e resistências, numa contraposição a ordem e poder vigente. As leituras para essa questão e tantas outras que surgirão no decorrer deste trabalho tornaram-se possíveis a partir da análise de um Inquérito Policial datado de vinte e sete de fevereiro do ano de 1982, aberto após uma denúncia feita por padre José pelos ataques a bomba sofridos pelas residências de religiosos.

Segundo alguns depoimentos, as explosões tiveram como motivação a retirada do santo Bom Jesus da Glória da Igreja das Missões para a Igreja Matriz da cidade em protesto feito pelo pároco que exigia do prefeito da cidade a proibição da vendagem de bebidas alcoólicas durante os festejos do santo nas mediações do templo religioso e a diminuição dos dias dessa tradição. Anexo ao inquérito citado consta um processo Crime movido no Poder Judiciário da Comarca de Jacobina no decorrer das décadas de 80 e 90, o processo correu na justiça devido à apuração dos conflitos que envolveram o religioso e setores sociais (agricultores, lavadeiras, posseiros e populares) contra as elites dirigentes (comerciantes, fazendeiros, representantes sindicais e políticos locais) em defesa dos Direitos Humanos e por uma sociedade mais justa.

Para Keila Grinberg, a utilização de processos criminais como fonte histórica e antropológica abarcou discussões e abordagens mais amplas no início do ano de 1980, período também de destaque da produção e difusão da História Social com as obras de Carlos Ginzburg, Natalie Davis, Michele Perrot e E.P Thompson, movimento que proporcionou discussão sobre homens e mulheres fora do espaço do movimento dos trabalhadores, mas imersos em suas relações cotidianas.¹⁸ Ao debruçar-me sob a documentação selecionada pude perceber a riqueza de informações e os possíveis entendimentos que iam se costurando sobre alguns sujeitos, contextos e pensamentos de uma época.

¹⁸ PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (orgs.). O historiador e suas fontes. São Paulo: Contexto, 2011, p 125-126.

Esse caminho culminou no exercício da investigação, provocada, sobretudo, pelas ausências e silêncios comuns a qualquer tipo de documentação. No entanto, essas lacunas resultaram em inquietações que me permitiram de alguma forma contribuir com algumas leituras e interpretações, ainda que limitadas pelas escolhas e recortes. Nesse percurso, destaco a importância de alguns dados coletados que foram resultados do acesso a outras fontes, a exemplo de jornais, entrevista, fotografia, bem como, as bibliografias existentes sobre os sujeitos deste capítulo, recursos que me possibilitaram levantar algumas hipóteses, sendo assim, é de interesse deste trabalho muito mais provocar do que ter respostas para todas as perguntas que me fiz.

Investigar e buscar compreensões sobre os conflitos que envolveram padre José na cidade de Jacobina a partir do Inquérito citado foi, sobretudo, o encontro com histórias que suscitaram opiniões divergentes, de um lado pude ler aqueles que defendiam as ações pastorais desenvolvidas pelo o religioso na época em que era pároco, do outro, fui movida a compreender as críticas relacionadas ao seu trabalho, posição que fez emergir o caráter político das suas quando o mesmo faz opção preferencialmente pelos menos favorecidos. Alguns questionamentos foram norteadores nesse empreendimento, a princípio me propus a entender: Como a sociedade da época compreendeu a chegada deste religioso? O que teria provocado o confronto político/religioso e ideológico entre os chamados setores “subalternos” da sociedade e membros das elites dirigentes? O que foi mudado nas relações sociais, política e religiosa com a chegada de padre José? Para compreender essas e tantas outras questões precisei me reportar às histórias de vida e a trajetória de padre José e seu antecessor, padre Alfredo Haasler, questão que sera discutida de forma pormenorizada mais adiante.

Padre Josef, ou “Padre José”, como ficou conhecido pela sociedade jacobinense e companheiros de lutas, nasceu em 1940, na Áustria. Em seus relatos de memória, começou a entrevista contando um pouco sobre sua vida, filho de agricultores apontou na sua fala como a família estava organizada através desta atividade e da religião. Talvez essa forma de rememorar o passado marque um pouco da sua trajetória, evidencie as escolhas e os caminhos percorridos:

Então a gente entrava totalmente no ritmo da natureza e no ritmo religioso no domingo todo mundo ia para missa e depois da missa

quando a gente voltava a mãe perguntava o que o padre falava então ele fez a catequese na nossa casa e com isso a gente nasceu assim em uma proteção muito grande de Deus, tudo era dentro desta filosofia, dentro dessa religião desta prática da vida a gente rezava antes da comida depois da comida, tudo junto e então era nossa vida. Mais tarde quando o pai já estava conosco então ele também costumava a fazer isso, meu pai era mais contemplativo, minha mãe mais ativa e organizava tudo, mas quando ele juntava as mãos eu sabia que ele rezava.¹⁹

Aos doze anos padre José saía do campo para à cidade dando início aos seus estudos seminarístico que segundo ele era bem rigoroso. Já em 1962 quando cursava faculdade filosofia, interrompeu seus estudos para ser educador num colégio a convite do bispo. Alguns mais tarde, quando concluiu suas atividades como educador e a faculdade de filosofia sentiu que estava pronto para vir para o Brasil, e assim, dar continuidade aos estudos religiosos, a partir de outras experiências. Nesse contexto, 1966 padre José desembarca de navio no Rio de Janeiro, a princípio fixou-se em Jequitibá, mas foi enviado para Salvador realizar estudo teleológico com os franciscanos, momento de grande contribuição para a sua formação:

A partir do 1 de agosto eu fui para Salvador e estudei com os franciscanos e começava a estudar a teologia e a partir disto então começava realmente a grande aventura e notei que o estudo era totalmente diferente do da Áustria e tudo partia, quer dizer meus professores partiam da realidade, então a gente estudava mais na perspectiva eu tinha que estudar para a vida, para viver a vida, não para eu saber muita coisa... Qual é a sua vida? Qual o seu problema? Então devemos enfrentar.²⁰

Ao informar as bases de sua formação teológica podemos perceber que os ensinamentos religiosos indicavam a padre José que a sua trajetória a partir daquela experiência representaria sentido novo, os estudos o preparava para o processo de transformação da realidade. As bases para essa formação sugerida pelo religioso se inserem no processo de mudança da própria Igreja, a princípio proposto pelo Concílio do Vaticano II (1962), confirmado em Medellín (1968) e reafirmado em Puebla (1979).²¹ Essa modificação da prática doutrinária da Igreja em que as bases de suas diretrizes assumiriam responsabilidade social, principalmente em favor dos pobres, foi

¹⁹ Padre José Hehenberge, 73. Entrevista realizada em Jacobina, 18/12/1914.

²⁰ Padre José Hehenberge. Idem.

²¹ SILVA, Margarete Pereira da. Não tenho paciência histórica: A Igreja popular em Juazeiro (1962-82). Dissertação de Mestrado em História. Salvador, UFBA, 2002. p. 241.

marco divisor entre os membros dessa instituição. De um lado os conservadores, resistentes aos desdobramentos que essa nova postura da Igreja assumiria, do outro os progressistas compreenderam que o papel transformador desta instituição manifestava compromisso de libertação do povo oprimido.

Nessa perspectiva, na cidade jacobinense a religião ganhou dimensão num jogo político até então ignorado pela sociedade local que, por sua vez, inaugurou novas redes e diferentes formas de tecer política com a inserção de um ingrediente novo: a reinvenção do fazer religioso e ser cristão, que segundo Leonardo Boff essa experiência proporcionava maior envolvimento de padres e membros da Igreja Católica com questões sociais e maior atuação dos fiéis mediante as questões da instituição.²²

O Inquérito Policial e o processo crime movido no Poder Judiciário da Comarca de Jacobina citados envolvendo o padre austríaco e lavradores apresentam uma conjuntura religiosa combatente e aguerrida, pois a mesma passou a enfrentar alguns representantes das elites políticas e agrárias locais num movimento de contestação da marcante desigualdade que permeava aquele tecido social. Na contramão dos trabalhos desenvolvidos por padre José e seguimentos populares a partir de uma linha progressista, setores das elites articulavam suas denúncias num rosário de acusações afirmando que o religioso estaria utilizando o altar da Igreja para provocar a desordem com fins e interesses políticos, perturbando a assim a paz citadina. As narrativas das testemunhas repetiam um coro uníssono que ressoava “padre não pode se meter em política”. Num contraponto, as ações deste religioso ofereceram visibilidade para outros sujeitos, nos permitindo compreender outros modos e concepções de tecer a política naquela sociedade: possibilitando entendimentos, novas leituras e ressignificação da relação entre fé e política.

Mas, antes de adentrarmos as questões apontadas acima, precisamos entender sob que ponto de vista a estrutura conservadora da Igreja Católica estaria ameaçada. Para isso, buscaremos como foi sugerido anteriormente o cenário religioso construído pelo pároco que o antecedeu, padre Alfredo Haasler. Bernardo Maria Haasler, austríaco, nascido no ano de 1907, adotou o nome de Alfredo Haasler logo após o recebimento do hábito de noviço no ano de 1928, em sinal de compromisso e entrega absoluta a Deus. Como homem que vivenciou as angústias de seu tempo, colocou o altar virado para o

²² BOFF, Leonardo. *Eclesiogene: A Reinvenção da Igreja*. Rio de Janeiro: Record, 2008. p. 70-76.

povo numa tentativa de promover participação dos fiéis na liturgia, uma renovação que quase lhe custou o celibato. Essa atitude de renovação foi reconhecida 30 anos mais tarde pelo Concílio do Vaticano II.²³

Padre Alfredo Haasler chegou ao Brasil no ano de 1938. A sua vinda e de outros religiosos estava inscrita a princípio pela criação de uma segunda Fundação em terras de Missão. Nesse percurso, os convites para atuarem em terras estrangeiras chegaram da América do Sul, especificamente da Bahia. Nesse contexto, a recém-criada Diocese de Senhor do Bomfim já havia demonstrado necessidade de ampliação do seu quadro de religiosos para atuarem na paróquia de Jacobina e distritos que estavam sob a sua jurisdição.

Nesse contexto, a chegada de padre Alfredo Haasler na paróquia de Jacobina e a fundação do Mosteiro de Jequitibá se encontram. Localizado nas proximidades de Mundo Novo cidade do interior da Bahia, o Mosteiro desempenhou papel importante no projeto idealizado em testamento pelo Cel. Plínio Tude que, sem herdeiros, registrou em testamento deixado para a sua esposa Isabel Tude o desejo de que ali fossem fundadas obras para o bem espiritual e material dos agricultores. A princípio as terras foram oferecidas a ordem beneditina de Salvador, mas a ordem a recusou a oferta, justificando que não possuía pessoal e recursos para empreenderem as obras de construção do Mosteiro.

No entanto, estando em Salvador dona Isabel Tude observou e abordou padre Alfredo Haasler e padre Adolfo que estavam vestindo o hábito dos cistercienses e lhes contou do desejo do marido com as terras de Jequitibá. Convidados a conhecer as terras as quais a senhora Tude havia lhes falado, os padres acharam-na excelente para a construção do Mosteiro.²⁴ Concomitante a esse propósito, estava à necessidade da criação de um espaço de formação para outros religiosos que pudessem atender as demandas da Diocese de Senhor do Bomfim-Ba, bem como, essas instalações seriam

²³ BOFF, Leonardo. 1938- Igreja Carisma e Poder. 2º ed. Rio de Janeiro: Record, 2010. p. 86. O autor destaca o presente momento da Igreja no processo de descaracterização da participação dos leigos enquanto agentes passivos a partir do que foi proposto Concílio do Vaticano II. Para isso, há um movimento de mudança inclusive na celebração das missas.

²⁴ LEMOS, Doracy Araújo. O Missionário do Sertão. 2000. p.10-19. As informações que se seguem estão disponíveis na obra bibliográfica sobre Padre Alfredo Haasler:

responsáveis pela formação de religiosos dessa ordem, onde o trabalho com a terra é um dos princípios dos cistercienses “*ora et labora*” orar e trabalhar.²⁵

As atividades religiosas realizadas por padre Alfredo Haasler contribuíram de forma significativa para o acesso das classes menos favorecidas a educação, seus paroquianos precisavam superar o analfabetismo que dificultava o acesso ao conhecimento sobre as questões discutidas no catecismo e compreender os sacramentos religiosos. Como mecanismo utilizado para vencer o analfabetismo padre Alfredo Haasler fundou as Escolas Paroquiais na sede e nos distritos. Além de promover o acesso da comunidade periférica ao ensino básico, essas escolas exerciam funções na vida religiosa das crianças pelos estudos da catequização.

Segundo Gilmar Ferreira, para a idealização das Escolas Paroquiais e de outra benéficas de seus paroquianos na sua jornada enquanto pároco, padre Alfredo Haasler contou com os laços de sociabilidade estabelecidos com figuras ilustres das elites do cenário político-social jacobinense: entre os nomes mais citados estão o do Deputado Estadual Francisco Rocha Pires, do ex-prefeito e Dr. Manoel Inácio, Ângelo Brandão, Reinaldo Jacobina, do comerciante José Marcelino, bem como dos médicos Dr. Flávio Antônio Mesquita Marques e Dr. Carlos Alberto Daltro Pires, pessoas a quem o vigário recorria com o objetivo de conseguir consultas e remédios para os doentes.²⁶ Através desses laços podemos sugerir o desenvolvimento de um conjunto de práticas que reforçavam as relações de domínio e controle sobre os segmentos mais pobres da população:

No modelo *Igreja-sociedade* a base social da Igreja se constituiu pelos grupos dominantes. Na aliança com os poderes deste mundo a hierarquia se inseria no conjunto da sociedade e atingia os pobres. Nesse projeto organizou uma imensa rede de assistência para os pobres; eles eram beneficiados pela benevolência do poder religioso combinado com o poder político. Os pobres eram objeto, e não sujeitos dessa assistência.²⁷

²⁵ PINHEIRO, Gilmar de Oliveira Ferreira. Segundo Gilmar Ferreira, “Os Monges de Branco” e os sertões das Jacobinas: Catolicismo e Restauração nas ações missionárias de PE. Alfredo Haasler. (1938/1965). Dissertação apresentada ao curso de Pós-graduação em História da Universidade Estadual de Feira de Santana- BA. Agosto de 2012. p. 41-76. Dr. Carlos Daltro foi representante de um grupo político denominado Carcarás, foi sucessor do Dr. Flávio Antônio Mesquita Marques no ano de 1983-1988, dando continuidade a uma cultura política de médicos na cidade.

²⁶ PINHEIRO. 2012. p. 50-58.

²⁷ BOFF, Leonardo. *Eclesiogene: A Reinvenção da Igreja*. Rio de Janeiro: Record, 2008. p. 87.

Nessa perspectiva, para dialogar com os elementos citados pelo teólogo Leonardo Boff sobre os referentes laços de sociabilidade estabelecidos entre setores da Igreja e o político, proponho a análise da fotografia abaixo em que durante a realização de uma missa campal celebrada por padre Alfredo Haasler verificamos a presença de membros das elites locais, cujo alguns nomes foram mencionados no início dessa discussão. Destacando da esquerda para direita, estão, Padre Alfredo Haasler, Francisco Rocha Pires, Ângelo Brandão e Reinaldo Jacobina.



Imagem I: Missa celebrada ao ar livre em frente à secular Igreja da Missão. Sem data e sem registro do autor da foto. Acervo da família Pires Velloso. Jacobina, Bahia, Brasil.

O uso da fotografia como fonte pode ser entendida a partir do movimento da chamada “Nova História”. Esse movimento de renovação caracteriza-se, sobretudo, pela multiplicidade de temáticas desenvolvidas nos bancos acadêmicos e da necessidade de

ampliação das fontes historiográficas que não fossem apenas àquela aceitas pela história tradicional.²⁸

As práticas fotográficas devem ser entendidas dentro de um campo de forças, em que cada indivíduo ou grupo se posiciona e, a partir deste lugar, apropria-se da fotografia como um marcador social (construção de identidades, exclusões, aspirações, *status* etc.).²⁹

Nas suas contribuições mais específicas a fotografia como objeto de análise do historiador, possibilita algumas interpretações impressas no contexto da sua produção, seja pelo olhar do fotógrafo, atendendo a interesses, ou mesmo pela subjetividade passível de leituras e interpretação de uma determinada época. Sendo assim, a fotografia destacada acima nos apresenta elementos para dialogarmos sobre a relação estabelecida entre a Igreja Católica jacobinense e representantes das elites locais imersos em uma rede de interesses. Sobre as diferentes formas de interesses em jogo, poderíamos destacar a importância que esses laços de sociabilidades representaram para o então Deputado Francisco Rocha Pires e demais representantes das oligarquias no processo de fortalecimento deste grupo no caminho ao pleito eleitoral, bem como, era de “necessidade” de padre Alfredo Haasler essa aproximação para a realização de suas ações pastorais, uma vez que era a esses setores das elites dirigentes a quem o religioso recorria para solicitar ajuda no desenvolvimento de suas ações pastorais.

1.3 O encontro entre os cistercienses: duas Igrejas?

Padre José chega à cidade de Jacobina no mês de fevereiro do ano de 1979 para cooperar com o então pároco titular Alfredo Haasler no desenvolvimento de suas atividades religiosas e sociais. Nesse certame, era de praxe o constante deslocamento de padre Alfredo Haasler para as localidades rurais e circunvizinhas que faziam parte da paróquia de Santo Antônio, sobrecarregando o religioso. Sendo assim, para dinamizar e atender as demandas da Paróquia a distribuição do campo de atuação dos religiosos foi organizada da seguinte maneira: padre Alfredo era aquele que ficava na roça, padre Pio

²⁸ OLIVEIRA, Valter, Gomes, Santos de. Revelando a Cidade: Imagens da modernidade no olhar fotográfico de Osmar Micucci (Jacobina 1955-1963). Dissertação de Mestrado- Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História Social. Cultura e Sociedade. p. 12.

²⁹ Fotografia e Sociedade. In: PINSKY, Carla; LUCA, Tania Regina de (Org.). O historiador e suas fontes. São Paulo: Contexto, 2009. p. 43.

cuidava do postulado no centro, padre Nelson além da jornada religiosa lecionava no Colégio Deocleciano, enquanto padre José ficou a frente das zonas periféricas da cidade, desígnio que promoveu o seu encontro com as classes subalternas:

Padre Pio disse: para você eu tenho um trabalho muito especial. Aí eu disse: o que? Nossos bairros e nossas periferias estão todos abandonados. Você tem coragem de fazer isto? Então eu agradei por ser escolhido para fazer esse trabalho. Então começamos pelas visitas que se consistia em visitar o povo, aí a gente já via a situação muito pobre do povo, aí comecei a conversar com o povo e ver como dialogar com eles. Comecei a visita pela prisão, toda quarta – feira a visita era na prisão recebi as informações do que acontece no submundo de jacobina aí eu tive a visão de como existia dois blocos e como eu poderia organizar os trabalhadores, os excluídos.³⁰

Como podemos observar no trecho da entrevista destacado acima o encontro de padre José com setores sociais da periferia evidencia um cenário muito comum aos missionários em terras de missão, bem como, teremos como destaque para esse pensamento teológico os fundamentos para uma teologia libertadora proposta pela Conferência Episcopal de Medellín realizado em Puebla, no México no ano de 1979.³¹ Ao mesmo tempo, teremos uma sensibilidade voltada para uma realidade que se contrapõe ao cenário deixado por muitos religiosos em seus países de origem, por isso: *“eles representam provavelmente um setor da Igreja particularmente sensível aos problemas da pobreza do Terceiro Mundo”*.³² É justamente nesse contexto de pobreza e/ou desigualdade que padre José encontrou campo fértil para o desenvolvimento de uma teologia que pretendia promover a libertação desse povo, libertação essa que iria de contra ao método da ajuda assistencialista ou mesmo paternalista, método que segundo Michel Lowy pretende através dos laços de solidariedade promover a luta do pobre pela sua auto- emancipação.³³ Nesse certame, padre José contou com o apoio de um dos religiosos mais importantes nesse processo, o bispo diocesano Dom Jairo Matos, e foi

³⁰ Padre José Hehenberge. Idem.

³¹ GUIMARAES. Luiz, Ernesto. A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO E O CONTEXTO LATINO-AMERICANO. p. 6. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/sepech/sepech08/argtxt/resumos-anaais/LuizEGuimaraes.pdf>. Acesso em: 22/08/2014 às 22hs04min.

³² LOWY, Michael. Marxismo e Teologia da Libertação. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1991. p.37.

³³ LOWY, Michael. Segundo o autor citando Leonardo Boff esse movimento pela emancipação da população pobre e oprimida é reflexo de uma práxis anterior e sobre ela. Sendo assim, essa “reflexão é expressão/legitimação de um vasto movimento social, que surgiu no início dos anos de 1960.” p. 22-66.

das mãos do Bispo que padre José recebeu seu mais poderoso instrumento de trabalho “o livrinho sobre os Direitos Humanos”.³⁴

Durante os encontros entre padre José e setores da periferia o religioso observava as condições de vida daquelas pessoas baseando-se pelo que estava previsto como direitos básicos de toda sociedade nos Direitos Humanos. Depois do processo de observação o religioso passava a criar estratégias de diálogos com esse setor para que os mesmos pudessem identificar, na prática, onde seus direitos não estavam sendo respeitados. Sendo assim, o processo de evangelização para o religioso se dava a partir da realidade, primeiro, identificado os problemas, depois, as causas, para assim promover estratégias de lutas contra a manutenção das forças que os oprimiam e reforçavam as estruturas políticas e sociais as quais aquelas pessoas estavam submetidas.

A palavra de ordem era modificar, alterar, caminho diferente daquele realizado por padre Alfredo Haasler, pois, não bastava identificar os problemas e tentar saná-los, a opção pelo pobre claramente assumida nesse caso busca promover para além do combate às estruturas defender a justiça social:

E a minha missão tinha que fazer isso, claro que o Padre Alfredo não tinha essa formação, ele foi formado pelo Concílio de Trento, então muitas vezes ele disse: ei você está indo pelo método errado, ou seja, ele não entendia esse confronto. Opção pelo pobre não significava mais dar tudo a eles, a partir dos pobres defender a situação de justiça.³⁵

Como podemos observar, os aspectos referentes ao encontro de padre Alfredo Haasler e padre José apresentam para os estudos da religião em Jacobina a existência de duas Igrejas: uma ala conservadora e a outra progressista. Entende-se, em linhas gerais, que a ala progressista surge não exatamente em contraposição à conservadora, ambas se contrapuseram pelos papéis que cada uma desempenhou ou assumiu nesse período perante as transformações do mundo. Sendo assim, a ala conservadora notadamente assumia um papel assistencialista que nutria a manutenção das hierarquias perante a sociedade e ao Estado. Já a ala progressista adepta a Teologia da Libertação, doutrina com bases formadora e influenciada por uma linha marxista contrapunha-se as

³⁴ Padre José Hehenberge. Idem.

³⁵ Padre José Hehenberge. Idem.

contradições sociais impostas pelo sistema capitalista que solidificava estruturalmente uma sociedade desigual e excludente.³⁶

Nessa perspectiva, torna-se necessário destacar mais uma vez que padre José desenvolveu suas atividades guiadas pelas bases de sua formação teológica influenciada pela abertura da Igreja Católica a partir do Concílio do Vaticano II, fazendo opção preferencialmente pelos pobres, e segundo pelo próprio papel que o religioso assume enquanto liderança religiosa mediante a falta de representação social das classes subalternas da cidade jacobinense.³⁷

Nesse aspecto, como já foi sinalizado nos parágrafos anteriores não bastaria apenas assistir e tentar amenizar as dificuldades que acometiam a população com clara referência a uma política de base assistencialista. O caminho era instruí-los através dos círculos bíblicos a refletirem sobre os sistemas que os colocava naquela condição. Em contrapartida, criavam-se mecanismos de lutas, incentivando, inclusive, a participação dos leigos nas decisões da liturgia, postura que não agradou aos membros das elites dirigentes que sempre estiveram à frente das decisões dessa instituição.

Como proposta para promover a autonomia das comunidades carentes, padre José desenvolveu projetos comunitários priorizando a princípio as necessidades mais básicas da população local. Nesse percurso, o primeiro deles esteve relacionado à saúde, com a criação da Casa de Repouso, a qual tinha como finalidade oferecer tratamentos com base na medicina alternativa a pessoas que não dispunham de recursos financeiros. Outro campo que nesse período esteve bastante sensível aos debates contestatório com a chegada de padre José a Paróquia de Jacobina foi à questão agrária, pois, no meio rural existiam muitos conflitos envolvendo trabalhadores, lavradores, fazendeiros e grileiros. Nesse cenário, no ano de 1979 o setor agrário adquiriu maior representação após inauguração da Comissão Pastoral da Terra- CPT, órgão que foi importante mecanismo de oposição ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais pela pouca ou quase nenhuma representatividade que esse órgão tinha aos trabalhadores rurais questão que será retomada com afinco nos capítulos seguintes deste trabalho.

³⁶ Práticas e Discursos na Relação entre Igreja e Estado no ano de 1968- Pernambuco. Disponível em: <http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S22.768.pdf>. Acesso em: 23/07/2014. Às 23h40min.

³⁷ BOFF, Leonardo. *Eclesiogêne: A Reinvenção da Igreja*. Rio de Janeiro: Record, 2008. p. 86.

Cabe destacar que esse movimento de transformações e mudanças concernentes a questões de cunho sociais inaugurados na cidade de Jacobina e em várias áreas do território brasileiro e que foram encabeçadas por lideranças religiosas foi um fenômeno ocorrido em quase todos os países da América Latina. Esses países apresentavam em seu bojo político e econômico uma intensa fragilidade concernente aos setores sociais sem vozes e sem vez. No entanto, dentre os países latino-americanos o Brasil foi destacadamente onde houve maior engajamento de religiosos com questões sociais. Nesse empreendimento, houve grandes dificuldades enfrentadas pelos religiosos que seguiu essa linha, sobretudo, por que no processo de condicionamento para o nascimento e solidificação de uma nova Teologia voltada para o povo oprimido precisava responder não só as questões mais urgentes como também elaborar uma nova concepção de cristão, e isso foi possível após a II Conferência Episcopal de Puebla (1979), México, constituindo para uma nova visão do homem enquanto agente histórico, capaz de intervir, transformar a sua história e reformular a relação fé e ser político.³⁸

Não podemos perder de vista que durante esse processo de mudanças para o nascimento de uma nova teologia a Igreja Católica no Brasil esbarrou-se ainda, nas profundas contradições e desigualdades de um país que vivenciava o contexto de um governo militar. Com isso, o envolvimento de religiosos com questões de cunho sociais ao priorizar a articulação e o engajamento de sujeitos marginalizados na luta contra as contradições de uma sociedade injusta tiveram suas ações taxadas como arbitrárias e subversivas.

Essa questão foi pontualmente relatada por Frei Beto em seu livro “*Batismo de Sangue*”. O autor e protagonista dos fatos narra o episódio sobre a morte de Carlos Marighella oferecendo detalhes sobre os métodos de torturas que não pouparam os religiosos dominicanos que participaram junto às frentes populares pela abertura política.³⁹ Essa participação ativa dos religiosos ligados ao movimento de esquerda no Brasil foi responsável notadamente pelo processo de luta pela reforma agrária, uma vez que a designação de ordens religiosas para áreas de extrema carência no sentido de atender as necessidades da alma aconteciam concomitantes aos campos de confronto e

³⁸ LOWY, Michael. *Marxismo e Teologia da Libertação*, São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1991.

³⁹ BETTO, Frei. *Batismo de Sangue: Guerrilha e morte de Carlos Marighella*. 14º ed. Rio de Janeiro: Rocco 2006.

lutas. Sobre esse campo de conflitos entre religiosos engajados e o cenário político militar, podemos perceber através do discurso do ex- presidente Geisel (1974-1978) o descontentamento e rejeição a tais ações relacionadas à atuação de alguns bispos no Brasil, questão apontada por Margarete Pereira da Silva:

Não ficavam confinados aos seus problemas religiosos, envolviam-se em problemas que eram de atribuição inerente do Estado. Tinham uma atuação subversiva, faziam uso de palavras contra o governo, exploravam a classe estudantil, defendiam o asilo subversivo, a invasão a terras, etc.⁴⁰

Parece contraditório, mas não foi a mesma Igreja Católica que apoiou o golpe de 1964? Sim! Em uma determinada fase de preparação para o golpe de 64 a Igreja Católica em especial a ala conservadora próxima aos centros de decisões que partiam do Vaticano, não só apoiaram o golpe como participaram ativamente entusiasmando e articulando a Marcha da Família com Deus e pela liberdade, mas essa mesma Igreja não esteve condenada a estagnação, anos mais tarde é mesma instituição que condenará os horrores do regime militar.⁴¹

Ao adotar uma postura preferencial pelos pobres, muitos padres e bispos acabaram estabelecendo certo distanciamento das classes dominantes que sempre estiveram mais próximas dos centros de decisões da Igreja. Esse estranhamento pode ser compreendido através da histórica aproximação da Igreja com as elites governamentais, que se tornou campo destoante da “nova” proposta evangelizadora defendida pelos teólogos da libertação. Não obstante, encontraremos algumas críticas que se ancoraram no discurso de que para a construção da Igreja popular estava havendo um distanciamento e exclusão das classes dominantes no âmbito desta instituição. Preocupação, apresentada pelo Papa João Paulo II em passagem pelo Brasil no ano de 1991: *“No Brasil, a linha progressista teve efeito contrário à mobilização popular que*

⁴⁰ SILVA, Margarete Pereira da. Não tenho paciência histórica-Igreja popular em Juazeiro (Ba) (1962-1982). Dissertação (Mestrado em História) Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Bahia, Salvador- BA, 2002. p. 70-71.

⁴¹ ZACHARIADHES, GC., org. Ditadura militar na Bahia: novos olhares, novos objetivos, novos horizontes. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 20. Vol. 1. Disponível em: <http://static.scielo.org/scielobooks/3ff/pdf/zachariadhes-9788523209100.pdf>. Acesso em: 04/05/2014. O autor traça um panorama da importância do movimento feminino no combate ao comunismo. Esse movimento exerceu importante papel no convencimento e ações de rua.

se esperava em nível espiritual. A Igreja secularizada e com preferência de evangelização prioritária para os pobres excluiu mesmo sem querer, a classe média".⁴²

Ao realizar as leituras sobre os demais acontecimentos que estavam presentes no referido jornal percebi que logo abaixo da reportagem citada acima foi publicada uma nota do teólogo Clodovis Boff que indicava uma possível resposta ao Pontífice sobre o crescimento e a afirmação dos movimentos populares no Brasil: *"Se esses movimentos se afirmam e crescem, é por que dão resposta real a demandas de sentido espiritual, especialmente a inquietação religiosa dos que sentem mais fortemente o desencanto do moderno mundo secularizado"*.⁴³ Sendo assim, ao assumir opção preferencial pelas classes populares entendemos que essa estratégia da ala progressista buscou, sobretudo, dar respostas as questões reais e contextualizadas as necessidade sociais que não foram compreendidas pela Igreja de Roma através do modelo de sociedade cristã católica europeizada que não dão conta dos problemas do mundo, preocupadas a cima de tudo pela manutenção das hierarquias e estruturas.

⁴² A Tarde. Papa pede fé e esperança aos brasileiros. 16/10/1991. p 9. Arquivo Público de Jacobina.

⁴³ A Tarde. Alto crítica de um progressista. 16/10/1991. f. 9. Arquivo Público de Jacobina.

2. DENUNCIA E CONFLITOS: O CASO DO SANTO BOM JESUS DA GLÓRIA E OUTRAS HISTÓRIAS.

2.1 Entre o Santo e o Povo: “O DIA DO DESAGRAVO”

Ler significa reler e compreender, interpretar. Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam.⁴⁴

A epígrafe destacada convida-nos a refletir sobre os lugares de onde os sujeitos narram os fatos e/ou acontecimentos e, sobretudo, nos remete ao ofício do historiador: no exercício da interpretação, elaboração e da releitura dos acontecimentos históricos que, de modo sucinto, indica as diferentes formas de como o sujeito lê e compreende o mundo. Para Sidney Chalhoub essa leitura deve vir acompanhada da preocupação com o movimento histórico; o olhar deve ser sempre cuidadoso, pois, assim, o conhecimento produzido busca uma aproximação sempre limitada de seu ponto de vista, “porém mais ou menos corretas dependendo da acuidade do observador”.⁴⁵

Nessa perspectiva, proponho uma análise sobre algumas questões que envolveram as ações pastorais de padre José Hehenberge a partir do Inquérito Policial datado do ano de 1982, parte integrante de um processo movido no poder Judiciário da Comarca de Jacobina e que envolveu, mais diretamente, o religioso, além de agentes sociais das elites dirigentes.⁴⁶ Para o desenvolvimento dessa discussão nos interessa mapear os desdobramentos desse evento, o atentado a bomba, que, por certo, ganhou uma projeção na sociedade local. Nesse sentido, as reflexões caminham na tentativa de

⁴⁴ Para o teólogo Leonardo Boff, a compressão que fazemos do mundo tem intensa relação com o universo no qual o sujeito está inserido. Essa compreensão é também uma interpretação, ou seja, “cada leitor é co-autor.” “Todo ponto de vista é a vista de um ponto”. Disponível em: <http://www.campinas.sp.gov.br/governo/gestao-e-control/cursos/anexo-encontro-conselheiros/ponto-de-vista.pdf>. Acesso em: 23 abr 2014 às 22h50min.

⁴⁵ O autor propõe uma discussão teórico-metodológica sobre concepção histórica e compreensões do ofício do historiador enquanto observador. Ver: CHALHOUB, Sidney. Introdução: Zadig e a História. In: *Visões da liberdade*. Uma história das últimas décadas da escravidão na corte. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 13-28.

⁴⁶ As elites dirigentes que serão objeto de estudo nesse trabalho foram identificadas pela condição social, profissões ou cargos. Durante a análise do Inquérito Policial e do processo movido no judiciário na Comarca de Jacobina sobre conflitos agrários, foi verificada as profissões das testemunhas e indiciados: professores, advogados, comerciantes, membros do Sindicato dos Trabalhadores Rurais e fazendeiros.

acompanhar as inúmeras interpretações que sugerem uma possível convergência do pensamento religioso e político, marcadamente presentes na fala das testemunhas.

Na madrugada do dia 20 de fevereiro de 1982 o barulho das bombas jogadas contra a Casa Paroquial e a residência das irmãs Missionárias do Divino Espírito Santo ao que tudo indica tem estreita relação com um caso bastante inusitado: naquele mesmo ano, em função dos festejos religiosos e de uma possível crise instalada entre o poder secular e o poder político local, que divergiram sobre a venda de bebidas alcoólicas nas imediações da Igreja da Missão, provocou a remoção da imagem do Santo Bom Jesus da Glória da Igreja das Missões para a Igreja Matriz da cidade, dia este em que o padre José denominou de “Dia do desagravo”. Mas, qual seria o problema de um padre transferir a imagem de um Santo de uma Igreja para outra?

Algumas possíveis respostas para esse e outros questionamentos foram registradas em inúmeras declarações, onde verifica-se o descontentamento de membros da sociedade local com a atitude do pároco. A leitura do Inquérito Policial nos permite perceber uma rede de conflitos que fizeram emergir acontecimentos com repercussão em rede nacional. Bem como, o acontecimento teve como agravamento uma quase agressão física ao padre José – questão que será tratada de forma pormenorizada mais adiante.

Os depoimentos sugerem que os atentados a bomba endereçados à casa dos religiosos foram motivados por uma solicitação enviada por padre José ao então prefeito da cidade, Dr. Flávio Mesquita Marques, para diminuir os dias da festa e proibir a venda de bebidas alcoólicas nas mediações da Igreja das Missões durante os festejos do Santo Bom Jesus da Glória.⁴⁷ Segundo um dos indiciados, o senhor Álvaro de Assis Filho, estes festejos eram tradicionalmente realizados há quase meio século pela população local, afirmando ainda que a atitude do pároco foi tomada a capricho, o que veio a provocar, assim, indignação à população, pois soava como uma tentativa de romper com uma tradição local:⁴⁸

Há mais de cinquenta anos se realiza na Igreja que está situada no Largo das Missões e que tem como padroeiro nosso Senhor Bom

⁴⁷ Inquérito Policial. Antônio Alves da Silva. Fórum Jorge Calmon. Jacobina, Bahia, Brasil. 04 mar. 1982. p. 28-29.

⁴⁸ Consta na certidão de conclusão do depoimento de padre José que o denunciante suspeita ter sido os causadores dos fatos mencionados a “turma do Brás”. Inquérito Policial. Indiciado: Álvaro Assis Filho. Fórum Jorge Calmon. Jacobina, Bahia, Brasil. 04 mar. 1982. p. 32.

Jesus da glória, a festa em seu louvor e injustificavelmente vem para esta cidade um padre, chamado Josef, que levado por caprichos outros, entende de por fim a uma tradição de santos anos.⁴⁹

Deste modo, podemos refletir que o ato de padre José ao tentar impedir a venda de bebidas alcoólicas e diminuir os dias da festa nas mediações da Igreja das Missões promoveu grande impacto na tradição dos moradores da cidade, que por sua vez, sempre realizaram o evento festivo ao santo da mesma maneira há anos. O rompimento dessas tradições ou o processo de mudanças podem revelar segundo Eric Hobsbawm os diferentes sentidos ou valores que são fios condutores para fortalecer e conduzir o funcionamento de um sistema de poder:

Foi realizada oficialmente e não-oficialmente, sendo as invenções oficiais- que podem ser chamadas de “políticas” – surgidas acima de tudo em estados ou movimentos sociais e políticos organizados, ou criadas por eles; e as não oficiais- que podem ser denominadas “sociais”- principalmente geradas por grupos sociais sem organização formal, ou por aqueles cujos objetivos não eram especificar conscientemente políticos, como os clubes e grêmios, tivessem eles ou não também funções políticas. Esta distinção é mais uma questão de conveniência do que de princípios. Pretende chamar a atenção para duas forma principais da criação de tradições no século XIX, ambas reflexos das profundas e rápidas transformações sociais do período. Grupos sociais, ambientes e contextos sociais inteiramente novos, ou velhos, mas incrivelmente transformados, exigiam novos instrumentos que assegurassem ou expressassem identidade e coesão social, e que estruturasse relações sociais. [...] eram necessário novos métodos de governo ou estabelecimento de alianças. De acordo com a ordem natural das coisas, a consequente invenção das tradições “políticas”.⁵⁰

A prática das tradições como sugere Hobsbawm realizada através do método da repetição, podem ser identificadas como parte de um processo que visa assegurar a manutenção de um sistema de valores que se conectam com suas antigas raízes. Deste modo, o Estado ou grupos sociais dominantes buscam através das tradições a conservação desses valores que exercem social e culturalmente o funcionamento de velhas práticas de dominação e/ou subordinação, sejam elas coletivas ou corporações relativamente autônomas.

⁴⁹ Inquérito Policial. Álvaro Assis Filho. Fórum Jorge Calmon. Jacobina, Bahia, Brasil. 02 mar. 1982. p. 13.

⁵⁰ HOSBAWN, Eric e RANGER, Terence. A Invenção das Tradições. – Tradução de Celina Cavalcante – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 271-273.

Não obstante, a atitude de padre José intensificou os conflitos entre ele e membros das elites que eram responsáveis pela organização do festejo. Evidenciando que, as fissuras na relação entre o religioso e os setores citados foram responsáveis por acentuar o número de denúncias contra as ações pastorais do pároco.

Segundo as informações contidas no inquérito, o senhor Álvaro Assis Filho era comerciante e membro de um bloco de micareta denominado “Brás”. O nome do bloco surge nessa discussão pelo fato de seus membros terem sido considerados suspeitos do já citado atentado feito à residência dos religiosos. O bloco citado era composto por membros das elites locais, as mesmas que criticavam duramente a realização das ações pastorais de padre José Hehenberge.⁵¹ Em seu depoimento, o pároco narra os episódios envolvendo o atentado da seguinte maneira:

Que na madrugada do dia vinte de fevereiro do ano em curso, mais ou menos às 02:45 minutos encontrava-se em seus aposentos na CASA PAROQUIAL, nesta cidade de Jacobina, quando foi despertado por um estampido, que atribui o declarante ter sido de uma bomba jogada na rua por alguma pessoa; que logo depois Padre Pio chamou o declarante e lhe disse que haviam jogado uma bomba no telhado da casa.⁵²

Neste depoimento identificamos que padre José não tomou nenhuma atitude naquela madrugada, apenas observou que o assoalho da casa estava repleto de telhas quebradas e que os religiosos ficaram às escuras. Voltando a dormir, “decorrido trinta minutos, ouviu outro estampido, dessa vez teria sido no Convento das Irmãs Missionárias do Divino Espírito Santo”. A narrativa do religioso demonstra uma atitude muito tranquila perante o acontecimento, pois o ocorrido não abalou sua rotina, de modo que na manhã após o atentado ele foi celebrar a missa e só ao retornar acionou a polícia local.

Vejamos outro trecho do interrogatório feito ao padre José:

Perguntado: Quantas bombas foram jogadas no telhado do primeiro andar onde dormiam os padres? Respondeu: que apenas uma bomba foi atirada. Perguntado: quantas telhas foram quebradas? Respondeu: calculadamente trinta telhas. Perguntado: por que determinou que se

⁵¹ A Casa Paroquial, situada nas proximidades da residência das Irmãs Missionárias do Divino Espírito Santo, foi residência de padres durante anos.

⁵² Inquérito Policial. Padre José Hehenberge. Fórum Jorge Calmon. Jacobina, Bahia, Brasil. 28 fev. 1982. p. 3.

fizesse o conserto no telhado mudando as telhas quebradas? Respondeu: que com a chegada da polícia local recebeu ordens para que fizesse a recomposição do telhado, mesmo por que ameaçava chover.⁵³

As implicações presentes no depoimento do religioso se referem ao fato do padre ter realizado a troca do telhado quebrado pela explosão da bomba e a sua aparente tranquilidade perante os fatos impressiona por tratar-se de um atentado contra a sua integridade física e de outros religiosos, posicionamento que levou a algumas interpretações e insinuações concernentes a postura do pároco.

O policial militar Abimael Damião Alencar de Oliveira, encarregado de averiguar o local do atentado também foi chamado para depor como testemunha no caso, relatou a sua averiguação à casa dos religiosos destacando os seguintes aspectos:

No dia vinte de fevereiro do ano em curso, às 08:30 horas, encontrava-se de Sargento de dia no quartel quando recebeu um telefonema e ao atende-lo, tratava-se de um chamado de Padre Josef⁵⁴, solicitando a polícia para constatar a explosão de uma bomba no telhado de um prédio da residência Paroquial e adotar as providencias que fizesse necessárias; que de imediato, o declarante em seu carro particular rumou para o local onde para surpresa sua já encontra-se uma sala varrida como se nada ali tivesse acontecido, constatando apenas um rombo no telhado com cinco ou seis telhas quebradas[...] Que notando a frieza de Padre José, aconselhou a sair dos seus aposentos naquele prédio quando o mesmo se recusou.⁵⁵

Como podemos perceber, o policial citado apresentou em seu depoimento pontos de desconfiança sobre a conduta de padre José Hehenberge e ao mesmo tempo buscou construir um discurso de solidariedade ao religioso, orientando-o a deixar o local do atentado. Essa recomendação para que o pároco deixasse o local do atentado pode ser um indício de que o policial já identificava a dimensão dos riscos que o religioso estava correndo em razão dos conflitos relacionados aos trabalhos que ele vinha realizando naquela cidade. No final do seu depoimento, Abimael ainda declarou ao delegado que

⁵³ Inquérito Policial. Padre José Hehenberge. Fórum Jorge Calmon. Jacobina, Bahia, Brasil. 28 fev. 1982. p. 3-5.

⁵⁴ Padre Josef corresponde ao nome de certidão. Mas, quando chegou ao Brasil, mais especificamente à cidade de Jacobina, ficou conhecido como Padre José.

⁵⁵ Inquérito Policial. Abimael Damião Alencar de Oliveira. Fórum Jorge Calmon. Jacobina, Bahia, Brasil. 04 mar. 1982. p. 24.

nada pôde ser feito “mediante a demora do pároco em procurar a polícia transcorrida seis horas” inviabilizando a perícia e o parecer mais técnico do ocorrido.⁵⁶

Em um outro momento da sua declaração, o policial Abimael informou um fato significativo: disse ter conversando com padre Pio a título de obter maiores informações sobre o ocorrido, este teria dito que o “padre Josef está colhendo o que plantou”.⁵⁷ Essa suposta declaração do padre Pio, expressa no depoimento do policial, pode ser um indicativo de que esse religioso não concordava com o desenvolvimento e os desdobramentos das ações de padre José Hehenberge. Sendo assim, torna-se possível refletir sobre as divergências de pensamento entre setores da Igreja Católica, sobretudo, concernentes ao envolvimento do pároco com os movimentos: das lavadeiras, questão agrária, sindical e trabalhista.

O ápice do conflito envolvendo padre José Hehenberge ocorreu quando ele demonstrou-se irredutível durante o processo de negociação para a devolução do santo a Igreja da Missão. Percebendo a força que o conflito ganhava quando a Igreja foi invadida e sentindo-se em perigo de vida, o religioso “retirou-se para a cidade Caém”, onde permaneceu na companhia de padre Alfredo Haasler, como desdobramento ficou decidido em reunião com o Bispo Dom Jairo Rui Matos da Silva o fechamento dos templos religiosos em repúdio aos atos de profanação:

No dia 11 de janeiro uma reunião com os agentes da pastoral e os padres da Diocese, ficando decidido que as igrejas deveriam permanecer fechadas durante trinta dias; que com relação a pergunta feita ao declarante, tem a acrescentar que no dia trinta em um de janeiro houve nesta cidade “O DIA DO DESAGRAVO”.⁵⁸

Portanto, nota-se que o padre José Hehenberge, em sua trajetória na cidade de Jacobina, enfrentou muitas resistências ao tentar alterar a dinâmica da sociedade. Que, segundo alguns depoimentos, essas modificações estavam sendo realizadas por caprichos do religioso. Nessa mesma incursão, o pároco contou com o apoio de grupos sociais que viviam à margem do projeto político-religioso, oferecendo-lhes espaço de

⁵⁶ Inquérito Policial. Padre Germano João Schoenwetter (Padre Pio). 28 de fev. 1982. p. 7.

⁵⁷ Padre Germano João Schoenwetter (Padre Pio) cisterciense, natural de São Paulo, chegou à cidade de Jacobina no ano de 1972, onde atuou juntamente ao Padre Alfredo Haasler. Também chegou a atuar na Paróquia durante os primeiros anos em que Padre José Hehenberge foi vigário da paróquia de Jacobina. Pe. Pio faleceu no ano de 1984. LEMOS, Doracy Araújo. O Missionário do Sertão. 2000. p.16-17.

⁵⁸ Inquérito Policial. Padre Josef Hehenberge. Fórum Jorge Calmon. Jacobina, Bahia, Brasil. 28 fev. 1982. p. 4.

atuação e autonomia. Com isso, as elites dirigentes entre elas fazendeiros, comerciantes e fieis não prescindiram de dar uma resposta ao religioso e a todos os sujeitos que seguiam sua cartilha e abraçaram o seu projeto “subversivo” – como suscitaram alguns depoimentos.

2.2 “Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”⁵⁹

A frase destacada como subtítulo compõe o testemunho da professora Regina Lúcia Andrade Portela de Melo prestado durante o inquérito policial movido por padre José Hehenberge quando do atentado a bomba às sedes religiosas.⁶⁰ Em depoimento, há um indicativo na declaração da testemunha acerca da sua visão de como deveria ser a conduta exemplar de um religioso que, segundo ela, deveria seguir os princípios da fé, “não devendo misturar política com religião durante as missas”, uma vez que era comum o padre José Hehenberge utilizar o espaço da Igreja para levantar questionamentos sobre as contradições sociais que marcavam a sociedade e o contexto local. A afirmação de Portela nos oferece ainda algumas pistas sobre as profundas mudanças que provocaram o distanciamento entre alguns fiéis e o religioso isso por que essa postura do pároco contribuiu para que ele fosse, num mesmo contexto, aprovado por uns e desaprovado por outros com similar intensidade.

Algumas das testemunhas pertencentes à elite jacobinense a exemplo da professora citada, o senhor Álvaro Assis (comerciante), Arlindo Xavier de Oliveira (advogado), João Maximiliano dos Santos (advogado) e Arlindo Rodrigues dos Santos (fazendeiro) declararam de forma explícita a sua antipatia pelo religioso não escondendo as suas motivações. Na contramão, o pároco construiu uma rede de sociabilidade com setores populares. Os trabalhos desenvolvidos nas zonas periféricas da cidade e a luta pelo direito a terra proporcionaram o desenvolvimento de uma prática religiosa até então desconhecida pela sociedade jacobinense. Essas modificações do cenário religioso foram se alterando pelo elemento “social-libertador”, os diálogos

⁵⁹ Mateus 22:15-22 . Ao utilizar essa passagem do evangelho a testemunha tenta criar uma relação entre o conselho que Jesus aplicava aos judeus: a pagarem os tributos cobrados pelo Imperador César e não misturar questões do sagrado com os assuntos mundanos. Disponível em: <http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/cesar-cesar-433792.shtml>. Acesso em 29/12/2014 às 17h17min.

⁶⁰ Inquérito Policial. Regina Lúcia Andrade Portela de Melo. Fórum Jorge Calmon. Jacobina, Bahia, Brasil. 02 mar. 1982. p. 21.

promovidos durante as missas e os círculos bíblicos transformaram o componente religioso em campo de questionamentos e atuação. A partir desses alicerces os sujeitos “marginalizados” passaram a contestar os lugares e as estruturas existentes, revelando a existência do choque de classes, segundo Mainwaring esse movimento que fortaleceu a aliança entre a Igreja Católica progressista com as classes populares também levou a um certo distanciamento perante as classes dominantes e o Estado.⁶¹

O caso da mudança do Santo Bom Jesus da Glória da Igreja das Missões para a Igreja Matriz só veio a intensificar ainda mais o rosário de insatisfações e acusações contra o padre José. Durante a análise dos testemunhos identificamos que o descontentamento de setores da elite agrária, empresários e comerciantes da sociedade contra padre José escondiam vários fatores, ou seja, a retirada do Santo como pano de fundo revelou que o embate com esses grupos visibilizaram os questionamentos com relação à sua conduta por ter interferido na dinâmica socioeconômica, política e religiosa da cidade.

O choque mais declarado de alguns fiéis contra a postura preferencial de padre José pelos menos favorecidos tornou-se mais evidente quando populares passaram a atuar de forma mais efetiva dos encontros e reuniões realizadas no salão da Igreja Matriz para discutir o sentido transformador que a leitura bíblica poderia representar na vida daqueles sujeitos. Para padre José: “o homem consciente sabe a solução, então a organização popular é a organização que cria uma condição de transformar”.⁶²

Ao analisar os testemunhos do Inquérito foi possível observar algumas estratégias declaradas por alguns fiéis para demonstrar suas insatisfações concernentes às ações do padre José. Entre essas estratégias destacamos a de uma senhora que se recusava a assistir as missas celebradas pelo pároco, afirmando que:

Sempre fui assídua frequentadora das missas nas diversas Igrejas desta cidade, mas que com a chegada e procedimento do Padre Josef nesta cidade com suas pregações políticas, além de insinuações malévolas incitando lavadeiras, empregadas a exigirem salários, sentiu-se desgostosa de ir a Igreja, mas como sempre foi católica para não

⁶¹ MAINWARING, Scott. Igreja Católica e Política no Brasil- (1916-1985). Tradução: Heloisa Braz de Oliveira Prietro. São Paulo: Brasiliense, 2014. p. 19.

⁶² Padre José, 73. Entrevista realizada em Jacobina, 18/12/1914.

deixar definitivamente de entrar nos templos de Jacobina, só entra na Igreja quando sabe que não é Padre Josef o celebrante.⁶³

A partir dessas e outras leituras a ênfase da questão política surge neste trabalho, a princípio, em decorrência da formação religiosa de padre José, fundamentada e influenciada pela Teologia da Libertação, que o levava a fazer, assim, opção preferencial pelos menos favorecidos como foi apontando no primeiro capítulo deste trabalho. Da mesma forma que em outras cidades e estados da região Nordeste, Jacobina vivenciava esse processo de mudança na Igreja em contraposição às estruturas políticas e socioeconômicas que não promoviam melhoria de vida para as classes menos favorecidas. No entanto, a chegada do padre José à cidade promoveu entre setores dominantes inúmeras inquietações, pois, durante suas missas o pároco utilizava o altar para criticar a condição social da população que vivia às margens daquela sociedade, condição característica do sistema capitalista que engessava as possibilidades de modificação dessas estruturas. As elites dirigentes, por sua vez, tentariam com seus discursos ou ações combater tal ameaça:

No Nordeste e nas regiões rurais de maior número de conflitos, entretanto, isso provou ser impossível, as classes dominantes e o Estado não conseguiram aceitar a nova mensagem da Igreja que por ela percebida como excessivamente “política” no melhor dos casos, quando não subversiva. Nada demonstra esse fato com tanta clareza como os muitos casos de prisão, tortura, destruição de propriedades da Igreja e outros exemplos de repressão privada e estatal procedida contra líderes eclesiais.⁶⁴

No desenvolvimento de suas atividades religiosas, padre José promoveu mudanças significativas para atender às demandas de uma Igreja que à época os setores ditos “progressistas” possuíam grande influência, em comunhão ao que tinha sido proposto pela CNBB, a saber: articular participação da sociedade em defesa dos direitos humanos.⁶⁵

⁶³ Inquérito Policial. Esmeralda Carvalho de Medeiros Lima. Fórum Jorge Calmon. Jacobina, Bahia, Brasil. 02 mar. 1982. p. 18.

⁶⁴ MAINWARING, 2014. p.19.

⁶⁵ A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) foi criada no ano de 1952 por Dom Helder Câmara. Desse modo, a CNBB acompanhou várias mudanças do contexto político, econômico e social. Nesse sentido, apresentou mudanças significativas ao longo da história do país. A princípio, a CNBB apoiou o golpe militar de 1964 que depôs João Goulart da presidência do país, mas mudou sua postura e voltou-se contra o regime quando esse alcançou o ápice de confrontação contra os Direitos Humanos.

Foram criados programas que propusessem políticas sociais, tais como a Comissão Pastoral da Terra (CPT), criada na Paróquia de Jacobina no dia 6 de junho de 1979, que, tinha como objetivo atender aos anseios dos lavradores. Pois, identificamos na leitura do inquérito que a mesma elite que questionava de forma contundente a postura do pároco frente à questão agrária, era mesma que presidia a Associação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Jacobina. O envolvimento do padre, sobretudo, com a questão agrária rendeu ao religioso um acirrado confronto com os dirigentes sindicais, fazendeiros e grileiros, gerando uma onda de ameaças, inclusive de morte e assassinatos.

A evidência mais concreta sobre esse aspecto ganhou dimensão quando foi publicada uma nota no jornal *O Globo* pelo fazendeiro e ex-vereador suplente do Partido Social Democrático (PSD) Isaac Maximiliano dos Santos, em favor dos fazendeiros, tornando pública a sua opinião sobre o método subversivo do pároco:

Antes da chegada desse padre tínhamos aqui em Jacobina verdadeira religião, com a sua chegada, o que há é a fuga à religião e a intranquilidade dos fazendeiros e proprietários de terra da região. Ele incentiva os pobres contra os ricos, e estimula as invasões de terras, bota as lavadeiras para cobrar preços absurdos e apoia o PT, cabe as forças armadas colocar esse padre em seu devido lugar.⁶⁶

É possível perceber na declaração do senhor Maximiniano uma clara referência ao pensamento político que esteve muito presente durante do regime militar. O termo “arbitrariedade” e subversivo, bem como, a ideia que sucinta a interferência militar dialogam de forma muito estreita com o período da história do Brasil que mesmo estando em declínio demonstra como exercia forte influência no pensamento político da sociedade interiorana conservadora e simpática ao período citado. Em seu depoimento, o senhor Arlindo Xavier de Oliveira (advogado), mencionou que padre José “embrenhava-se pelos lugarejos rurais, anunciando a queda do regime militar”.⁶⁷ Questão que será abordada com mais afinco no terceiro capítulo deste trabalho.

⁶⁶ NASCIMENTO, Valdeci Costa do. “A ação Pastoral de Padre José Hehenberge em Jacobina a partir do viés dos movimentos sociais no Brasil na década de 80”. Monografia de especialização apresentada ao Curso de Pós-graduação em História Cultural, Urbana e Memória. Universidade do Estado da Bahia-UNEB, campus IV. 2006. p 44.

⁶⁷ Inquérito Policial. Arlindo Xavier de Oliveira. Fórum Jorge Calmon. Jacobina, Bahia, Brasil. 04 mar. 1982. p. 14.

Mas, retomando a discussão que tiveram como pano de fundo os conflitos e seus desdobramentos sobre o caso do santo, analisaremos a seguir o depoimento do suspeito Álvaro Assis Filho pelo ataque a bomba a casa dos religiosos que, preocupado com a dimensão alcançada na imprensa escrita e televisiva do ocorrido articulou sua fala durante o inquérito em defesa do grupo carnavalesco Brás, o quale le fazia parte, inocentando-os frente à insinuação de acusação feita por padre José. Deste modo, o suspeito declarou que:

Que a crônica falada e escrita de Salvador vem fazendo uma injusta campanha contra as pessoas que tomaram das mãos do Padre a imagem apontando o Bloco Brás, como responsável direto, e que não é verdade, desde quando foi uma atitude espontânea que teve o povo sem distinção de cor ou idade.⁶⁸

Nesse aspecto, percebemos a tentativa do suspeito em homogeneizar a ação dos envolvidos para assim deslocar as acusações, projetando o acontecido como vontade do povo. Era de interesse do declarante torna pública a homogeneidade do confronto. Consta ainda na narrativa de outras testemunhas que toda a repercussão do caso deveu-se a uma importância exagerada dos fatos pelo padre, alguns discursos sinalizavam inclusive de que todo esse acontecimento teria sido armado pelo religioso. Com isso, podemos sugerir que essas pessoas também tenham dimensionado o forte poder de articulação que o religioso possuía, principalmente se levarmos em consideração o papel que a imprensa representou para o padre enquanto instrumento de denúncia.

2.3 Padre José: Santo ou Demônio?

*“O anticristo” o “demônio de Jacobina”. “Fora PT do Padre”.*⁶⁹

O trecho em destaque expressa um dos aspectos que esteve muito presente no pensamento e concepção de alguns grupos sociais da cidade de Jacobina sobre o modelo de padre que se queria. Desse modo, para entendermos como essa imagem do padre

⁶⁸ Inquérito Policial. Álvaro de Assis Filho. Fórum Jorge Calmon. Jacobina, Bahia, Brasil. 02 mar. 1982. p. 14.

⁶⁹ NASCIMENTO. O trecho em destaque é um recorte da frase que foi teor de pichações difamatórias e de ameaças nos muros dos templos religiosos da cidade no contexto do conflito entre padre José e setores da sociedade. Publicação do *Jornal Tribuna da Bahia*, 26 de mar. 1982. 2006. p 59.

José foi construída, não podemos perder de vista a discussão desenvolvida no primeiro capítulo deste trabalho: o cenário religioso deixado a padre José pelo seu antecessor, padre Alfredo Haasler.

As memórias construídas pela população local acerca do padre Alfredo Haasler evidenciam uma postura íntegra, resignada, de modo a ser comparado, inclusive, a um santo. Este fato contribuiu para a construção oposta aos trabalhos realizados por seu sucessor. Sendo assim, sobre os aspectos negativos presentes na construção da imagem de padre José, podemos sugerir, a princípio, dois motivos: primeiro, deve-se às profundas modificações que alteraram as relações entre setores das elites dirigentes no cenário político e religioso com as classes populares. Segundo, dá-se pela exaltação da imagem de seu antecessor como sendo um exemplo de moral, fé, pobreza, caridade, justiça, amor, solidariedade e partilha.

Essa concepção sobre o padre Alfredo consta na obra biográfica *O missionário do Sertão* escrito pela professora Doracy Araújo Lemos.⁷⁰ Para a construção dessa obra, a professora utilizou textos de pessoas que viveram muito próximas ao padre Alfredo. Entre essas estava a também professora dona Valdetina Soares, considerada o braço direito do padre, zeladora e auxiliadora de seus trabalhos. Em uma das passagens dessa obra, a professora Valdetina escreveu um texto em homenagem ao padre Alfredo, tratando das intempéries que talvez lhe tenham diminuído os anos de vida:

Padre Alfredo foi uma pessoa de constituição física muito forte. O clima da roça e o contato contínuo com a natureza nas desobrigas que fazia constantemente, tornaram-no capaz de viver um século! O que realmente abreviou sua vida foram os conflitos, o desrespeito pela tradição do Magistério da Igreja, o exagerado progresso eclesial. [...] Pudera o povo jacobinense parar para pensar nesse santo que deu a estas terras seu testemunho de vida.⁷¹

Como podemos observar nesse trecho, a autora caracteriza a figura marcante que teria sido o padre Alfredo Haasler. Elabora, ainda, a construção de um sujeito que nem as adversidades do sertão foram capazes de desanimá-lo ao longo dos cinquenta anos de vida religiosa, destacando que o maior desafio enfrentado pelo religioso e talvez aquele que teria abreviado a sua vida foram às mudanças ocorridas na Igreja. A partir dessa

⁷⁰ LEMOS, 2000.

⁷¹ LEMOS, 2000, p. 128.

narrativa, podemos sugerir que o “exagerado progresso eclesial” corresponde às ações de padre José, uma vez que o padre Alfredo acompanhou os desdobramentos dos conflitos que envolviam as ações pastorais de seu sucessor.

Essa questão nos proporciona retomar a discussão e refletir sobre o choque religioso que afetou a ala conservadora da Igreja, não perdendo de vista a grande contribuição de padre Alfredo Haasler no processo de renovação carismática no contexto de Jacobina, bem como, no desenvolvimento das ações pastorais que promoveram significativas mudanças, ainda que, propusessem as manutenções e hierarquias como foi discutido no primeiro capítulo deste trabalho. Com isso, torna-se pertinente destacar que toda essa discussão não pretende perder de vista a importância que padre Alfredo Haasler teve no processo de inserção de padre José com a questão agrária, como podemos ver no trecho abaixo:

Naquele tempo eu já tinha recebido uma carta de Padre Alfredo me pedindo para ir até a comunidade de Piabas que eles vinham perdendo a terra e agora o resto, então ele escreveu uma carta pedindo para me encontrar com o líder da comunidade.⁷²

Podemos sugerir a partir do recorte da entrevista acima que padre Alfredo Haasler parecia saber que padre José era a pessoa indicada para tentar solucionar o caso da questão agrária envolvendo a comunidade de Piabas. Ou seja, padre Alfredo Haasler foi sem sombras de dúvidas o maior responsável pela inserção de padre José nesse certame da questão agrária na região de Jacobina. No entanto, nesse empreendimento o que padre Alfredo Haasler não poderia mensurar eram os desdobramentos que essa incursão de padre José poderia adquirir, questão que contribuiu para a construção da imagem de um religioso que se desviava do modelo de padre com o qual alguns segmentos da sociedade estavam habituados.⁷³

Em contrapartida, para elucidar a imagem que foi sendo construída sobre padre José, destacamos também o discurso do senhor Álvaro de Assis Filho: “o descontentamento na cidade é grande, desde que chegou padre Josef, ele tem criado

⁷² Padre José Hehenberge. Idem.

⁷³ O município de Caém fica situado a 29 Km de Jacobina. No período em estudo, Caém fazia parte da comarca de Jacobina.

uma série de problemas”.⁷⁴ O depoente registrou, assim, suas insatisfações com relação à intranquilidade e a falta de paz causada por padre José na cidade.

Quando padre José chegou à cidade para auxiliar padre Alfredo ele encontrou um cenário religioso consolidado há quase cinquenta anos. Nesse sentido, a reação de repúdio de setores das elites dirigentes a padre José deve ser compreendida no contexto das mudanças que alteraram profundamente as estruturas e hierarquias sociais, político-religiosa da cidade, promovendo a participação, atuação e uma série de lutas por direitos empreendidas por sujeitos das classes populares da sociedade. Essas modificações no contexto social da Igreja fez emergir principalmente uma discussão sobre a concepção social de que Igreja e Política não se misturam.

Em seu livro intitulado *Memórias em Conflitos ou Padre não deve se meter em política*, Marinélia Silva propõe uma leitura sobre as mudanças ocorridas no cenário religioso e político com a chegada do padre Silvino na cidade de Riachão do Jacuípe, interior da Bahia, com sua chegada em 1991. Para isso, a autora realizou um estudo a partir de relatos de memórias dos moradores daquela cidade para entender a concepção de político da população jacuipense.⁷⁵ Essa análise empreendida por Silva revelou as inúmeras inquietações que se desdobraram de forma relacional sobre os tempos da Igreja antes e depois da chegada de padre Silvino, bem como, esses relatos indicaram os conflitos entre os tempos em que antes da chegada do pároco “padres e amigos era amigos”.⁷⁶

Nessa perspectiva, os depoimentos presentes no inquérito para apurar o atentado a residência dos religiosos também nos revelam uma dimensão do político referente ao período que antecedeu a chegada do religioso à paróquia de Jacobina. Organizadas a partir dos laços de sociabilidade as ações pastorais desenvolvidas pelo padre Alfredo Haasler nos revelam certa harmonia entre o religioso e atores do cenário político local, questão discutida no primeiro capítulo deste trabalho. Esse movimento pode nos ajudar a compreender os elementos que contribuíram para a cristalização de uma sociedade, sobretudo, conservadora e elitista no que tange aos aspectos político e religioso.

⁷⁴ Inquérito Policial. Álvaro Assis Filho. Fórum Jorge Calmon. Jacobina, Bahia, Brasil. 02 mar. 1982. p. 15.

⁷⁵ SILVA, Marinélia. Souza da. *Memórias em Conflitos: Padre não deve se meter em política? Conflitos e Religião em Riachão do Jacuípe/BA nas últimas décadas do século XX*. Dissertação de Mestrado, UFBA, 2005.

⁷⁶ SILVA. 2005. p. 51.

No entanto, esse processo de harmonia e/ou bom relacionamento entre o padre Alfredo e as elites dirigentes foi rompido de forma abrupta quando padre José assumiu a paróquia de Jacobina. A opção pelos menos favorecidos promoveu uma menor atuação dessa classe por conta das novas exigências estabelecidas pelo novo pároco que, dentre elas, julgava ser preciso trazer leigos e leigas da sociedade para o centro de decisão e atuação da “nova” Igreja que se organizava. O exercício para a renovação do papel da Igreja Católica reforçado pela criação e organização das comunidades eclesiais de base promoveu, no âmbito religioso, o chamado processo de descentralização do poder vigente, questão apontada por Leonardo Boff:

Primeiramente, a comunidade eclesial de base significa mais que um instrumento mediante o qual a Igreja atinge o povo e o evangeliza. É uma forma nova e original de se viver a fé cristã, de se organizar a comunidade ao redor da palavra, dos sacramentos (quando é possível) e dos ministérios exercidos por leigos (homens e mulheres). Há uma nova distribuição do poder na comunidade, muito mais participativa, evitando-se toda centralização e dominação a partir de um centro de poder.⁷⁷

Promover a participação dos setores populares na esfera institucional e/ou na luta por uma sociedade mais justa foi atitude vista pelas elites jacobinenses como uma arbitrariedade. Para analisarmos esse aspecto conservador da Igreja Católica de Jacobina proponho a leitura da declaração do médico e prefeito da cidade na época, Dr. Flávio Mesquita: “Não tenho nada contra a gente simples, mas ele está orientando essas pessoas para a radicalização. Ele fanatizou o Conselho”.⁷⁸ Podemos observar em sua declaração que o médico busca ligar a ação do padre a um fenômeno que ficou bastante conhecido, o fanatismo religioso, que foi um termo depreciativo utilizado pelo Estado e as forças militares para descaracterizar a luta pela terra empreendida por Antônio Conselheiro e populares na conhecida Guerra de Canudos (1896 a 1897), sertão baiano.⁷⁹ Não obstante, a palavra “fanatismo” também aparece em um trecho do depoimento de uma das testemunhas do inquérito. O senhor Antônio Alves da Silva, denominou a organização do Grupo Jovem da Igreja jacobinense criado pelo pároco de

⁷⁷ BOFF, Leonardo. *Igreja: Carisma e Poder*. 2 ed. Rio de Janeiro: Record, 2010. p. 35-36.

⁷⁸ NASCIMENTO. 2006. p.36.

⁷⁹ MOURA, Clóvis. SOCIOLOGIA POLÍTICA DA GUERRA CAMPONESA DE CANUDOS: Da destruição do Belo Monte ao aparecimento do MST. Disponível em: <http://www.reformaagrariaemdados.org.br/sites/default/files/Sociologia>. p. 20-24. Acesso em: 14/12/2014, às 22h50min.

“fanáticos”. Acrescentando ainda, que, a criação do grupo tinha por finalidade caráter político, e que esses jovens eram instrumentalizados pelo padre a se filiarem ao Partido dos Trabalhadores (PT).⁸⁰

Percebemos assim, que esse cenário visivelmente conservador, destacou que incentivar a participação dos leigos no centro de decisões da instituição não passava de fanatismo. Com isso, como poderíamos pensar os desdobramentos do Movimento das Lavadeiras que cobravam preços mais justos por trouxas de roupas lavadas? Quais foram as consequências sofridas pelos lavradores e o pároco quando buscaram na Justiça o direito à terra? E como a sociedade compreendeu a forma com que as empregadas domésticas e cozinheiras se voltavam contra seus patrões pedindo aumento dos salários?

As respostas para essas perguntas vão aparecendo durante todo o processo de construção deste trabalho. Cabe aqui, por enquanto, destacar o quanto as classes dirigentes foram manifestando suas inquietações e empregando suas estratégias de combate aos trabalhos promovidos por padre José.

Na visão do teólogo Leonardo Boff, a libertação do povo acontece quando lutam contra as forças que os oprimem, ou seja, quando enfrenta o sistema opressor buscando a conscientização.⁸¹ E como vimos, os círculos bíblicos realizados na Paróquia por padre José foram ferramentas fundamentais para o diálogo entre a fé e a luta: “Quanto à Igreja, ela deve deixar de ser uma peça do sistema de dominação: seguindo a tradição dos profetas bíblicos e o exemplo pessoal de Cristo, ela deve se opor aos poderosos e denunciar as injustiças sociais”.⁸²

Nesta perspectiva, os movimentos que se generalizavam entre os setores marginalizados da sociedade jacobinense implicaram no desgaste da imagem de Padre José com esses setores. Na contramão deste processo, os acontecimentos verificados, ganharam dimensão importante para os sujeitos envolvidos. Os mecanismos de lutas para melhorar a situação das classes populares na época, eram esclarecidas a partir da situação de mudanças, e precisavam ser analisadas, perceber através da vida prática se esses direitos estavam sendo respeitados, conforme previa os Direitos Humanos:

⁸⁰ Inquérito Policial. Antônio Alves da Silva. Fórum Jorge Calmon. Jacobina, Bahia, Brasil. 04 mar. 1982. p. 29.

⁸¹ BOFF, 2010. p. 28-35.

⁸² LOWY, 1991. p.40-42.

Tem que ser igual nos direitos humanos é ou não é? Então foi nos meus 7 anos de trabalho que eu aprendi que devemos enfrentar as coisas, e foi também que eu aprendi a defender o povo. Então esse é nosso método e também o método da não violência, então a partir disso conseguimos ter uma concepção mais clara.⁸³

Colocado dessa forma, notamos que a luta por uma sociedade mais justa era iniciada nos encontros realizados entre o pároco e os leigos no salão da Igreja para leitura e interpretação das contradições sociais, econômicos e políticos, mas sempre reformuladas à luz do documento da Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH). Era preciso conhecer seus direitos para depois discutir se a realidade daquelas pessoas estava sendo respeitada perante a proposta do documento, era preciso conhecer para legitimar as lutas que estariam por vir.⁸⁴

A instrumentalização que padre José buscava como método de contestação, conforme foi sinalizado anteriormente estava prevista pelos os Direitos Humanos, bem como, contextualizada com o que foi proposto nas resoluções da Conferência Episcopal Latino Americana (CELAM) realizada em 1968, na cidade colombiana de Medellín. Sendo assim, construía-se o caminho em solidariedade com os anseios do povo pela libertação.⁸⁵

2.4 Tecendo a Política: uma perspectiva libertadora

De modo análogo, a Igreja, mesmo não sendo uma instituição política-prerrogativa do Estado secularizado-, sempre sustenta a proposta de fazer política, oferecendo um nível de atuação em que procura traduzir anseios e interesses sociais. Ela não pretende o poder institucional- o governo-, mas um poder político.⁸⁶

A dimensão do político abordada no presente trabalho insere-se dentro da perspectiva problematizada pela Nova História Política, a qual se consolidou a partir dos anos 1980 distanciando-se de uma discussão eminentemente com enfoque no poder político do Estado, mas nas formas de poder que incluem as massas anônimas, em

⁸³ Padre José Hehenberge. Entrevista citada.

⁸⁴ Bispos da América Latina – Conclusões de Medellín. 2 ed. Disponível em: <http://www.arquidiocesedesaopaulo.org.br/documentos/celam>. Acesso em: 18 jun. 2014.

⁸⁵ LOWY, 1991. p.39.

⁸⁶ MAAR, Wolfgang, Leo. *O que é Política?* 16 ed. 24º reimpr. São Paulo: Brasiliense. 1994. p. 13.

contraposição a uma história dos “grandes homens” e seus feitos. Afinal, a política, enquanto prática social, permeia a vida dos setores populares nas mais variadas experiências cotidianas.⁸⁷ Desse modo, buscamos aqui compreender como nos mais simples gestos do cotidiano – ou até mesmo nos mais dinâmicos – o posicionamento político permeia as ações dos sujeitos sociais.

Conforme demonstramos anteriormente, padre José desenvolveu suas ações pastorais na cidade de Jacobina de forma bastante divergente de seu antecessor. Esse mecanismo de atuação causou estranheza à sociedade que relembavam “os tempos” de padre Alfredo Haasler com certa nostalgia, “tempos de paz”. Dessa forma, podemos sugerir que somado ao crescimento e fortalecimento do Partido dos Trabalhadores durante a década de 1980 com as greves do ABC paulista e a força representativa do líder sindical Luís Inácio Lula da Silva, padre José também passou a ser visto como uma possível “ameaça” à hegemonia mantida pelas elites políticas. Os depoimentos do inquérito indicam a política é algo que não cabe à Igreja, tão pouco aos seus agentes. Esse pensamento tem por objetivo descaracterizar o teor político em que os movimentos sociais se organizaram na cidade. Evidenciando a concepção do velho jogo político como algo inerente as elites. Essa observação torna-se ainda mais latente se atentarmos para a tradição de médicos na gestão pública do município. Em contrapartida, podemos indicar a preocupação dessa elite política com a influências que esse religioso exercia sobre as CEBs, posto que estas envolviam setores eleitorais da classe popular jacobinense, entre outros espaços de atuação eleita como o movimento de mulheres, lavradores, trabalhadores e grupo de jovens. O elemento discursivo para a construção dessa possível “ameaça”, esteve presente no depoimento de algumas testemunhas.

Nessa incursão, era o religioso que nos dias de missa criticava duramente as políticas públicas que não atendiam aos anseios daqueles que estavam à margem da sociedade, pois, nas suas caminhadas realizadas pelas periferias passou a perceber como muitas famílias viviam precariamente. Se o poder público negava a essas pessoas garantias mínimas para uma vida digna, era preciso conscientizar as famílias de que elas eram capazes de mudar aquela condição, isso se tornaria possível conquistando seus direitos paralelo a criação de alternativas para o desenvolvimento econômico que

⁸⁷ BARROS, José D’Assunção. O Campo da História – Especialidades e Abordagens. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 106-107.

não aliementasse os laços subserviência. A Teologia da Libertação, tinham como objetivo promover mudanças: libertar o povo oprimido através da organização e articulação de práticas que apontassem para uma sociedade alternativa, menos dependente e injusta.⁸⁸

Contrariando essa proposta de “libertação” e luta que padre José inaugurou na cidade, o rosário de acusações levou as ações do pároco para o campo da política, como destacamos anteriormente. Não se sabe ao certo qual era a relação do pároco com o partido, mas os depoimentos sugerem essa ligação. Podemos pensar, a princípio, que o PT quando foi fundado representava a luta contra as desigualdades que acometiam a classe trabalhadora. Segundo Adriano Henriques Machado, citando Emir Sader, os movimentos sociais em meados da década de 1970 ocorreram dentro de três instituições: a Igreja Católica, o movimento sindical e os grupos de esquerda. Nesse cenário, o PT teceu estreitas relações com as CEBs, de modo que os membros desta última estavam ideologicamente engajados nas aspirações sociais defendidas por esse partido.⁸⁹

Não obstante, o PT de Jacobina tinha um grupo de pessoas ligadas à organização evangelizadora da Igreja. Os depoimentos presentes no Inquérito Policial indicam que essas pessoas faziam parte do Grupo Jovem criado por padre José. Quanto a isso, o senhor Arlindo Xavier de Oliveira, diz o seguinte: “Padre José criou o Grupo Jovem onde vem catequizando rapazes e moças no sentido de que se unam ao Partido Trabalhista do qual ele faz parte”.⁹⁰

Diante desse quadro, as elites dirigentes tomam suas atitudes para demonstrar ao pároco que naquela cidade não existia abertura para mais um partido. Segundo relatos cedidos a Nascimento:

Membros dos partidos conservadores denominados Jacus e Carcarás marcaram uma reunião com Padre José no Salão São Francisco. Para isso, não informaram ao religioso o motivo da reunião. Chegando o Padre e alguns leigos ao local marcado, encontraram um quadro de giz contendo uma relação dos dois grupos políticos e seus simpatizantes, traçando um panorama da tradição política local. E, que todos os

⁸⁸ BOFF, 2010. p. 34-37.

⁸⁹ MACHADO, Adriano Henriques. *A influência dos setores católicos na formação do Partido dos Trabalhadores*: da relação com os movimentos sociais à ideia de formar um novo partido. XXV Simpósio Nacional de História da ANPUH, Fortaleza-CE, 2009. p. 2.

⁹⁰ Inquérito Policial. Arlindo Xavier de Oliveira. Fórum Jorge Calmon. Jacobina, Bahia, Brasil. 04, mar, 1982. p. 27.

sacerdotes que chegam àquela cidade tinham que definir a sua opção, pois, Padre Alfredo Haasler já havia feito a dele, exigindo assim, que Padre José tomasse a sua decisão se seria Jacu ou Carcará”.⁹¹

E Padre José escutou aquilo tudo e disse ai então tem nomes de animais? São facções com nomes de animais? [...] colocou pe. José na parede. Ele tranquilamente estava com a Bíblia na mão abriu e começou a ler sem dar muita importância ao que estavam dizendo, ai falaram um monte de coisa e depois Padre José se levantou, eles achavam que Padre José talvez fosse definir agora nesse momento ele definiu sim, mas, de outra forma ele ficou de pé e disse que ele não tinha vindo para Jacobina para entrar em facções políticas partidárias e que eles não estava aqui em Jacobina para ser vigário de Jacu nem de Carcará ele veio para ser vigário de todos, ai disseram então o senhor é do PT porque se o senhor não é Jacu nem Carcará, ele disse não sou Jacu, não sou Carcará e nem sou PT, eu sou padre José Hehenberge vigário do povo de Deus de Jacobina e se retirou da reunião.⁹²

A postura do pároco de isentar-se de optar por um dos grupos repercutiu entre os setores sociais daquela cidade, alargando os desafios e as acusações que viriam a ser enfrentadas pelo religioso. Nessa perspectiva, identificamos a dimensão do político em que se inserem as ações pastorais de padre José, bem como, os seus desdobramentos. Concernente a essa discussão e para o confronto de informações, cito mais uma vez o depoimento de Arlindo Xavier de Oliveira, onde o mesmo teria falado sobre posicionamento político de padre José:

Um candidato a cargo eleitoral nesta cidade de Jacobina, disse que de certa feita, que o padre Josef era um líder e já tinha poder de decidir uma eleição em Jacobina; que na saída desta cidade existia uma casa de propriedade dos próprios padres que serve de ponto de reunião onde o padre frequentemente se reúne com um grupo com a finalidade de discutir problemas políticos.⁹³

Paralelo aos discursos que caracterizam padre José como um possível líder político, circularam pela cidade panfletos difamatórios envolvendo-o com o PT. Além disso, nas paredes das Igrejas foi pichado um texto com o seguinte teor: “o anticristo” o demônio de Jacobina”. “Fora PT do Padre”, Padre José, você é antipático”, corra rápido se não perde a cabeça”.⁹⁴

⁹¹ NASCIMENTO, 2006. p. 38-39.

⁹² NASCIMENTO, 2006. p. 39.

⁹³ Inquérito Policial. Arlindo Arlindo Xavier de Oliveira. Fórum Jorge Calmon. Jacobina, Bahia, Brasil. 04. Mar. 1982. p. 26.

⁹⁴ NASCIMENTO, 2006. p. 59.

Quando o delegado Wilton Sodré Gonçalves perguntou a padre José a quem ele atribuía as pichações, ele disse acreditar que esse ato estivesse relacionado à proibição da venda de bebidas durante os festejos do Santo Bom Jesus da Glória e a retirada deste Santo da Igreja. No entanto, nos depoimentos das testemunhas do inquérito policial, as falas apresentam dúvidas e questionamentos sobre as pichações. Algumas pessoas relataram que não duvidavam das pichações terem sido feitas a mando do próprio padre para se promover, se fazer de vítima perante os fatos, vejamos o seguinte relato:

Que o senhor Gerino Moura, Imperador da festa do Divino Espírito Santo, nesta cidade [...] é responsável pela organização e asseio da Igreja tendo ele dito ao declarante que ao procurar limpar todas as pichações que circulavam o templo, foi interpelado por uma Freira que perguntou a ele Gerino se havia recebido autorização do Padre Josef, para tal fim, que deixa claro que para se promover gostaria o Padre que não se apague as pichações e se sair de vítima [...] Paira dúvidas ao declarante quanto as pichações e até mesmo o atendado a bombas, não terem sido atos praticados por elementos do Partido Trabalhista, ou mesmo Grupo de Jovem, criado pelo próprio Padre Josef .⁹⁵

Esses depoimentos desenham em boa medida as experiências e os lugares de onde esses sujeitos falam. Desse modo, esses discursos se assentam sob as “verdades” que interessavam a este ao a aquele grupo social. Essa questão, evidencia que as alterações ocasionadas na dinâmica da Igreja Católica de Jacobina, visibilizaram o teor político da atuação de padre José, que somadas às inquietações revelaram as fissuras de uma sociedade marcada pelas diferenças sociais e ideológicas.

Como vimos, entre as várias questões que incomodaram a sociedade jacobinense elitizada estavam os movimentos sociais, que foram palco de significativas mudanças nas relações cotidianas das classes menos favorecidas. O Movimento das Lavadeiras, por exemplo, foi bastante citado por membros das elites dirigentes durante o inquérito. As falas das testemunhas ressoam inconformidade com a proporção adquirida por esse movimento. Afirmando assim, padre José jogava as lavadeiras contra seus patrões, pois era ele, ainda que de forma não assumida, o responsável por organizar as reuniões e orientar essas trabalhadoras a cobrarem a lavagem por peças de roupas.⁹⁶ Afinal, a cada dia que passava, as trouxas de roupas eram maiores, sobretudo porque as “madames”

⁹⁵ Inquérito Policial. Álvaro Assis Filho. Fórum Jorge Calmon. Jacobina, Bahia, Brasil. 02 mar. 1982. p. 15-14.

⁹⁶ Padre José Hehenberge. Idem.

passaram a trazer as roupas da Capital para lavar em Jacobina, pois o preço do serviço era sempre o mesmo, independente do seu volume:

Os estudantes começaram a fazer um preparo com as lavadeiras, então quando os estudantes terminaram eles foram para Salvador e entregaram essa responsabilidade para um tal de Alexandre, ele trabalhava com a embasa ele já entrava naquele movimento, ele entrava como animador do conselho paroquial e então ele me convidou vamos fazer as reuniões, aí ele veio, qual é o problema das lavadeiras? O problema é que elas lavam por uma micharia, não dá para uma vida de melhor situação. Então a gente trabalhou de marcar os preços, criar uma associação. Então aqui as donas de casa começaram a falar mal de nós, então nos pedimos para as lavadeiras desenvolverem um trabalho de organização, isso foi em 89.⁹⁷

Podemos então considerar que organização do Movimento das Lavadeiras, assim como, outros mecanismos defendidos pelas classes populares enquanto estratégia para mudar a precária condição de trabalho e de vida, passou a incomodar as senhoras donas de casa. Tencionando as inúmeras falas e discursos de descontentamento contra o religioso durante o interrogatório.

Um outro ponto de tensão bastante presente nos relatos das testemunhas envolvendo padre José tem relação com a criação de novos sindicatos na cidade, questão que se confirma pela análise dos depoimentos dos representantes sindicais inconformados com a possibilidade de perderem seus postos nas instancias de poder estabelecidos e edificados. Pois, podemos sugerir que a criação de um novo sindicato representaria, sobretudo, uma estratégia encabeçada pelo pároco de atender as demandas da classe mediante a um sindicato formado por membros das elites agrárias e comerciantes locais. Essa postura intensificou, sobretudo, a insatisfação daqueles que já estavam à frente desse órgão.

Historicamente, os movimentos sindicais nos remontam ao período da Revolução Industrial Inglesa durante o século XVIII. Contexto, em que, a produção fabril passou a alterar as relações de trabalho e fez emergir uma nova classe social, o proletariado. No entanto, diferente da prosperidade industrial a classe trabalhadora até início do século XIX, não tinham uma legislação trabalhista que definisse a duração da jornada de trabalho e proteção contra acidentes. Nesse percurso, a classe de operariado

⁹⁷ Padre José Hehenberge. Idem.

se organizou-se na luta por melhores condições de trabalho, que teve início com as associações e posteriormente a formação dos primeiros sindicatos.⁹⁸

A história das lutas trabalhistas no Brasil foi marcada por significativas conquistas. Mas, ainda que de forma controversa, foi na primeira fase na Era Vargas que houve maiores conquistas pela classe, momento marcado pela intensificação dos movimentos político da classe trabalhadora na luta pela regulamentação das Leis Trabalhistas, período de significativo avanço e luta. No entanto, esse movimento foi enfraquecido pelas medidas adotadas pelo governo que passou a manipular as organizações sindicais com a criação do Ministério do Trabalho. Na ditadura do Estado Novo, Getúlio Vargas atuou como mediador entre empregados e patrões, com a criação da Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), bem como promoveu o chamado corporativismo sindical, ou seja, os sindicatos teriam a partir de então que se filiar ao Ministério do Trabalho, além de proibir as greves, evidenciando antagonismo nessa conjuntura.⁹⁹

Em Jacobina, o sindicalismo ganhou força a partir da Pastoral Operária, que, como podemos acompanhar no decorrer da leitura dos depoimentos do inquérito sofreu profundas modificações com o processo de criação de uma nova corrente sindicalista opositora defendida por padre José e trabalhadores, mediante aos anseios da classe que se via desassistida pelo sindicalismo de caráter elitista e conservador.

Encontramos ressonâncias nos depoimentos das testemunhas do inquérito que apresentam posicionamentos de desaprovação com a participação de padre na formação desses sindicatos. No depoimento do advogado do Sindicato Rural, o senhor Arlindo Xavier de Oliveira afirmou que padre José não só era mobilizador da causa sindical, como também tentou por algumas vezes “concorrer à diretoria criando a chapa 2 e que o religioso teria solicitado apoio ao declarante prometendo que nada faltaria se assim procedesse”.¹⁰⁰ No entanto, o advogado evidencia que o pároco não obteve apoio daqueles que já estavam à frente do órgão, perdendo, assim, a eleição, bem como, fez questão de registrar como o religioso “passou a atuar no meio rural enganando

⁹⁸ ESTANQUE, Elisio. *Sindicalismo e movimentos sociais: ação coletiva e regulação social no contexto europeu e português*. Disponível em: <http://www.pucsp.br/neils/downloads/05-elisio.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2014, às 10h00min.

⁹⁹ SABOURIN, Eric. *Reforma agrária no Brasil: considerações sobre os debates atuais*. Disponível em: <http://www.economia.esalq.usp.br/intranet/uploadfiles/1119.pdf>. 17 jun. 2014, às 22h46min.

¹⁰⁰ Inquérito Policial. Arlindo Xavier de Oliveira. Fórum Jorge Calmon. Jacobina, Bahia, Brasil. 04 mar. 1982. p. 26-27.

lavradores orientando-os no sentido de que depois de um ano o lavrador não se afaste da terra onde trabalha”. Consta também no depoimento do senhor Antônio Alves da Silva, membro da Associação dos Trabalhadores Rurais, que o pároco passou a procurar lavradores e posseiros para tentar criar novamente a chapa, levantando a bandeira de que iria “solucionar os problemas daquelas pessoas”.

Vejamos no depoimento de Alves como o padre passou a organizar esse sindicato e os significados que esse depoimento tenta construir:

Padre Josef não parou, pelo contrário, tentou criar um Sindicato Independente com o título de DELEGACIA SINDICAL DO JUNCO [...] trazendo para esta cidade, de Salvador, a advogada Lúcia Lira para homologar tal delegacia, que foi derrubado pelo sindicato rural, visto não ser ato legal dentro da CLT; que a reunião feita na capela católica do Povoado do Junco, onde lavradores chegaram a assinar documentos sem nem saber o que estavam assinando.¹⁰¹

Percebemos de forma muito clara que há desse depoimento uma forma de denuncia sobre a conduta de padre José com relação aos lavradores. Declarando assim, que o religioso poderia estar se aproveitando do pouco conhecimento dos lavradores ao fazê-los assinar documentos sem nenhuma instrução. No decorrer da leitura dos depoimentos não identificamos outro ponto de tensão sob essa questão, mas, podemos pensar que era ao padre que essas pessoas recorriam para resolver assuntos dessa natureza. Principalmente, orientando-os a reivindicarem na justiça o direito a terra, como veremos no terceiro capítulo.

O inquérito enquanto documento histórico nos proporcionou refletir sobre as várias dimensões a partir de um mesmo caso. A abertura do inquérito policial para averiguar o atentado a bomba as residências dos religiosos nos ofereceu campo de visibilidade sobre as atividades pastorais de padre José e o seu envolvimento com questões sociais. Entende-se, a partir disto, o quanto suas ações chocaram e causaram alterações na dinâmica da sociedade jacobinense. A princípio, pelo processo de mobilizando da classe trabalhadora a engendrarem a luta; segundo, pelos efeitos provocados no curto espaço de tempo em que chegou à Jacobina. Com isso, não fica difícil entender o quanto essas mudanças destoavam dos trabalhos realizados pelo seu antecessor, o padre Alfredo.

¹⁰¹ Inquérito Policial. Antônio Alves da Silva. Fórum Jorge Calmon. Jacobina, Bahia. 04 mar. 1982. p. 28-29.

Mediante ao fato ocorrido e averiguado pela polícia através dos depoimentos, o Cel. Wilton Sodré Gonçalves delegado especial responsável pelo caso, declarou arquivado o inquérito mediante a falta de provas que pudessem contribuir na identificação dos autores do atentado, declarando que:

As testemunhas, nada trouxeram aos autos que indicassem o autor ou autores do atentado que motivou a abertura do presente inquérito. Há, porém, facções políticas que procuram sensibilizar para as suas cores o povo de Jacobina, e daí se propalam de que o fato de que cuida o presente inquérito seria fácil a determinação da autoria, mas que ninguém nos autos e extras-autos declarou ou revelou quem estaria por trás do atentado, razão pela qual esta autoridade deixou de indiciar quem quer que seja, por falta de elemento.¹⁰²

A análise da conclusão do delegado nos permite perceber mais uma vez a presença do elemento político, como um possível indício para as motivações do atentado. Talvez, essa leitura do delegado deva-se ao fato de ter sido registrado nos depoimentos questões sobre a possível relação do religioso com o Partido dos Trabalhadores, questão bastante tencionada durante os testemunhos. Principalmente se atentarmos para o fato de que no ano corrente já estavam bastante acirradas as articulações partidárias que iriam disputar as eleições naquele contexto.

No entanto, não foram apenas às críticas, os estranhamentos e/ou as insatisfações que pontuaram a trajetória de padre José na cidade. Como veremos mais adiante, o contato com a questão agrária a partir do movimento sindical, foi só um ensaio perto dos desafios que o pároco lançou. De tal forma que a luta promovida por padre José pela terra na cidade e municípios vizinhos quase lhe custou à vida.

¹⁰² Inquérito Policial. Cel. Wilton Sodré Gonçalves. Fórum Jorge Calmon. Jacobina, Bahia. 24 mar. 1982. p. 37-38.

3. OS CAMINHOS E DESCAMINHOS NA JUSTIÇA NA LUTA PELA TERRA

3.1 Um breve histórico da questão agrária

A primeira vez que tive acesso a discussão sobre a luta pelo direito à terra na cidade de Jacobina, envolvendo Padre José, foi numa aula de campo ao assentamento de Lagoinhas, localizado a 15 km da referida cidade. Na ocasião cursava a disciplina de Educação e Diversidade, ministrada pela professora Claudia Cunha Torres, durante o terceiro semestre na Universidade do Estado da Bahia-UNEB, no ano de 2009. Essa aula teve como proposta ampliar nosso entendimento acerca das reivindicações da educação das comunidades localizadas na zona rural. Para que as conhecessemos, foi realizada uma socialização da trajetória dos assentados. Neste momento em especial, as memórias promoveram um encontro com a história de vida dos sujeitos, marcadas por lutas e conquistas.

Durante esse encontro, as narrativas “revelaram” que a luta mais importante que os assentados enfrentaram estava ligada a um período difícil, marcado por conflitos entre posseiros e grileiros.¹⁰³ Desse modo, a existência dessa comunidade se deve à resistência de seus moradores, por não terem abandonado suas terras, mesmo em meio as muitas tentativas dos fazendeiros em retirar aqueles sujeitos de sua propriedade pelo uso da força. Naquele momento, dentre as reminiscências das memórias, surgiu o agradecimento a um importante companheiro de luta que apoio a causa deles: o padre José Hehenberge. Nesse instante, mais uma vez, minha trajetória cruzava-se com o meu objeto de pesquisa.

¹⁰³ O posseiro é aquele que primeiro ocupou uma extensão territorial, tomando posse da terra. Essa terra normalmente não tem dono nem documentação, ou é improdutiva, apresentando, ainda, características de abandono. Desse modo, o posseiro se apropria levantando cercas, constroem suas casas e passam a cultivar suas terras para a sua sobrevivência e da família. Os grileiros, por sua vez, invadem as terras dos posseiros com a ajuda de pistoleiros ou com a autorização da Justiça, alegando possuir documentos que comprovam serem os donos das terras. Os posseiros geralmente são pessoas simples, muitas vezes sequer sabem ler ou escrever, não tem conhecimento sobre as leis, não possuem instruções sobre a necessidade de comprovação ou registros de suas terras. Por isso, são enganados pelos grileiros, que procuram junto a justiça forjar essa documentação. Quando os posseiros resistem sofrem ameaças de morte. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/nra/textos/Myskiw.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2014. p. 22-23.

Historicamente, a questão da desigualdade fundiária no Brasil nos remonta à herança do sistema político implantado no país desde o processo de colonização. Política esta que foi responsável pelos conflitos entre nativos e colonizadores em decorrência da ocupação de terras. A princípio, ela aconteceu para fins de exploração e, posteriormente, para que fosse implantada a monocultura açucareira. Nessa época, os “povos nativos eram o obstáculo” para a ocupação territorial.¹⁰⁴

Em meados do século XIX, o Brasil atravessava um dos períodos que ficou conhecido como o marco da desigualdade fundiária no país, quando entrou em vigor a Lei de Terras de 1850.¹⁰⁵ Essa lei estabelecia que a compra e a posse da terra só seriam possíveis mediante o título de compra, fato que gerou a consolidação do processo de concentração fundiária, limitando o acesso à terra pelos trabalhadores assalariados e imigrantes. O objetivo da criação dessa lei, segundo alguns estudiosos, era assegurar às classes abastardas a hegemonia no processo de aquisição de terras no país, bem como dificultar o acesso de sujeitos simples a essas terras diante do novo cenário que se desenhava. Pois, com o posterior processo de abolição da escravidão em 1888 e a inserção da mão de obra imigrante, foram criados mecanismos que dificultaram o acesso desses imigrantes à terra no Brasil, para assim, manter aqueles sujeitos presos às lavouras dos grandes latifundiários.¹⁰⁶

Avançando um pouco mais no tempo, verificamos que em meados da década de 1940 as reivindicações pela terra foram em maior grau empreendidas pelas Ligas Camponesas. O país vivenciava o processo de abertura política da Era Vargas, ponto crucial para o início de um longo processo que marcou o movimento pela reforma agrária no país.¹⁰⁷ O sistema de aquisição da terra no Brasil, seguia privilegiando, sobremaneira, uma pequena classe detentora de capital em detrimento de uma maioria desprovida de recursos mínimos inclusive para provar na justiça que eram titulares das

¹⁰⁴ PRIORE, Mary Del; VENACIO, Renato. *Uma Breve História do Brasil*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2010. p. 24-26.

¹⁰⁵ A Lei de Terras N.º 601 foi promulgada no Brasil no dia 18 de setembro de 1850. Nesse período, o País era governado pelo Imperador Dom Pedro II. Uma das primeiras cláusulas dessa lei evidencia que a única forma de aquisição de terra devoluta só seria legal mediante título de compra. Disponível em: <http://arisp.files.wordpress.com/2007/11/lei-601-de-18-de-setembro-de-1850.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2014, 13h16min.

¹⁰⁶ SABOYA, Vilma Eliza Trindade. *A Lei de Terras (1850) e a Política Imperial - seus Reflexos na Província de Mato Grosso*. Disponível em: <http://www.anpuh.org/arquivo>. Acesso em: 14 jul. 2014, às 17h40min.

¹⁰⁷ Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br>. Acesso em: 07 jun. 2014, às 18h00min.

terras que há muitos estavam em posse de sua família. Este é um quadro que evidencia as desigualdades de um aparelho social historicamente excludente e injusto.¹⁰⁸

Nesse cenário, o século XX notadamente ficou marcado como o período da história que apresentou o crescimento das reivindicações mundiais na luta pela redistribuição da terra. O marco de maior expressão desse movimento, no Brasil, ocorreu com o fortalecimento das Ligas Camponesas durante o governo do presidente João Goulart (1961-1964). Nesse contexto, já havia uma pequena fissura que dividia a opinião da Igreja Católica entre a alta cúpula conservadora e setores ligados à esquerda que apoiavam a organização de entidades estudantis e sindicatos.

As Ligas Camponesas, genuinamente formadas na região Nordeste, apresentaram durante o governo de Jango expressiva autonomia concernente a sua desvinculação de sindicatos e associações governamentais. Essa autonomia tornava-se possível pelas polêmicas reformas de base inauguradas durante o governo jango, ou seja, além das discussões proeminentemente voltadas para a reforma agrária, o governo promulgou no ano de 1963 o Estatuto do Trabalhador rural, proporcionando a este setor direitos similares aos dos trabalhadores urbanos, questão que garantiu confronto entre o presidente e as elites agrárias.¹⁰⁹

Tempos mais tarde, nos anos finais do Governo Militar, essa luta pela reforma agrária foi empreendida preponderantemente pelo chamado Movimento dos Sem Terra (MST), o qual tinha em seu bojo inúmeras insatisfações contra o sistema político que negava a sociedade garantias mínimas previstas pela Declaração Universal dos Direitos Humanos:¹¹⁰

A partir da segunda metade do século XX, em especial no período da Redemocratização do país, que os movimentos sociais do campo se fortalecem e a luta pela Reforma Agrária ganha evidência no cenário nacional, principalmente na figura do Movimento dos Trabalhadores

¹⁰⁸ Disponível em: <http://www.uff.br/vsinga/trabalhos/Trabalhos%20Completo/Robson%20Paim.pdf>. Acesso em: 07 jun. 2014.

¹⁰⁹ Disponível em: http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/NaPresidenciaRepublica/A_questao_agraria_no_governo_Jango. Acesso em: 10 jul. 2014, às 14h00min.

¹¹⁰ O destaque para o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra- MST não desconsidera a importância que outros movimentos a exemplo: Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura- CONTAG, Federação dos Trabalhadores na Agricultura- FETAGs e Sindicato dos Trabalhadores Rurais- STR, mesmo com suas limitações por se tratarem de instituições vinculadas ao Estado, tiveram enquanto articuladores da luta pela reforma agrária, mesmo porque tinham como objetivo fazer cumprir o estatuto da terra de 1964.

Tomamos essa última análise sobre o engajamento do MST na luta pela reforma agrária, para destacarmos a importância do trabalho pastoral das Comunidades Eclesiais de Base, bem como, a Ação Católica Rural – ACR, que foi importante no processo de animação do meio rural. E não menos importante, a Comissão Pastoral da Terra - CPT, “com Sede na Paróquia de Santo Antônio, Jacobina, ligada também a Paróquia regional Diocesana de Senhor de Bonfim”, entidades que foram importantes nas lutas empreendidas pelos trabalhadores rurais de várias cidades, a exemplo de Várzea Nova e Jacobina a partir da forte participação de padre José Hehenberge no processo de mobilização da classe trabalhadora.¹¹² Deslocando assim, para o interior da Bahia as discussões promovidas acerca da questão agrária pelo viés da Justiça e da imprensa da capital e interior baiano.

3.2 Padre José, “Animador do meio rural”

A história de vida de padre José sempre esteve atrelada à questão da terra, pois era filho de agricultores e pertencente à Ordem monástica dos cistercienses, que desenvolviam genuinamente intensa relação com a atividade agrícola e a vida religiosa. No ano de 1968, ele vivenciou de perto a experiência dos trabalhos voltados para o desenvolvimento agrário da comunidade camponesa existente nas terras do Mosteiro de Jequitibá, na cidade de Mundo Novo-BA. Atendendo, assim, ao que foi solicitado em testamento pelo antigo dono da propriedade, o Cel. Plínio Tude:

Depois eu terminei o estudo em Salvador em 1968, eu fiz ainda um curso no SPAQ que chama Instituto Superior de Catequese, uma preparação maior para o estudo da civilização e em 68 quando eu voltei o padre chegou para mim e disse, agora você vai participar da escola que devemos criar, escola agro profissional, porque no testamento de Jequitibá o fundador diz que tem que ter a formação na agricultura e na religião e assistência social e também cuidar da agropecuária realmente era o ambiente da nossa natureza, então esta

¹¹¹ Disponível em: <http://www.uff.br/vsinga/trabalhos/Trabalhos%20Completos/Robson%20Paim.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2014. 10h50min.

¹¹² SANTOS. Martins dos. *Agricultores em movimento: Experiência de sindicalismo rural em Várzea Nova-BA (1980-1990)*. Monografia (Graduação em História), Universidade Estadual da Bahia, Jacobina-BA, 2011. P. 24.

foi a minha primeira tarefa, então eu peguei o cavalo e fui visitar em redor as fazendas.¹¹³

A chamada Escola Agro Profissional, destacada pelo religioso, tinha como objetivo, para além da formação agrícola, promover a alfabetização dos agricultores, e que, segundo o entrevistado, fazia-se necessária perante a grande preocupação daquelas pessoas com a falta de escolarização, pois, muitos não sabiam ler ou escrever. Somada a esta entidade, emergiram também as primeiras dificuldades relacionadas à questão agrária: padre José foi avisado pelo abade do mosteiro de que ali não seria viável o desenvolvimento de um projeto de conscientização sobre a questão da terra, senão ele teria que “enfrentar problemas com a prefeitura local e fazendeiros”.¹¹⁴

Mas depois do primeiro ano houve já muitas críticas, o abade do mosteiro me disse: não sei se vocês podem fazer aqui esse trabalho, porque vai ser uma complicação com a prefeitura e fazendeiros para a reforma agrária, isso não pode. Aí a gente percebeu que a concepção da escolha tem que servir a região então eu disse, eu não posso preparar a pessoa para São Paulo, mas tinha uma linha de que aqui não tem trabalho, aqui não tem emprego, então vamos aumentar as oficinas uma na agricultura outra na ferragem, depois uma na carpintaria e depois essa coisa de agricultura mecânica.¹¹⁵

Como podemos perceber o religioso priorizou o desenvolvimento de oficinas para atender as necessidades da mão de obra trabalhadora daquela localidade. Nessa incursão, podemos sugerir que o desenvolvimento dessas oficinas, deu-se, sobretudo, pelas limitações impostas ao religioso no que tange a questão agrária. Destaco ainda, dois elementos presentes no depoimento de padre José; o primeiro deles é quando o religioso visibiliza a falta de emprego na região; segundo, a ênfase dada a não poder preparar aquelas pessoas para São Paulo, o que é um indicativo de que por falta de oportunidades muitos camponeses viam na grande metrópole a esperança de melhores condições de trabalho e de vida. Ocasionalmente assim, um fenômeno muito comum entre as pessoas do campo em consequência da falta de emprego e oportunidades, a migração. Nessa perspectiva, podemos sugerir que há uma preocupação de padre José em oferecer o desenvolvimento das oficinas com foco na fixação dessas pessoas no campo.

¹¹³ Padre José, 73 anos. Entrevista realizada na cidade de Jacobina em 18 de dezembro de 2013.

¹¹⁴ Padre José Hehenberge. Idem.

¹¹⁵ Padre José Hehenberge. Idem.

A linha inovadora dos trabalhos desenvolvidos por padre José na Fazenda de Jequitibá visava principalmente à autonomia do homem do campo. Desse modo, o sujeito precisa se libertar, deixar de ser objeto, peça do sistema de dominação, ou seja, ator da sua própria libertação.¹¹⁶ No decorrer da entrevista que sucede ao evento sinalizado por padre José sobre a forma que ele desenvolveu as oficinas, o religioso evidenciou que logo depois desse empreendimento em prol dos camponeses, ele foi transferido para a Paróquia de Miguel Calmon, situada a 30 km de Jacobina. Nesse sentido, na sua rememoração sobre esse evento não foi mencionado pelo religioso o motivo da sua transferência para a Paróquia citada, fato que aponta para a seletividade da memória, processo pelo qual o entrevistado relata aquilo que considera importante, seleção, recorte daquilo que se quer contar.¹¹⁷

Mesmo com a sua transferência para Miguel Calmon, padre José não se desligou da questão agrária. O seu primeiro contato com a mobilização e conscientização dos lavradores na luta pela terra na cidade calmonense, deu-se a partir da sua marcante influência e atuação na Escola Agro Profissional e Industrial, projeto instituído com o objetivo de atender a população agrária da cidade. Movimento que o religioso denominou de “conscientização dos lavradores através do método da ajuda”.¹¹⁸ Vejamos como ele descreve esse momento:

E depois eu fui transferido nas outras semanas para Miguel Calmon como Pároco na terceira escola que depois virou Escola Agro profissional e industrial e isso teve um grande benefício, eu passei para essa paróquia de Miguel Calmon onde passei lá 3 anos depois passamos a trabalhar com a criatividade mais comunitária e na roça com a ceia animação cristã do meio rural então era o movimento para a conscientização dos lavradores através do método de ajudar, e a partir disso em Miguel Calmon eu tive muita influência na diocese depois de três anos em Miguel Calmon eu fui eleito para coordenar o centro de treinamento de líderes e a pastoral da diocese, então eu fiquei lá 4 anos aí aumentamos o serviço com os lavradores ajudando na criação de sindicatos e eu depois de 4 anos eu fui novamente chamado aí o pároco disse nos temos Jacobina você tem que ir para lá.¹¹⁹

¹¹⁶ LOWY, Michael. “A Igreja na Concepção da Teologia da Libertação”. In _____. *Marxismo e Teologia da Libertação*. Tradução: Myriam Veras Baptista. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1991. p.41-42.

¹¹⁷ NORA, Pierre. *Entre memórias e Histórias: A problemática dos lugares*. Projeto História, nº 10, p. 7-28. Dezembro de 1993.

¹¹⁸ Padre José Hehenberge. Idem.

¹¹⁹ Padre José Hehenberge. Idem.

Observando este relato, podemos perceber que os trabalhos realizados por padre José em Miguel Calmon contribuíram na sua influência na Diocese de Rui Barbosa, cidade situada a 146 km de Miguel Calmon. Nesse contexto, o religioso foi eleito coordenador do Centro de Treinamento de Líderes que, segundo o padre, durou quatro anos, tempo em que foi responsável pela organização da Pastoral, da Diocese e de sindicatos. Nesse período, Padre José passou a enfrentar dificuldades concernentes à questão agrária. Não bastava promover as mudanças no âmbito discursivo; era preciso colocar em prática os direitos das famílias vítimas de grileiros.

Em seu trabalho, Valdeci Costa Nascimento destacou um evento ocorrido, na cidade do Morro do Chapéu, onde havia uma família de sobrenome Ferraz, controladores do que ela denominou de “cartel de grilagem”. Essa família era portadora de documentos que comprovavam ser proprietários de parte de uma sesmaria correspondentes a grande parte da região. Com isso, essa família negociava as terras dos lavradores vendendo-as para outros fazendeiros, provocando a expulsão de seus antigos moradores.¹²⁰

Sendo padre José pároco de Miguel Calmon Paróquia da Diocese de Rui Barbosa, ele passou a organizar suas estratégias para ajudar aquelas famílias, enfrentando inclusive seu superior, o Bispo Dom Adelino, que o alertava principalmente quanto aos riscos que estaria correndo na tentativa de garantir que aquelas famílias reconquistassem suas terras de forma legal.

Nesse movimento, essas famílias, por intermédio do padre José, recorreram à Justiça pela posse da terra. Nos meandros da investigação, a Justiça identificou que os moradores não possuíam documentação que validassem as terras como suas. Em contrapartida, os Ferraz tinham a documentação da compra. Por conta disso, os Ferraz não deram abertura para serem contestados:

A intervenção do Pe. José não foi bem sucedida. No decorrer do processo contra os grileiros, os fazendeiros alegaram serem donos das terras tendo como respaldo jurídico o antigo documento. Os lavradores perderam suas terras e continuaram sem direito à

¹²⁰ NASCIMENTO, Valdeci Costa do. “A ação Pastoral de Padre José Hehenberge em Jacobina a partir do viés dos movimentos sociais no Brasil na década de 80”. Monografia de especialização apresentada ao Curso de Pós-graduação em História Cultural, Urbana e Memória. Universidade do Estado da Bahia-UNEB, campus IV. 2006. p. 31.

indenização, a justiça deu ganho de causa aos ricos fazendeiros que controlavam o poder regional.¹²¹

Como podemos perceber, era estratégia dos grileiros comprovar judicialmente que eram donos das terras apossadas. Esse mecanismo contribui de forma significativa para refletirmos sobre os múltiplos significados das relações de poder estabelecido, principalmente, pelas famílias que possuíam recursos financeiros e detinha prestígio político, o que facilitava o caminho junto ao poder judiciário no processo de registro de terras.

Outro fator possível para o entendimento dessa questão era o fato dos posseiros desconhecerem os meios legais para posse das terras, e quando se viam diante nessa situação, era comum recorrerem a setores da Igreja, a exemplo de padre José, quando as negociações com os grileiros e as decisões da Justiça não lhes eram favoráveis.

3.3 Os Direitos Humanos: a busca pelo conhecimento das estruturas de uma sociedade desigual e excludente

Logo após os citados conflitos na cidade de Miguel Calmon, padre José foi transferido para a Paróquia de Santo Antônio de Jacobina para que ajudasse o padre titular, Alfredo Haasler. Quando chegou à cidade, no ano de 1979, padre José foi designado a atuar nas periferias, que, segundo o religioso encontravam-se “abandonadas”. Não por acaso, as bases que influenciavam a sua orientação teológica evidenciam que nesta cidade ele encontrou campo fértil para o desenvolvimento de uma teologia preferencialmente voltada para a classe pobre. Cabe lembrar, que essa preferência assume antes de qualquer questão uma opção pelo protagonismo das classes marginalizadas da sociedade, questão apontada por Leonardo Boff:

Uma opção preferencial. Importa compreender o exato sentido desta opção. Trata-se de privilegiar os pobres (sem exclusivismo) como novo sujeito histórico emergente que vai preferentemente realizar o projeto cristão no mundo. Os pobres aqui são compreendidos apenas como aqueles que possuem carências, eles as têm, mas têm também força histórica, capacidade de mudança, potencial evangelizador.¹²²

¹²¹ NASCIMENTO, 2006. p. 32-33.

¹²² BOFF, Leonardo. *1938- Igreja, Carisma e Poder*. 2 ed. Rio de Janeiro: Record, 2010. p.36.

Nesse cenário, a iniciativa do sacerdote perante esse novo compromisso deu-se a princípio pelo método da observância. Era preciso conhecer; entender na prática quais eram as condições em que estava inserido aquele setor marginalizado da sociedade. Desse modo, a atuação nas periferias consistia também na estratégia de conhecer os seus moradores; saber como chegar até eles:

Então começamos pelas visitas que se consistia em visitar o povo aí a gente já via a situação muito pobre do povo, aí comecei a conversar com o povo e ver como dialogar com eles [...] Recebi as informações do que acontece no submundo de Jacobina aí eu tive a visão de como existia dois blocos e como eu poderia organizar os trabalhadores, os excluídos, então a primeira coisa já tinha uma comissão de pobres e desamparados. Então, pegamos aquele caderno que os padres usavam e o padre Jairo me trouxe o livrinho dos Direitos Humanos, aí vou começar a trabalhar com eles também. Então eu cheguei em fevereiro de 1979, então em março eu começava. Existiam uma diferença a gente estudava e depois via se aqui tinha esses direitos ou não.¹²³

Como podemos observar, era visível a situação de pobreza dos moradores da periferia. Não demorou muito, e padre José organizou uma reunião no salão da Igreja com membros desta instituição e setores simples da sociedade jacobinense para criar um espaço de discussão para discutir os problemas da comunidade. Assim, seria possível identificar como os direitos de tais grupos estavam sendo afetados, por qual via e/ou aparelho se constituiu uma sociedade desigual e injusta. Era preciso promover o caminho para o processo de conscientização.

Esse e outros fatos sobre as ações pastorais de Padre José e seus desdobramentos foram retomados numa publicação do jornal *O Grito da Terra*¹²⁴, do ano de 1982, em virtude da invasão da Igreja no contexto do conflito do Santo Bom Jesus da Glória. O jornal faz um breve panorama sobre as consequências das ações pastorais de Padre José, mapeando os eventos desde a sua chegada em Jacobina, possibilitando-nos perceber a repercussão e dimensão da insatisfação das elites dirigentes. É interessante neste momento destacar a forma como o conteúdo foi publicado no jornal citado, a começar pelo título:

¹²³ Padre José Hehenberge. Idem.

¹²⁴ *O Grito da Terra* foi criado por uma entidade popular denominada Comitê de Defesa dos Direitos Humanos (CDDH-FA), situado, na época, na cidade de Feira de Santana-BA. Através da leitura de suas publicações é possível perceber que o jornal apresenta tendência esquerdista. A maioria de seus artigos abordam aspectos relacionados à questão agrária e política. Desse modo, são várias as reportagens que apresentam temas que denunciam a violência no campo e desapropriações de terras por grileiros.

Políticos invadem Igreja em Jacobina

Em 1979 foi iniciado naquela paróquia um trabalho de promoção social e conscientização da população, dado que não há desenvolvimento se as pessoas não conhecem seus deveres e direitos. Já nesta época os políticos se mostraram insatisfeitos com o trabalho, chegando até invadir salas onde se realizavam reuniões.¹²⁵

Nessa perspectiva, o trecho destacado contribui para nossa reflexão sobre o difícil caminho traçado por esse religioso no processo de conscientização e politização dos setores mais humildes da sociedade. Alguns minutos antes de se locomoverem para a Igreja, padre Pio teria solicitado a padre José que não fosse a tal reunião, pois: “os grandes irão te perguntar sobre o trabalho subversivo que tem feito”.¹²⁶ Padre Pio chegou à paróquia de Jacobina em 1972, desse modo, acompanhou por muitos anos as ações pastorais de padre Alfredo, o que pode ter implicado na sua postura conservadora ao chamar de “trabalho subversivo” a atuação de padre José.

Mesmo diante dessa conjuntura tensa, padre José disse que não poderia recuar, era preciso enfrentar a situação, e assim foi mais uma vez alertado por padre Pio: “Você esquentou a sopa então vai ter que comer”.¹²⁷ Nesse contexto, padre José já havia se colocado frente aos problemas relacionados à questão agrária, que somadas a esse movimento de mobilização social à luz dos Direitos Humanos, foram os primeiros pontos de enfrentamento entre o padre e as elites dirigentes:

Bom agora o nosso trabalho aqui é, é um trabalho de conscientização mesmo, aí eu disse: Padre Pio vai comigo hoje, porque hoje o trabalho vai ser difícil, vai estar os fazendeiros, os empresários e eles vão me encostar, mas eu tenho que ir, eu não posso dizer que não vou, eu preciso saber o que eles tem contra mim [...]Então eu fui aí eu mandei um recado dizendo pra gente chegar meia hora antes, mas eles já sabiam porque a conversa já rondava. Foi no salão São Francisco aqui atrás da igreja que a gente começou a reunião, se eles partirem para agressão nos não vamos partir também, se alguém puxar um revólver nos não vamos reagir. Aí começamos a reunião por volta das 8 da noite por aí, aí algumas pessoas já se encostavam pela janela aí eu disse, se for de interesse os direitos humanos pode entrar.¹²⁸

¹²⁵ *O Grito da Terra*. Jun. 1980.

¹²⁶ Padre José Hehenberge. Idem.

¹²⁷ Padre José Hehenberge. Idem.

¹²⁸ Padre José Hehenberge. Idem.

Os sujeitos na janela não tinham interesse de participar da reunião. Eles queriam conferir o que seria discutido e coagir o padre pelo modelo de trabalho que ele vinha desenvolvendo na cidade. Era, sobretudo, de interesse daqueles homens registrarem que o mecanismo ali praticado era de cunho subversivo. Vale lembrar que estes fatos se passaram no ano de 1979, ou seja, inseriam-se no período da Ditadura Militar. Vejamos como o religioso relata esse contexto ao presentificar sua memória:

Na realidade eu estudei isso em Salvador não foi nada que eu inventei, mas sempre dentro dessa nova visão que em 68 a gente já tinha essa visão voltada para os pobres e 79 em fevereiro foi quando eu cheguei aqui foi a novidade que confirmava a vida e o trabalho em comunidade, apesar de que o AI 5 não estava mais tão rigoroso em 79 já começava o processo da abertura, a gente não estava mais tangido.¹²⁹

Conforme foi assinalado pelo entrevistado, o governo militar encontrava-se em franco declínio e o país caminhava de forma lenta, mas gradual, para o processo de abertura política e pluralidade partidária. Porém, ainda assim, existia o discurso anticomunista, e, como já foi discutido no capítulo anterior, muitos leigos, membros das comunidades de base e trabalhadores do campo eram pessoas ligadas ou defendiam o projeto de luta pela justiça social do PT, partido que nasceu da dissidência partidária que fazia oposição ao ex- Arena, Partido Democrático Social (PDS).¹³⁰

Voltando para a reunião, proponho analisarmos a narrativa de padre José sobre o diálogo com os homens da janela:

Aí eles disseram: mas nos já sabemos sobre direitos humanos. Ai eu disse: sim, mas precisamos colaborar ainda mais com o Brasil. Ai eles disseram: - Ah! Mas o senhor foi lá naquela fazenda e começou a fazer trabalhos subversivos. Eu disse:- Eu quando foi? Que dia foi? Em que fazenda foi? Aí eu disse: - Pois é, eu 7 horas da noite estava aqui celebrando a missa, posso mostrar o livro a vocês, a missa estava marcada e eu estava lá para celebrar [...] Aí então a gente conseguiu sair mais ou menos sem nenhum conflito. Vocês tem suas provas aí e eu tenho as minhas aqui. Ah! Mas ei, você faz um trabalho subversivo aqui? [...] A questão é, estamos tentando corrigir uma situação de desordem porque os direitos humanos no Brasil defendem não é, e todo mundo defende não precisa só ser cristão, até um ateu defende. Então nós estamos fazendo um trabalho para todos.¹³¹

¹²⁹ Padre José Hehenberge. Idem.

¹³⁰ PRIORE; VENACIO, 2010. p.286-287.

¹³¹ Padre José Hehenberge. Idem.

Segundo padre José, esse foi o primeiro conflito mais tenso em quando iniciou seus trabalhos na cidade de Jacobina. Resistente, ele não pensava em abandonar a luta pelos seus objetivos, apesar do padre Pio ter afirmado que seus trabalhos eram subversivos e que esse seria o motivo da presença de fazendeiros e empresários na reunião daquela noite.

Padre José expressou durante a sua entrevista que teve certa preocupação no dia do ocorrido, não por medo do que ele iria enfrentar, mas porque já havia um movimento e/ou articulação para mandá-lo de volta à Rui Barbosa: “eles já queriam me mandar para Rui Barbosa, aí então eu disse eu vou ter que ir para lá? E se eu for pra lá eu vou perder, o povo também vai perder”.¹³² Desse modo, seu relato evidencia a importância representada por ele no desenvolvimento dos seus trabalhos e a relevância das mudanças que precisavam acontecer na vida dos seus companheiros. Sendo assim, a preocupação das elites agrárias e dirigentes não eram em vão, pois já havia um descontentamento destes no que tange à interferência de padre José no caso de grilagem que ocorreu em Piabas.

A situação do povoado de Piabas era crítica, pois, as famílias que viviam na comunidade estavam perdendo suas terras, foi quando padre José recebeu uma carta do padre Alfredo Haasler solicitando que ele fosse para Piabas e acompanhasse de perto a situação das famílias do povoado. De acordo com Valdeci Costa do Nascimento, o povoado de Piabas era formado por remanescentes de quilombolas. Havia nessa comunidade uma organização social e econômica muito peculiar, era um modelo comunitário que visava manter, além das suas matrizes de origem africana, a posse de suas terras:

Essa comunidade era formada por remanescentes de quilombola, a terra fora herdada dos seus antepassados. Eram grupos familiares que viviam em regime de parceria, a terra pertencia a todos e toda produção era dividida no grupo. Essa comunidade era coordenada pelo senhor Gracindo Lourenço dos Santos que assumia o papel de líder conselheiro das famílias. Entre eles havia uma relação familiar muito forte, o casamento era realizado dentro desse mesmo espaço- primos casavam com primos e assim garantiam as suas descendências.¹³³

¹³² Padre José Hehenberge. Idem.

¹³³ NASCIMENTO, 2006. p. 41.

No entanto, a organização desse povoado estava ameaçada, pois havia um fazendeiro de nome Pedro Franco, filho de um dos maiores latifundiários da região, que promoveu uma série de invasões a terras pertencentes aos quilombolas, resultando no processo de evasão de muitas famílias para os grandes centros urbanos em “busca de melhores condições de vida”.¹³⁴ Com isso, as famílias que permaneciam nas terras, passaram a viver em situação precária.

Na busca por alternativas que pudessem contribuir para a resolução do caso de Piabas, padre José marcou uma reunião com as famílias e lideranças na casa de farinha que pertencia à comunidade. Mas, precavendo-se de que o fazendeiro Pedro Franco e seus pistoleiros pudessem aparecer, o religioso orientou as pessoas a não entrarem nas provocações. Este foi um momento de extrema tensão:

Aí começamos a reunião mais aí o Pedro Franco chegou com 8 caçadores que se encostaram. Ai ele disse eu sei explicar tudo, aí eu disse mais o senhor não me chamou, então agora eu tenho que ouvir eles [...] Aí eu disse não falem, o fazendeiro esta aqui e os caçadores a qualquer momento podem levantar os rifles... silêncio... eu já tinha anotado tudo e os outros dois lavradores que estavam lá foram para nos avisar de qualquer movimento, na casa de farinha estava tudo cheio, e eu olhando assim, se eles começarem a atirar onde é que eu vou me jogar, e as pernas tremendo mas eu não posso mostrar medo aqui não, aí então começava....mas o tempo atrás você tomou a minha terra... aí Pedro Franco dizia eu explico, eu explico, aí eu disse agora o senhor vai ter que escutar, eu fui chamado aqui por Padre Alfredo para ajudar esses lavradores a defenderem a terra.¹³⁵

Em meio a esse terreno repleto de tensões e incertezas, a reunião prosseguiu. Mas, as ações de padre José não eram desarticuladas. Ele tinha a preocupação de buscar na Lei garantias aos moradores da comunidade. De tal modo que, antes da reunião acontecer, o padre teria ido à Salvador encontrar um amigo que sabia como as famílias de Piabas deveriam agir, quais eram os caminhos legais. Na verdade, padre José solicitou que esse amigo fosse até a cidade, mas, como isso não era possível, ele buscou todas as orientações para deixar as famílias da comunidade cientes de seus direitos e procedimentos a serem seguidos.

Dentre estes procedimentos adotados estava a orientação para que homens, mulheres e crianças permanecessem em suas terras resistindo. Podiam inclusive

¹³⁴ NASCIMENTO, 2006. p. 41.

¹³⁵ Padre José Hehenberge. Idem.

derrubar as cercas colocadas pelo fazendeiro, plantar e continuar com sua rotina até que tudo se resolvesse na Justiça. No entanto, não podia cortar o arame que circulava as terras tomadas pelo fazendeiro, porque estariam infringindo a lei:

Já explicava o que devia fazer, pra não perder essa terra, o que tem que fazer, tem que derrubar a cerca, mas aí eu pensava: o povo com fome nunca vai derrubar essa cerca, terei que mandar gente de fora, mas não falei nada com eles, eles é que teriam que ter essa consciência de que essa terra é nossa, aí no dia 8 de dezembro vamos fazer uma missa dos lavradores na Igreja da Conceição, fazer uma missa sem falar de lavradores, vamos fazer uma missa só para rezar, para que todos possamos viver em paz. Quando estava chegando à procissão vieram e me disseram: padre, padre, o senhor sabe o que aconteceu hoje? O que aconteceu a piabas? Os lavradores derrubaram a cerca... aí eu: Mas como?? As mulheres e crianças pegaram cacos de telhas e cavaram ao redor e os homens a arrancaram, era muita cerca quase 1km de cerca, vocês não cortaram o arame porque isso é crime.¹³⁶

Em meio a essa conjuntura, os lavradores esperavam conseguir, na Justiça, o direito à terra. Como padre José já havia imaginado, durante a “calada” da noite pessoas cortaram as cercas: “e de noite alguém pode cortar e dito feito, chegaram à noite e cortaram, mas os lavradores sabiam quem foi, mas não tinha como tirar o retrato, naquele tempo não existia o celular como hoje”.¹³⁷ A cerca teria sido cortada para acusar os lavradores pelo crime.

Nascimento apresenta algumas questões sobre esse fato envolvendo a recuperação das terras invadidas pelo fazendeiro. A primeira delas refere-se ao fato de que antes de padre José estar à frente do caso de Piabas, o padre Alfredo, já havia acionado a Justiça para provar que aquelas terras pertenciam aos quilombolas. No entanto, misteriosamente, o advogado responsável por protocolar o processo, foi assassinado. Com a reabertura do processo, desta vez sob a interferência de padre José e em posse das escrituras das terras, finalmente a justiça deu ganho de caso aos lavradores.¹³⁸ O resultado desse processo, foi um importante marco para a comunidade.

Mas, com a denúncia do corte das cercas os lavradores, e inclusive padre José, foram intimados a prestar a depoimento:

¹³⁶ Padre José Hehenberge. Idem.

¹³⁷ Padre José Hehenberge. Idem.

¹³⁸ NASCIMENTO, 2006. p. 42-43.

Então a partir disso, nós fomos chamados a se dirigir a delegacia no dia 2 de janeiro, fomos os lavradores e eu chamados para depor ao delegado, mas aí já começamos a se organizar porque qualquer coisa que acontecesse, nós iríamos fazer as manifestações, e a partir disso começou um processo de reuniões.¹³⁹

Podemos notar no trecho da entrevista de padre José, que a luta pela posse das terras de Piabas foi bastante conturbada. A dimensão dos conflitos evidencia um verdadeiro jogo de forças empreendido pelos fazendeiros e trabalhadores rurais. Com isso, o caso teve repercussão na imprensa de Feira de Santana, cidade do interior, a 230 km de Jacobina.

O jornal *O Grito da Terra*, responsável por inúmeras denúncias sobre a luta pela terra no interior da Bahia, publicou o seguinte sobre o caso de Piabas:

Numa localidade de PIABAS, foi realizada nova manifestação, desta vez com a presença dos Bispos de Bonfim e de Rui Barbosa. Ainda em 1980 a Igreja paroquial apoiou a chapa de oposição para o Sindicato, pois a chapa da situação era encabeçada por uma pessoa que não era trabalhador rural e sim comerciante. Aí as críticas aumentaram.¹⁴⁰

Como podemos observar, os desdobramentos deste e outros conflitos intensificaram a situação de resistência, críticas e perseguições a padre José. Consta ainda numa outra edição do Jornal *O Grito da Terra*, uma notícia sobre a Igreja de padre José e a questão agrária. Desta vez, com o título “*Comerciante expulsa posseiro*”, vejamos qual foi a dimensão dada a denuncia do posseiro pelo Jornal citado:

Após 2 anos de demanda jurídica com ganho de causa pelo posseiro Esmeraldo Paz, no interior de Jacobina, povoado de Lages do Bata, não conformado com os resultados de resistência da família do lavrador, o Sr. Reinaldo Carvalho Mota, coloca um valentão temido nesta cidade por todos os moradores e pequenos proprietários para ameaçar de morte. O Sr. Esmeraldo paz, sentindo-se indefeso, procura a Igreja Católica e, perante 150 pessoas, pede o apoio e segurança de vida para sua família, por ser de conhecimento de todos, que Arlindo Caíca é temido até pela polícia.¹⁴¹

¹³⁹ Padre José Hehenberge. Idem.

¹⁴⁰ Políticos invadem Igreja em Jacobina. *O Grito da Terra*. Jun. 1982. Ano I. Nº 6. p.2.

¹⁴¹ Comerciante Expulsa Posseiro. *O Grito da Terra*. Jun. 1984. Ano III. Nº 9. p.4.

Fica claro no trecho da notícia as circunstâncias em que muito camponeses recorriam a Igreja para pedir proteção. E como consequência dessa opção, a Igreja e seus religiosos também passaram a correr os mesmos riscos e ameaças:

Ao assumir a causa do lavrador oprimido, a Igreja de Jacobina é perseguida e desmoralizada, com palavras de baixo calão, pela “Rádio Rio do Ouro” que há muito tempo é usada como veículo de difamação aos gestos concretos que a comunidade cristã realiza em favor do pobre.¹⁴²

Não por acaso, as inúmeras notícias de *O Grito da Terra* trazem ao nosso conhecimento os vários casos e as consequências da participação da Igreja Católica e seus membros com a questão agrária. Ou seja, os conflitos envolvendo as ações pastorais de religiosos na Bahia eram casos quase que generalizados.

Portanto, sob o título “*Padre é condenado. Acusados não são julgados*”, foi registrado pelo jornal a expulsão do padre Vitor Macapllio Italiano no estado de Pernambuco.¹⁴³ Consta na matéria que a expulsão desse religioso ocorreu porque ele recusou o pedido do prefeito para que rezasse uma missa em comemoração ao sete de setembro. Segundo as informações apresentadas, o padre disse que não celebraria missa pela data cívica porque a população da cidade, cujo nome não foi divulgado, encontrava-se em situação de escravidão.

Em protesto a expulsão do religioso, um outro padre de nome Reginaldo, pertencente à capital do Pernambuco, compôs uma música criticando o Tribunal de Justiça do Estado. Em consequência, ele foi condenado a um ano de prisão. O jornal, então, elabora um discurso em defesa do padre preso, de modo a contestar a represália aos religiosos: “Quem foi condenando? Padre Reginaldo ou os trabalhos em favor dos pobres que a Igreja vinha realizando?”¹⁴⁴

Como podemos perceber mais uma vez fica evidenciado o agravamento que as ações pastorais de religiosos pautadas na desobediência da ordem vigente poderia desdobrar-se em modos muitas vezes explícitos e implícitos de retaliação aos sacerdotes influenciados pela Teologia da Libertação. Nesse contexto, a luta pela terra ou por uma sociedade mais justa encabeçada por Padre José foi ganhando dimensão ainda mais

¹⁴² Comerciante Expulsa Posseiro. *O Grito da Terra*. Jun. 1984. Ano III. Nº 9. p.4

¹⁴³ Padre é condenado. Criminosos não são julgados. *O Grito da Terra*. Jun. 1982. Ano I. Nº 6. p. 5

¹⁴⁴ *O Grito da Terra*. 1982. p. 5. Citado.

perigosa. Sendo assim, a vida daqueles que militassem em movimentos de esquerda na cidade de Jacobina sofreria constantes ameaças, mas, sobretudo, seria preciso driblar a morte.

3.4 Entre queixas-crimes e habeas corpus: a mídia e o governo do Estado contra a violência no campo

Os processos em posse do Poder Judiciário, no Fórum Jorge Calmon de Jacobina, ainda que não catalogados e empoeirados, possibilitou-me encontrar ações movidas naquela instância relacionadas à questão agrária, anexo a esse processo o Inquérito Policial sobre o atentado a bombas que teve como pano de fundo o caso da transferência do Santo Bom Jesus da Glória da Igreja das Missões para a Igreja Matriz, que se desdobrou no enfretamento de padre José com as elites dirigentes. Mas, como uma colcha de retalhos que vai sendo costurada, resultaram nas muitas histórias até aqui contadas.

Na leitura desse processo eram identificadas as redes de conflitos em que o acusado passava a ser acusador e vice-versa. Nesse cenário, a luta no campo intensificava as reações mediante a atuação de padre José. Constitui-se, nesse contexto, várias tentativas de silenciamento ao religioso e seus companheiros de luta. As ações impetradas pelo fazendeiro Arlindo Rodrigues dos Santos (Caíca), fizeram agricultores e religiosos vítimas da impunidade de seus atos, como acompanhamos o caso de ameaça de morte ao senhor Esmeraldo da Paz denunciado ao Jornal *O Grito da Terra*.

Sendo assim, fica evidenciado a fragilidade do poder público perante os “mandos e desmandos” do fazendeiro na cidade. Mandos e desmandos no sentido de que quando o fazendeiro cometia ações violentas contra a vida das pessoas simples do campo e esse fato chegava ao conhecimento do poder público, não se percebia nenhuma atitude drástica contra o fazendeiro, ou seja, as vítimas se viam desassistidas diante desse quadro.

As lutas pela reforma agrária na cidade de Jacobina e municípios circunvizinhos ganhavam força com a criação e organização da CPT no ano 1979. Como já foi discutido no capítulo precedente, essa comissão foi empreendida no processo de oposição ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais que lidava de forma cômoda com os

conflitos no campo. Ou seja, esse Sindicato dos Trabalhadores Rurais não oferecia visibilidade, tampouco representava o pobre e humilde trabalhador rural. Podemos sugerir que essa zona de conforto presente na tímida atuação dessa entidade deveu-se ao fato de seu presidente, não apresentar nenhuma vinculação com os pequenos agricultores e/ou trabalhadores rurais. Por conta disso, padre José teria “encabeçado” a formação de uma chapa sindical para disputar as eleições do Sindicato, mas não obteve sucesso, buscando outras alternativas, de modo que a CPT foi uma delas.¹⁴⁵

Levando em consideração a importância que a CPT representava para a classe trabalhadora do campo, inclusive no processo de organização de seus agentes sociais no país, faremos uma rápida consideração sobre a atuação dessa entidade nas lutas empreendidas pelos agricultores na cidade de Várzea Nova, durante a década de 1980, fato abordado por Martins dos Santos:¹⁴⁶

As marchas pelo direito a terra, chamada pelos trabalhadores de Missão da Terra, começam a ser organizadas na região a partir dos anos de 1980 pela Comissão Pastoral da Terra - CPT, com Sede na Paróquia de Santo Antônio, Jacobina, ligada também a Paróquia regional Diocesana de Senhor de Bonfim. Nesse sentido, a influência da Igreja, constituiu um espaço social frequentada pelos trabalhadores rurais de Várzea Nova, assinalando um agente fundamental no incentivo à criação de instituições representativas das atividades trabalhistas.¹⁴⁷

Nesse sentido, Santos propõe, em seu trabalho, compreender as experiências e múltiplos significados do movimento sindicalista impetrado pelos trabalhadores rurais de Várzea Nova. A partir das reminiscências das memórias desses agentes sociais, o autor destaca a importância da CPT de Jacobina nesse processo. Os estudos referentes a esta entidade e os conflitos pela reforma agrária das cidades vizinhas à Jacobina também tiveram padre José como sujeito indispensável na construção histórica nas lutas contra grileiros e fazendeiros. Deste modo, este padre anunciou o “novo evangelho”,

¹⁴⁵ Ao utilizar “o termo encabeçado” retomo o que foi discutido no segundo capítulo deste trabalho, quando na leitura dos depoimentos do Inquérito Policial algumas testemunhas teriam afirmado que Pe. José concorreu à presidência da chapa da oposição.

¹⁴⁶ SANTOS, Martins dos. *Agricultores em movimento: Experiência de sindicalismo rural em Várzea Nova-BA (1980-1990)*. Monografia (Graduação em História), Universidade Estadual da Bahia, Jacobina-BA, 2011.

¹⁴⁷ SANTOS, 2011. p. 24.

“os pobres não são mais objetos de caridade, mas os sujeitos da sua própria libertação”.¹⁴⁸

Esse novo cenário ganhava contornos próprios e ao mesmo tempo imprevisíveis. Padre José reforçava ao homem do campo que era preciso lutar pelos seus direitos. Nessa estrada em que, a principal “arma” do agricultor é a resistência na luta pela terra e o combate às estruturas excludentes, mecanismo que privilégio poucos, na cidade de Várzea Nova a história não foi diferente:

Percebe-se na produção dos discursos introduzidos pela atuação de lideranças da corrente progressista no Estado da Bahia, dentre os quais o Padre José, que destacou-se na Paróquia de Jacobina junto às camadas pobres da sociedade. Em Várzea Nova lutou junto com os trabalhadores rurais sem terra, desempenhou uma prática evangelizadora que refletia uma tônica discursiva de tornar a mensagem desse “novo evangelho,” fonte de libertação do trabalhador rural, acompanhado da ideia de politização do trabalhador por meio da mensagem do evangelho, ou seja, o “evangelho se transformou em material para reflexão, mobilização e mudança no comportamento social dos trabalhadores oprimidos pelos fazendeiros”, onde a reflexão bíblica traduzidas pelo método “ver-julgar-agir”, foi sendo introduzida por agentes pastores ligados à CPT junto aos trabalhadores excluídos socialmente de direitos fundamentais.¹⁴⁹

Nesse percurso, a questão agrária em Várzea Nova foi palco de tensões entre o homem do campo e fazendeiros coligados da União Democrática Ruralista (UDR). Os vários documentos produzidos pela CPT denunciavam o clima de terror que cercava os agricultores e segmentos da Igreja envolvidos nessa luta. Em consequência, muitos agricultores sofreram atentados contra suas vidas, outros não conseguiram escapar da morte.

Para pôr fim a essa situação, a estratégia dos agricultores e segmentos da Igreja foi seguir para a capital, onde ficaram acampados na Praça da Piedade, na expectativa de serem ouvidos pelo então governador da Bahia, Waldir Pires. Esse movimento ganhou notoriedade na imprensa baiana, tendo sido publicado pelo Jornal *Correio da Bahia* no ano de 1988 os motivos que levaram os trabalhadores rurais a realizarem o acampamento.¹⁵⁰ Neste contexto, ao que tudo indica, os trabalhadores rurais conseguiram o seu objetivo: os trabalhadores foram ouvidos e a denúncia feita pelos

¹⁴⁸ GUTIÉRREZ, 1991. p. 66.

¹⁴⁹ SANTOS. 2011. p. 60.

¹⁵⁰ SANTOS. 2011. p. 81.

trabalhadores contra os líderes da UDR de Jacobina foi publicada pelo jornal *A Tarde*. Essa matéria foi analisada por Santos:

O governador Waldir Pires recebeu, ontem a noite, na governadoria, um grupo de trabalhadores rurais, dirigentes sindicais e agentes pastorais da Diocese de Senhor do Bonfim, Jacobina e Monte Santo que vieram denunciar o clima de violência e assassinatos cometidos contra lavradores dos municípios de Várzea Nova, Caem e Monte Santo “por grileiros da União Democrática Ruralista-UDR-, pelo fato de estarem defendendo a posse da terra. Os integrantes do grupo afirmaram ao governador que, nos últimos 90 dias, “a sanha assassina do comando de morte da UDR e seus comparsas tiraram a vida de Edvaldo Félix, José Augusto e Moisés Vitório dos Santos, além de atentarem contra as vidas dos lavradores Minaldo, Mirocho e Edilson, e ameaçarem de morte algumas famílias. Mesmo com toda a chuva caída, ontem na cidade, os trabalhadores rurais de Várzea Nova continuaram acampados na Piedade, em frente à Secretaria da Segurança Pública do Estado. Esta foi a forma encontrada por eles para exigir justiça pelo assassinato do presidente do Sindicato de Várzea Nova, Moisés Vitório dos Santos, no último dia 11. Até o final da tarde, nenhuma garantia de apuração dos fatos e até mesmo de punição dos culpados foi anunciada pelas autoridades. No encontro mantido, pela manhã, com o Secretário da Segurança Pública, Ênio Mendes, segundo um dos integrantes da comissão, Agnaldo Bispo Vieira, “não foi nada prometido, porque ele não nos prometeu segurança na cidade”. Explicou que, para o secretário, o crime está relacionado com vingança de família, acrescentando que “por ele, a gente fica a vida toda aqui.”¹⁵¹

Não obstante, podemos entender essa estratégia dos trabalhadores rurais como um mecanismo de busca pela justiça junto ao governo do Estado como reconhecimento da ineficácia da polícia e do poder judiciário no interior. Ou seja, quando compreendemos o contexto da cidade de Jacobina, percebemos o quão recorrente eram as denúncias de violência e atentado à vida dos trabalhadores. Crimes estes que não eram solucionados, fosse pela ação do departamento de polícia local ou mesmo o poder judiciário, que não apresentava um parecer favorável às vítimas. Os casos eram arquivados sempre pela falta de provas contra os acusados, mesmo quando, para os trabalhadores rurais, elas eram óbvias.

A partir da leitura do processo movido na Vara Crime do Poder Judiciário e informações noticiadas na imprensa, sobre casos de grilagem, tentativas e homicídios observei a lentidão da justiça para lidar com esse tipo de caso como foi apontando nas

¹⁵¹ SANTOS, 2011, p. 82.

linhas acima. Os recortes de jornais da época, bem como os relatórios e pedidos de habeas corpus anexos nos processos, oferece-nos campo de entendimento para tais questões. Diante das dificuldades de atuação das autoridades públicas em resolver, solucionar e/ou punir os crimes envolvendo a questão agrária e política, a imprensa escrita da capital foi o mecanismo utilizado por ordenados, leigos e/ou trabalhadores rurais para denunciar ou mesmo para tentar sobreviver aos ataques que aterrorizavam a vida desses sujeitos nas cidades do interior.

Nesse cenário, o caso de maior repercussão em Jacobina, foi o da acusação de tortura e tentativa de homicídio sofrido pelo trabalhador rural Juvêncio Alves de Souza. Segundo o relato do padre José, a disputa entre os trabalhadores rurais e o fazendeiro intensificaram quando lavradores receberam terras doadas pelo pai de Juvêncio para o plantio de subsistência, terras situadas na região de Várzea Nova, especificamente conhecida como Fazenda Piedade. O problema era que o direito de posse deste terreno já estava na justiça há anos. E, para agravar a situação, um senhor de nome José Benigno Filho, vendeu e passou a documentação das terras para Arlindo Caíca que, em posse da documentação, cortou os arames e passou para dentro do terreno, alegando tê-lo comprado.

No entanto, os lavradores não se intimidaram, continuaram a desenvolver suas atividades até que o assunto fosse resolvido na Justiça. De acordo com o padre José, este processo ficou em andamento morosamente durante anos, tornando-se um empecilho para a resolução do caso. Quando Arlindo Caíca invadiu as terras, os agricultores procuraram o juiz responsável mais uma vez, mas ele estava de férias. Tendo conhecimento de que havia uma juíza de Capim Grosso responsável pela Vara, padre José e os lavradores recorreram à mesma para julgar o processo:

Não tinha juiz, pois ele estava de férias e quem responde por ele, aí disse é a juíza de Capim Grosso, chegou uma nova juíza aí, novinha saindo da escola. Daí nosso pessoal foi lá [...] Em dois meses gastou e a juíza decretou que esta terra era dos lavradores, do Juvêncio e do pai do Juvêncio os invasores tinham que sair imediatamente e a gente teve que pedir um reforço contra os pistoleiros que vão reagir, então a polícia tinha que ir para lá. O que em 26 anos não conseguiram, conseguiram em 2 meses, você sabe do que se trata? Isto foi em abril, não, não foi em janeiro porque nos recebemos o decreto, e na segunda a juíza não tinha mais poder, já tinham nomeado outro juiz [...].¹⁵²

¹⁵² Padre José Hehenberge. Idem.

No entanto, Arlindo Caíca não se deu por satisfeito. Mesmo após as questões destacadas, abriu-se um Inquérito policial para apuração do caso de tentativa de homicídio dos lavradores Juvêncio e Generaldo. Pois, mediante a inconformidade da perda da posse das terras no dia 31 de outubro de 1989, Arlindo Caíca organizou uma emboscada contra Juvêncio e Generaldo. O crime aconteceu quando as vítimas faziam passagem pelo povoado de Lages do Batata, distrito de Jacobina, dirigindo um veículo, modelo Brasília, de propriedade da Paróquia jacobinense, em direção à cidade de Várzea Nova. Mas, segundo o documento, na companhia de Generaldo Bonfim de Oliveira o carro que era dirigido por Juvêncio recebeu tiros vindos de outro veículo, reconhecido pelas vítimas como sendo de Arlindo Caíca¹⁵³.

Acompanhado por mais dois homens, Caíca obteve êxito na sua empreitada. Generaldo conseguiu fugir, mas Juvêncio não teve a mesma sorte: com um tiro na perna, correu, escondendo-se numa residência do povoado de Lages e, pouco tempo depois, a casa foi invadida pelo fazendeiro que o tirou de lá a força. Depois, o fazendeiro o levou para um lugar afastado, onde foi exposto a horas de torturas físicas e psicológicas.

O motivo para tal agressividade é desconhecido, mas Arlindo Caíca e seus homens não mataram Juvêncio. Ele foi socorrido e levado para um hospital local e depois para uma clínica onde permaneceu internado por um mês. Ao receber alta, Juvêncio foi para Paulo Afonso e lá ficou sob os cuidados de dois padres. Logo após a sua melhora Juvêncio foi transferido para outro hospital da capital baiana.

Arlindo Caíca foi preso. Mas, seu advogado, João Maximiano dos Santos, entrou com um pedido de habeas corpus, o qual foi indeferido num primeiro momento, mas acatado após recorrência. Arlindo iria responder o processo em liberdade.¹⁵⁴

Por conta da liberdade do acusado, os religiosos e lavradores sentiam que suas vidas estavam em perigo, pois, as ameaças e o clima de terror perduravam. Sem contar que os religiosos e os lavradores estavam inconformados com a lentidão da justiça em julgar o caso e punir o criminoso. Nesse sentido, durante todo esse processo, padre José, lavradores e o Bispo da Diocese de Senhor do Bonfim, Dom Jairo Rui Matos da Silva,

¹⁵³ Inquérito Policial. Fórum Jorge Calmon Jacobina, Bahia, Brasil. p. 1-12. 10 out. 1989.

¹⁵⁴ Habeas Corpus Preventivo. Fórum Jorge Calmon Jacobina, Bahia, Brasil. p. 1-12. 10 out. 1989.

realizaram mobilizações por meio da imprensa escrita solicitando que as autoridades Públicas da capital baiana tomassem as rédeas da situação de terror em que se encontrava a cidade de Jacobina:

Enquanto todos aguardam o julgamento dos responsáveis pelo assassinato do seringalista Chico Mendes, a violência no campo ameaça continuar fazendo vítimas. Não foi por outro motivo que o arcebispo de Salvador e cardeal primaz do Brasil, dom Lucas Neves e o bispo de Senhor de Bonfim, dom Jairo Matos, levaram a presença do governador Nilo Coelho uma comissão de padres e trabalhadores rurais da região de Jacobina. Razão da visita: pedir garantia de vida faze às ameaças disparadas pelo fazendeiro Arlindo Rodrigues da Silva, líder da UDR [...] E não é para menos notícias de assassinatos e tentativas de assassinatos vieram a luz desde que fundou-se um núcleo da UDR em Jacobina, destacando-se os casos de Moisés Vitorino dos Santos, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Várzea Nova, morto em novembro do ano passado e o recente atentado contra Juvêncio Alves de Souza, onde o principal acusado é justamente o fazendeiro Arlindo. Além de assassinatos o líder da UDR é ainda apontado como promotor de sessões de tortura. Agora, ao que se diz, o alvo principal é o padre José Hehenberge [...] É preciso que sejam tomadas providências. Caso contrário, o banditismo se expandirá, convertendo-se em regra. Não há lugar, nesta conjuntura imediata, com vidas em jogo, para a lentidão e muito menos para a indiferença.¹⁵⁵

Assim como na cidade de Várzea Nova em 1988, um ano depois os religiosos e lavradores recorreram mais uma vez à instância superior, em Salvador, na tentativa de obter uma solução concreta. Tornar público os desdobramentos dessa luta pelo direito à terra talvez tenha sido uma estratégia de intimidar o fazendeiro e sua organização ligada à UDR.

A partir de um outro ponto de vista, percebe-se mais uma vez, em consonância ao que sugere o título desse capítulo, os descaminhos na justiça durante a luta pela terras. Ou seja, os denunciante sentiam-se não só ameaçados de morte, como também sofriam com o descaso do poder público local, que julgava os processos com lentidão e indiferença. A busca pela sensibilidade do Governador Nilo Coelho para o caso não é algo que se inscreve apenas no sentido de resolver os conflitos. Mas, se insere na descrença do poder público que atendia em Jacobina. Tanto é que, no ano de 1990, em decorrência da ausência de punição para os assassinatos que ocorreram em Várzea Nova e Jacobina, foi realizada uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da violência no

¹⁵⁵ Processo Queixa-Crime. Fórum Jorge Calmon Jacobina, Bahia, Brasil. p. 19. 10 out. 1989. O recorte destacado foi notícia veiculada no *Jornal da Bahia*, datado do dia 10/11/89. Anexo ao processo citado.

campo, na Assembleia Legislativa da Bahia, para dar uma resposta à sociedade sobre os casos de assassinato no campo:

A sessão realizada ontem, na Assembleia Legislativa, pela Comissão Parlamentar de Inquérito da Violência no Campo que apura os casos dos assassinatos na zona rural, entre eles os dos lavradores Moisés Vitorino dos Santos e José Augusto dos Santos, ocorridos no ano de 1988 na região de Jacobina, teve desfecho contundente. Para a indignação geral dos membros da CPI, principalmente o deputado Coriolano Sales (PSB), Raul Sarli, o delegado especial nomeado pelo então governador Waldir Pires para acompanhar o caso de Jacobina, afirmou em seu depoimento desconhecer o paradeiro dos autos do processo, que está sob sua guarda desde maio de 1989. Coriolano Sales perguntou ao delegado se ele pretendia fazer todos de tolos os membros da CPI, e acrescentou: “Há uma omissão deliberada de sua parte em não concluir este inquérito”. Com isso ressaltava toda a morosidade e conivência da Justiça para resolver os processos e a impunidade dos envolvidos, que incentivavam a prática de novos crimes no campo. A promotora Áurea Lúcia Sampaio Brito Fontana, informou a CPI ter recebido, por telefone, várias propostas de suborno para não dar andamento aos processos e respondeu que desconhece o paradeiro dos autos, alegando que Raul Sali, não os encaminharam aquela promotoria [...] ¹⁵⁶.

Como podemos perceber, a morosidade da justiça em resolver o caso tinha um propósito: privilegiar alguém, ou mesmo deixar que caísse no esquecimento e, mais uma vez, deixando reinar a impunidade. Notadamente, esse período da história concernente às lutas pelo direito à terra na cidade de Jacobina e região contaram com um ingrediente “novo”. A forma como o movimento se organizou a partir das CEBs, CPT, e o conhecimento sobre as estruturas excludentes, analisadas à luz dos Direitos Humanos, promoveram profundas inquietações no período. Ao mesmo tempo, essas mudanças significativas permitiram deslocar para o centro das decisões e atuação, sujeitos que até então estavam às margens da sociedade. Desse modo, foi possível redesenhar, dar sentido àqueles contornos que reforçavam as estruturas marcadamente elitistas e sob os pilares de uma sociedade agrária que sempre se beneficiou das facilidades de acesso que seus recursos financeiros lhes garantiram, diante de uma Lei injusta, excludente e lenta, diga-se de passagem.

A chegada de padre José Hehenberge à cidade de Jacobina e a sua inserção na “romaria” pela Terra, desvelou aos nossos olhos a existência de duas Igrejas totalmente opostas. A abertura da Igreja para os pobres naturalmente se opôs à Igreja dos ricos.

¹⁵⁶ Inquérito Policial. Fórum Jorge Calmon Jacobina, Bahia, Brasil. p. 19. 12 abr. 1990.

Esse movimento apresentou-se como um divisor de águas, estabeleceu-se claramente a divisão de classes entre os fiéis. Bem como essa situação revelou as fissuras dentro da própria estrutura eclesial. Nos desdobramentos da luta pela terra assumida por padre José em favor dos trabalhadores rurais e dos menos favorecidos, promoveu-se um verdadeiro desgaste nas relações entre ele e os demais segmentos da Igreja. Como destacou o Frei Carmelita Petrônio de Miranda:

O conflito com a sociedade católica jacobinense foi muito grande, inclusive no próprio instituto das Irmãs do Espírito Santo. Praticamente a igreja de Jacobina foi dividida em duas no jeito de rezar, pregar e evangelizar. Era a chamada igreja dos pobres e a igreja dos ricos. Por sua vez, o então bispo, Dom Jairo, procurando conciliar esta realidade conflitante, em 1992 funda a segunda paróquia na cidade, a chamada Paróquia de São José Operário, onde o “Pe. Comunista”, poderia evangelizar com o outro lado da cidade.¹⁵⁷

Como podemos perceber, o resultado das ações de Padre José culminaram na criação de uma outra Paróquia: a Paróquia São José Operário. Questão apontada por Frei Petrônio de Miranda:

Neste contexto libertador da chamada igreja dos pobres, chega a Jacobina, o Pe. José, disposto a evangelizar com estes novos ideais da Igreja Latina Americana e Caribenha. Não deu outra. O conflito com a sociedade católica jacobinense foi muito grande, inclusive no próprio instituto das Irmãs do Espírito Santo. Praticamente a igreja de Jacobina foi dividida em duas no jeito de rezar, pregar e evangelizar. Era a chamada igreja dos pobres e a igreja dos ricos. Por sua vez, o então bispo, Dom Jairo, procurando conciliar esta realidade conflitante, em 1992 funda a segunda paróquia na cidade, a chamada Paróquia de São José Operário, onde o “Pe. Comunista”, poderia evangelizar com o outro lado da cidade.¹⁵⁸

A leitura do texto em destaque reforça alguns aspectos que já foram discutidos no decorrer deste trabalho. Indicando inclusive para um aspectos que não pode ser negligenciado: a divisão da Igreja Católica da Paróquia de Santo Antônio. No artigo citado é destacado pelo Frei que ao longo dos mais de 30 anos em Jacobina, “o Pe. José ou é amado ou é odiado”. Nesse período, padre José contou com o apoio do Bispo da Diocese de Senhor do Bonfim, Dom Jairo. O nome do Bispo aparece nos vários documentos e notícias aqui apresentados. Era com o apoio de Dom Jairo que padre José contava para desenvolver suas ações pastorais.

¹⁵⁷ MIRANDA, Petrônio, Frei. Disponível em: www.paroquiadesantoantonio.com.br. 08 out. 2009. Acesso em 20/07/2014. Às 00h20min.

¹⁵⁸ MIRANDA. Idem.

É neste contexto que também surge na Diocese a chamada Romaria da Terra. Por sua vez, o então padre da nova paróquia sempre recebeu ameaças de morte, o seu motorista foi assassinado. Uma bomba foi jogada contra a casa paroquial... Enfim, com sangue, suor e dor a opção pelos pobres do Concílio Vaticano II e das Conferências Episcopais foram implantadas nestas terras até a chegada do novo Bispo, Dom Francisco Canindé Palhano, não muito simpatizante de tais métodos de evangelização.

Por último, não podemos esquecer do título de cidadão jacobinense dado ao padre José “cassado” mesmo antes de recebê-lo. Mas o reconhecimento da sua ação junto às comunidades quilombolas, sem-terra e movimentos sociais foi reconhecido no ano de 2004, quando o mesmo recebeu o título de cidadão baiano na Assembleia Legislativa do Estado da Bahia.¹⁵⁹

O contexto dessa divisão ocorreu no auge dos conflitos e desgaste da imagem de padre José Hehenberge, que desembocou no seu exílio em 1989. Quando retornou, no ano de 1991, assumiu as atividades na Paróquia de São José Operário. Em um dado momento da sua entrevista, padre José disse: “quando a gente construía casa, eu fui o melhor padre, quando eu disse que vocês tinham que pagar um salário justo a seus empregados eu fui comunista”.

¹⁵⁹ MIRANDA, Frei. Petrônio de. Citado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dos movimentos realizados pela história, sempre me chamou a atenção aqueles em que nos encontramos com os sujeitos dela. Encontro que não se circunscreve no campo físico, mas das escolhas dando todo sentido ao movimento que é a vida. Nesse percurso, somos responsáveis por escrever muitas histórias, principalmente quando assumimos o papel de protagonistas.

O estudo de caso aqui proposto teve como ponto de partida um Inquérito Policial montado no início dos anos 80 e que contribuiu para formular algumas compreensões sobre o estudo da religião e a sua íntima relação com o campo da política na cidade de Jacobina. Nessa incursão ao passado, as leituras, conversas e as fontes foram reorganizando o que se tinha pensando para a pesquisa a princípio. As queixas-crimes, as denúncias, o jogo de interesses, as relações sociais muitas vezes em descompasso e as lutas aguerridas foram se revelando muito mais complexas do que entendíveis. Talvez, sejam as compreensões que fazemos desse movimento histórico a mola propulsora da história, as leituras e releituras sobre determinado objeto.

Foi de interesse dessa pesquisa identificar alguns elementos em que as ações pastorais de padre José a partir de uma teologia libertadora inaugurou um novo “jeito de ser padre” e cristão. Promovendo assim, algumas alterações nas já cristalizadas relações de poder no cenário religioso, político, econômico e social até então, pouco abaladas, um marco divisor das mudanças que ocorreram na cidade com a chegada do religioso.

Nessa perspectiva, na tentativa de historicizar as ações pastorais de padre José buscamos compreender as bases de sua formação teológica na interface com as mudanças promovidas no âmbito da Igreja Católica e o seus desdobramentos para o contexto local. O nosso ponto de partida para entender a mudanças que ocorreram nas diretrizes dessa instituição foi o Concílio do Vaticano II (1962), com destaque para o continente da América Latina como matriz no processo de implementação das diretrizes que seriam as bases da reforma eclesial. Essas diretrizes apontavam principalmente para as alterações das hierarquias e a constituição de uma Igreja voltada para os pobres.

Nesse movimento, muitos religiosos passaram a adotar uma postura preferencial pelas classes menos favorecidas excluídas do processo de transformação do mundo

capitalista que reforçava as contradições econômicas da sociedade sem garantias mínimas de condições para a sua sobrevivência. Embora o Concílio tenha proposto significativas mudanças na renovação da doutrina da Igreja Católica oferecendo a base para conferência do Conselho Episcopal Latino Americano (CELAM) realizado em Medellín (1968), o conselho passou a ser considerado como a mola propulsora da Teologia da Libertação, promovendo uma intensa participação de religiosos nos movimentos sociais.¹⁶⁰

No estudo dessas transformações ocorridas dentro da instituição católica vários caminhos nos levaram a compreender os impactos dessas mudanças no território brasileiro. A princípio, porque a experiência brasileira sob essas alterações eclesiais teve desafio ainda maior, dentre eles a extrema desigualdade social que se configurou a partir de estruturas balizadas nas relações hierarquizadas, sobretudo, pelo poder aquisitivo. Como desdobramento, os movimentos sociais no país que se organizaram principalmente nas áreas de extrema pobreza, passaram a contestar de forma mais aguerrida as estruturas agrárias e econômicas do sistema capitalista em defesa da reelaboração construção da democracia e transformação das relações sociais por uma sociedade mais justa.

É a partir dessas lutas empreendidas por setores religiosos e movimentos populares de diversas naturezas, fossem eles sindicais, grupo jovem, agrário e associações que setores subalternos passam a se organizar, a princípio, para lutar contra os sustentáculos que configuravam as diferenças sociais cristalizadas por velhas práticas de dominação, fossem elas políticas ou religiosas pela coesão e relativa paz da sociedade jacobinense.

Assim como o Inquérito policial um processo Crime movido no Poder Judiciário da Comarca de Jacobina, bem como, os periódicos de *O Grito da Terra* produzidos no decorrer das décadas de 80 e 90 recorte proposto nessa pesquisa, nos permitiu mapear os conflitos envolvendo o religioso, os posseiros, os trabalhadores rurais, as lideranças sindicais e os fazendeiros numa verdadeira luta de forças pelos centros de decisões, a exemplo dos sindicatos rurais. Sempre guiados pelo discurso da fé, sobretudo,

¹⁶⁰ SILVA, Margarete Pereira da. Não tenho paciência histórica: A Igreja popular em Juazeiro (1962-82). Dissertação de Mestrado em História. Salvador, UFBA, 2002. p. 241.

influenciados pela corrente marxista, que esses movimentos sociais visibilizaram segundo Michel Lowy, uma luta de classes.¹⁶¹

Nessa perspectiva, essa pesquisa pode contribuir, sobremaneira, para os estudos referentes ao processo de mudança da concepção cristã da Igreja Católica entre as décadas de 60 e 80, no que tange aos movimentos sociais que se generalizaram pelo território brasileiro, com clara referência para os abalos das estruturas não apenas sociais, mas dentro da própria instituição com destaque para o interior da Bahia, mais especificamente Jacobina, nosso ponto de observação. Relativizando assim, os espaços historicamente construídos, para a percepção dos elementos que permeiam as relações em sociedade, sendo ainda, fundamental para fortalecer um lastro de produções sobre a história local. Sendo assim, o estudo dessa relação entre Religião e Política pode inclusive evidenciar de que forma elas se relacionam e se aproximam pela influência que exercem nas dimensões da vida humana.

¹⁶¹ LOWY, Michel. 1938- Marxismo e Teologia da Libertação. Tradução, Myrian Veras Baptista- São Paulo: Cortez: Autores associados, 1991. Coleção polêmicas do nosso tempo. p. 96-98.

FONTES:

I. Impressas

A Tarde. (1989-1991)

O Grito da Terra. (1992-1995)

Jornal Tribuna da Bahia (1990)

Jornal da Bahia (1989-1990)

II. Orais

Padre José Hehenberge, 78 anos, Religioso da cidade de Jacobina. Entrevista realizada no dia 18 de dezembro de 2013.

III. Lista dos processos encontrados no Fórum Jorge Calmon (Sem classificação e por ordem cronológica)

Habeas Corpus preventivo movido no ano de 1989, tombado sob o número 1.450. Partes envolvidas: João Maximiniano (impetrante) Arlindo Rodrigues dos Santos (paciente);

Queixa-crime autuado no ano de 1990, tombado sob o número 1.521. Parte envolvida: Jairo Matos da Silva (impetrante) e José Hehenberge (impretrante). João Pedro Alves de Souza (querelante) e João Maximiniano dos Santos (querelante);

Inquérito Policial movido no ano de 1982, registro 07/82. Partes envolvidas: Casa Paroquial e sede do Instituto Apostólico das Missionárias do Divino Espirito Santos (vítimas).

IV. Arquivo

Arquivo Público Municipal de Jacobina;

REFERÊNCIAS:

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado**. Ensaios de teoria da História. Bauru-SP: Edusc, 2007.

ARAÚJO, Carla Côrte de. **Os Carcarás e a sua Trajetória Política: uma construção discursiva**. Monografia (especialização); Universidade do Estado da Bahia, Jacobina-BA, 2008.

BARROS, José D'Assunção. **O Campo da História – Especialidades e Abordagens**. Petrópolis: Vozes, 2004.

BETTO, Frei. **Batismo de Sangue: Guerrilha e morte de Carlos Mariguela**. 14º ed. Rio de Janeiro: Rocco 2006.

FAUSTO, Boris. **Crime e cotidiano**. São Paulo: Edusp, 2001.

BOFF, Leonardo. **1938- Igreja Carisma e Poder**. 2 ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

_____. **Eclesiogêne: A Reinvenção da Igreja**. Rio de Janeiro: Record, 2008

_____. Todo ponto de vista é a vista de um ponto. Disponível em: <http://www.campinas.sp.gov.br/governo/gestao-e-controle/cursos/anexo-encontro-conselheiro_s/ponto-de-vista.pdf>. Acesso em: 23 abr 2014.

CHALHOUB, Sidney. Introdução: Zadig e a História. In: **Visões da liberdade. Uma história das últimas décadas da escravidão na corte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

ESTANQUE, Elisio. **Sindicalismo e movimentos sociais: ação coletiva e regulação social no contexto europeu e português**. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/neils/downloads/05-elisio.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2014.

FARIAS, Sara Oliveira. **Enredos e tramas nas minas de ouro de Jacobina**. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal do Pernambuco, Recife, 2008.

GUIMARAES. Luiz, Ernesto. **A Teologia da libertação e o contexto latino-americano**. p. 6. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/sepech/sepech08/arqtxt/resumos-anais/LuizEGuimaraes.pdf>>. Acesso em: 22 ago. 2014.

HOSBAWN, Eric; RANGER, Terence. **A Invenção das Tradições**. Tradução: Celina Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

JESUS, Zeneide Rios de. **Eldorado Sertanejo: Garimpos e Garimpeiros nas serras de Jacobina (1930-1940)**. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

LE MOS, Doracy Araújo. **Jacobina sua história, sua gente**. Feira de Santana: Grafimort, 1995.

_____. **O Missionário do Sertão**. 2000.

LOWY, Michael. **Marxismo e Teologia da Libertação**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1991.

MAAR, Wolfgang Leo. **O que é Política?** 16 ed. 24º reimpr. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MACHADO, Adriano Henriques. **A influência dos setores católicos na formação do Partido dos Trabalhadores: da relação com os movimentos sociais à ideia de formar um novo partido**. XXV Simpósio Nacional de História da ANPUH, Fortaleza, 2009.

MAINWARING, Scott. **Igreja Católica e Política no Brasil- (1916-1985)**. Tradução: Heloisa Braz de Oliveira Prietro. São Paulo: Brasiliense, 2014.

MOURA, Clóvis. **Sociologia política da guerra camponesa de Canudos: Da destruição do Belo Monte ao aparecimento do MST**. Disponível em: <[http://www.reformaagrariaemdados.org.br /sites/default/files/Sociologia](http://www.reformaagrariaemdados.org.br/sites/default/files/Sociologia)>. p. 20-24. Acesso em: 14 dez. 2014.

NASCIMENTO, Valdeci Costa do. **“A ação Pastoral de Padre José Hehenberge em Jacobina a partir do viés dos movimentos sociais no Brasil na década de 80”**. Monografia de especialização apresentada ao Curso de Pós-graduação em História Cultural, Urbana e Memória. Universidade do Estado da Bahia- UNEB, campus IV. 2006.

NORA, Pierre. **Entre memórias e Histórias: A problemática dos lugares**. Projeto História, nº 10, dez., 2008. p. 7-28.

OLIVEIRA. Valter, Gomes, Santos de. **Revelando a Cidade: Imagens da modernidade no olhar fotográfico de Osmar Micucci (Jacobina 1955-1963)**. Dissertação (Mestrado em História Social) Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

PINHEIRO, Gilmar de Oliveira Ferreira. **“Os Monges de Branco” e os sertões das Jacobinas: Catolicismo e Restauração nas ações missionárias de Pe. Alfredo Haasler**. (1938/1965). Dissertação (especialização em História) Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana-BA, 2012.

PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2011.

Práticas e Discursos na Relação entre Igreja e Estado no ano de 1968- Pernambuco. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S22.768.pdf>>. Acesso em: 23 jul. 2014.

PRIORE. Mary, Del. VENACIO, Renato. **Uma Breve História do Brasil**- São Paulo:

SABOURIN, Eric. **Reforma agrária no Brasil: considerações sobre os debates atuais**. Disponível em: <<http://www.economia.esalq.usp.br/intranet/uploadfiles/1119.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2014.

SABOYA, Vilma Eliza Trindade. **A Lei de Terras (1850) e a Política Imperial - seus Reflexos na Província de Mato Grosso.** Disponível em: <<http://www.anpuh.org/arquivo>>. Acesso em: 14 jul. 2014.

SANTOS, Martins dos. **Agricultores em movimento: Experiência de sindicalismo rural em Várzea Nova-BA (1980-1990).** Monografia (Graduação em História), Universidade Estadual da Bahia, Jacobina-BA, 2011.

SILVA, Margarete Pereira da. **Não tenho paciência histórica: A Igreja popular em Juazeiro (1962-82).** Dissertação de Mestrado em História, Salvador, UFBA, 2002.

SILVA, Marinélia Souza da. **Memórias em Conflitos: Padre não deve se meter em política? Conflitos e Religião em Riachão do Jacuípe/BA nas últimas décadas do século XX.** Dissertação (Mestrado em História Social) Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

ZACHARIADHES, G. C. (org.) **Ditadura militar na Bahia: novos olhares, novos objetivos, novos horizontes.** Salvador: EDUFBA, 2009. Disponível em: <http://static.scielo.org/scielo_books/3ff/pdf/zachariadhes-9788523209100.pdf>. Acesso em: 04 mai. 2014.